

# psicanálise e filosofia fronteiras

kleber lopes de oliveira

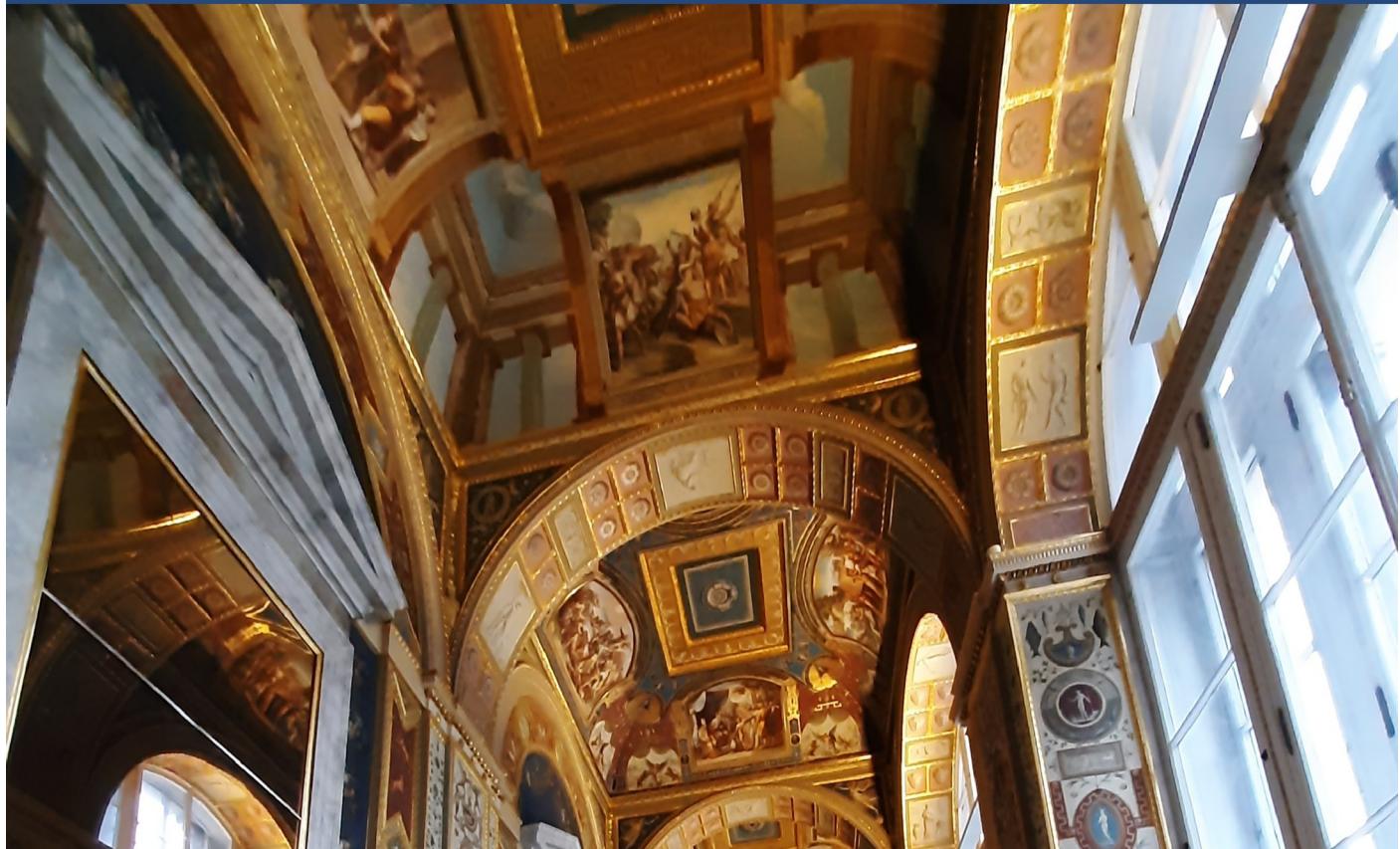


Imagen da capa: Loggias de Rafael em museu Hermitage, São Petersburgo, Rússia.

Foto: Kleber Lopes de Oliveira

## PREFÁCIO

Enquanto a Psicanálise busca compreender, alcançar um saber sobre a sexualidade – o como vivemos com, e a partir deles, dos afetos, dos sentimentos, das emoções da alma –, isto a partir de sua clínica, de sua teoria e da técnica, estando essas três em constante dialética através da Psicanálise em extensão (que são os estudos, a transmissão da mesma, seja com os pares ou com públicos mais distanciados do fazer Psicanálise e desta em intenção (o espelhamento, em clínica, por parte dos analistas, da sexualidade dos analisandos, através da análise e da interpretação). Por outro lado, a Filosofia, em seu imenso leque temático, busca alcançar aproximações, cada vez mais vigorosas, de sabedorias que, por serem o que são, próprias sabedorias, expressem, sempre dentro dos limites pertencentes ao humano, fronteiras ao que são as verdades da physis, seja esta enquanto física, natureza, e physis da pólis, do viver político, do homo politicus.

À primeira vista, os temas psicanalíticos são díspares em relação aos temas filosóficos, entretanto, reconhecemos que tanto a Psicanálise quanto a Filosofia tratam, se não dos mesmos modos, mas dos mesmos temas ou, pelo menos, num exemplo, temas filosóficos, que são meditados muito distantes dos temas psicanalíticos, partem de pressupostos sexuais, digo, afetivos para terem suas validades, primeiro nos pensadores que a eles se dedicam, e, após, naqueles que coincidem, em suas sexualidades, com as temáticas e com os modos das mesmas serem tratadas.

Vamos a alguns exemplos. Em Filosofia há a área de Ontologia, que trata do ser enquanto ser, dos seres enquanto seres; da possível relação entre o ser e os seres; do que seja o ser ou os seres, o que são, se é que são, enquanto suas próprias verdades, suas próprias essências. Temos também a Filosofia da Linguagem que, dentre tantos outros atributos, há o de investigar a possibilidade de dizermos verdades ou a verdade do mundo; a Filosofia da Linguagem reflete sobre as aproximações coincidências e distanciamentos entre o que é dito e a coisa, e as coisas mesmas; se há correspondência entre o dito e o que ocorre.

Agora retomemos o tema principal da Psicanálise: de onde partem, com o que se misturam, como são transformados, subjugados, reprimidos, sublimados nossos afetos? Esses próprios afetos, que moldam nosso desenvolvimento desde tenra idade, que definem o jovem e que são o lastro do adulto?

Conosco ainda observando a Psicanálise, em quem e onde os afetos ocorrem? No sujeito, este que é quem lida, pelo menos, com suas, e de outros, questões acerca do ser; que buscam dar conta do ser e do não-ser através da linguagem; que, através da estética, depara-se e se sensibiliza, que é afetado pelo mundo; que politicamente busca dar conta dos problemas sociais, problemas esses que afetam também esses sujeitos voltados à soluções dos problemas da pólis. Qual o papel da Filosofia da Ciência para o melhoramento da Psicanálise, e vice-versa? A primeira questiona se as epistemes (as competências no fazer científico) são válidas o suficiente para permanecerem epistemes, e a segunda, a Psicanálise, constrói episteme que aceita haver, por exemplo, naquilo que consideramos humano, a contraditoriedade enquanto seu constituinte, o antagonismo, o contraposto posto no mesmo sujeito. Aqui temos uma

revolução científica em constante andamento, já que este próprio sujeito antagônico, a partir desta mesma condição, provoca metamorfoses, tanto em si mesmo, quanto, pelo menos a princípio, na microssociedade à qual ele pertence.

A sexualidade é o amálgama entre o sujeito e o mundo. E, se assim é, o sujeito em Psicanálise é tanto aquele que se coloca enquanto analista; aquele que se coloca enquanto analisando; são filósofos que buscam verdades das coisas, dentre essas coisas também há outros sujeitos (Antropologia Filosófica, Ética, Filosofia da Arte). Aqui falamos da Cultura, e esta, afetivamente, abrange tudo e todos.

Sabemos que a tarefa deste livro, *Psicanálise e Filosofia: fronteiras*, é a de, sempre em fronteiras, quero dizer, estando noutro lugar, em lugar nenhum, em um lugar e nas correspondências entre esses mesmos lugares e lugar nenhum, transmitir valores da mirada, da relação, de afastamentos dessas duas áreas extremamente importantes e sempre revolucionárias da Cultura. Isto é essencialmente um diálogo(?).

Parece ser sempre importante considerar a questão do "sujeito" como a nossa questão estruturante. Diríamos que, a princípio, desde o nascimento – e, para muitos, como propõe o psicanalista Wilfred Bion, desde nossa estada no útero –, somos sujeitados ao ambiente, à criação; às relações extrafamiliares; à percepção de nós mesmos enquanto seres pensantes em corpo; o que esta coesão mente corpo faz de si mesma; as influências, também do ambiente dito natural, enfim, vale se refletir sobre a condição de não sermos indivíduos, logo, não sermos indivisivos, monolíticos, e sim seres plásticos, adaptáveis, superadores do que até agora somos. Até que ponto nos reconhecemos livres o suficiente para criarmos a nós mesmos, sempre na condição de sujeitos, e ainda bem que sujeitos?

\*

"La verdad en sí misma es validez y, como tal, algo que tiene valor."  
 "En la alegría como alegría asumo valores, en la verdad como verdad simplemente vivo."<sup>1</sup>

Há uma altivez em não se submeter a verdades alheias, sejam elas pertencentes ao Racionalismo, Empirismo, Fenomenologia ou qualquer outra forma, logo, enquadro do mundo, este que é ou são em verdade ou verdades. O mundo, este místico, pois "distante" (naquilo que é, ou são), mesmo assim sendo, dispõe-se na soleira do ente privilegiado (nós), mas não meramente nos emaranhados mentais deste ser-aí, do *dasein* (Heidegger). Nos faltaria, nesta "união", liga, elo, sentido: nos faltaria valor. E é de valores que, quiçá, é constituído o mundo-para-mim, valores que se casam com desejos; outros momentos, outros desses desejos cedem à cultura (Freud), e, em sublimação, digo, percebendo, fazendo a vida sublime, artística na nossa própria apreensão, transcendências passam a nos distinguir de milhões de anos do hominídeo, este quase animal; este projeto de humanidade (que, em grande parte, permanece os mesmos: quase animal e projeto de humanidade) que guia a si mesmo, sendo sua bússola às próprias construções culturais: sempre imanência. A alegria inocente (Nietzsche), não ingênua, expressa que estamos, que somos o caminho certo para nós mesmos, cada um em seu trajeto, sendo linguagem, logo, sendo-com, sendo o ser repleto de valores, de vida, de verdades.

\*

"(50) Una criatura es más perfecta que otra por el hecho de encontrar en ella lo que sirve para dar razón a priori de lo que acontece en la otra; y, por eso, decimos que actúa sobre la otra.

(52) [...] las Acciones y Pasiones entre las criaturas son mutuas. [...] aquello, que bajo un cierto aspecto es activo, considerado bajo otro punto de vista es pasivo: Activo, por cuanto que lo que en ello se conoce distintamente sirve para dar razón de lo que acontece en otro; pasivo, por cuanto que la razón de lo que en ello acontece se encuentra en lo que se conoce distintamente en otro. (*Teodicea*, § 66)."<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> HEIDEGGER, Martin. **La idea de la filosofía y el problema de la concepción del mundo**. Barcelona, ES: Herder, 2005. 165 p. ISBN 84-254-2355-4.

<sup>2</sup> LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. **Monadología**. Oviedo, ES: Pentalfa Ediciones, 1981. 157 p. ISBN 84-854-22-5-8.

"Certamente, nada nos impede de supor que as pulsões mesmas sejam, ao menos em parte, precipitados dos efeitos de estímulos externos que, no decurso da filogênese (evolução das espécies), atuaram de forma transformadora sobre a substância viva."<sup>3</sup>  
Parênteses meus

Os organismos são provocados, intrínseca e extrinsecamente, e nós, sujeitos, por milhões de anos, enquanto seres orgânicos, também conhecidamente há centenas de milhares de anos de nossa pré-história, de cerca de 13 mil anos conhecidos, a princípio, pela Arqueologia, e posteriormente através da História até nossos dias, somos invadidos pelo mundo através dos sentidos. Este ser organizado, o humano, por ser coeso enquanto unidade cambiante, por lhe faltar entendimento pleno, e deste ao entendimento fragmentário, reverbera inúmeros mistérios do todo (fragmento ainda sem linguagem); mas este coeso se espanta (*pathos*), daí direciona-se, dispõe-se ao mundo que agora lhe pertence, pelo menos em acolhida, e desta matéria-prima o sujeito faz arte, pensa, e se pensa, o mundo é constituído, mundo este fusão entre o cosmos natureza e o cosmos político (Inconsciente, em predomínio), cultural, entretanto, sua verdade, sua validez funda-se na sexualidade, no afeto, já que, caso não fossemos afetados pelo mundo, seríamos semelhantes a vidros, dos mais finos e transparentes, e as coisas seriam como relâmpagos – teríamos um quase-*pathos* –, estaríamos ad-infinitum, enquanto espécie (o que seria impossível), diante a algo quase sempre "quase não-percebido". Mas o mundo sempre nos afeta, impõe-se e desejamos conhecê-lo, desejamos vivenciá-lo, mantê-lo, desfrutá-lo, rechaçá-lo: desejamos existir. Mas, diante ao eterno devir, o mundo, a existência se esvai; por outro lado, insistimos através da pulsão de vida e da pulsão de morte, forçamos ao máximo para que o pêndulo da vida perdure em movimento. Esses "precipitados", as pulsões, são nosso grande elo à permanência, não digo na vida, mas na existência.

\*

"Sustentei, e continuo sustentando, que não é aquela (formação) que a universidade prevê para um médico. A assim chamada formação médica me parece um caminho tortuoso para a profissão de psicanalista, que, é verdade, proporciona muita coisa indispensável para o analista, mas também o sobrecarrega com muitas outras que ele jamais utiliza, e traz o perigo de que seu interesse e seu modo de pensar sejam afastados da compreensão dos fenômenos psíquicos. O plano de ensino para um analista ainda será criado, ele deve abranger material das ciências humanas, de psicologia, história da civilização, sociologia, e também da anatomia, biologia e história da evolução. Nele haverá tanta coisa a ensinar, que se justifica deixar fora da aula o que não tem relação direta com a atividade analítica e pode contribuir apenas indiretamente, como qualquer outro estudo, para o treino do intelecto e da capacidade de observação. É cômodo lembrar, em objeção a essa proposta, que tais faculdades de psicanálise não existem, que isso é apenas uma exigência ideal. Sem dúvida, é um ideal, mas que pode ser realizado e tem de ser realizado. Com todas as deficiências devidas à sua pouca idade, nossos institutos já são o começo de tal realização."<sup>4</sup> Parênteses meus

<sup>3</sup> FREUD, Sigmund. **As pulsões e seus destinos**. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2014. v. 2. Obras incompletas de Sigmund Freud. ISBN 978-85-8217-315-2. E-book Kindle. Não paginado.

<sup>4</sup> FREUD, Sigmund. **A questão da análise leiga**: diálogo com um interlocutor imparcial. In: FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos: (1926-1929). São Paulo, SP: Schwarcz, 2014. v. 17, ISBN 978-85-438-0003-5. E-book Kindle. Não paginado.

Este ideal do inventor da Metapsicologia, da criação de “faculdades de psicanálise”, já está sendo realizado. Enquanto exemplos, podemos dizer que há, pelo menos, uma faculdade de Bacharelado em Psicanálise no Brasil, e também há no exterior, e sob a mesma equivalência em bacharelado, posso dizer que há faculdades na Rússia.

Quanto ao plano de ensino, proposto por Freud, ao que se refere a área de Humanas – proponho também a inserção da área de Artes –, eu acrescentaria, especificamente, a necessidade em ter-se História da Religiosidade Ocidental, partindo-se do Orfismo grego; Antropologia Cultural; Teatro; Literatura Geral; Ontologia; Mitologia; Belas Artes; Estética e tantos outros campos de conhecimento que serviram e servem à Psicanálise na sua tarefa de interpretação em setting analítico e na sua própria construção da teoria.

Acerca dos outros pés do tripé de formação psicanalítica – um desses pés do tripé já foi citado acima, que é a própria formação teórica –, supervisão<sup>5</sup> e análise pessoal. Claro, estes dois precisam ficar a cargo dos próprios encaminhamentos que o analista em formação faz de seu processo preparatório, neste caso, fora da faculdade, com, no máximo, no que se refere a práxis na faculdade, exercícios coletivos de estudos de casos que ocorram através da "supervisão" ministrada na Instituição de Ensino Superior.

\*

“Na vida adulta, a integração é desfrutada num sentido do termo que vai se ampliando até alcançar a integridade. A desintegração – durante o repouso, o relaxamento e o sonho – pode ser admitida pela pessoa saudável, e a dor a ela associada pode ser aceita, sobretudo porque o relaxamento está associado à criatividade, de forma que é a partir do estado não integrado que o impulso criativo aparece e reaparece. As defesas organizadas contra a desintegração roubam uma precondição para o impulso criativo e impedem, portanto, uma vida criativa.”<sup>6</sup>

A integridade é fundamental para que nos reconheçamos, que possamos nos distinguir daquilo que não é nossa própria identidade e daí nos relacionarmos com tudo e com todos.

Por outro lado, a desintegração nos permite acessar os desejos do inconsciente, nos dispõe a reformulações, à fruição, à visões de coisas sublimes, um mais além de nosso cotidiano. Ela, a desintegração, nos dispõe à própria criatividade, não apenas artística, mas no continuarmos o desenvolvimento de nós mesmos.

\*

“Maturidade adulta

A cidadania mundial representa uma realização extremamente rara no desenvolvimento do

<sup>5</sup> Através de outro analista, supervisão do próprio inconsciente do analista, iniciante, que passa a atuar.

<sup>6</sup> WINNICOTT, Donald W. **O conceito de indivíduo saudável** [1967]. In: WINNICOTT, Donald W. Tudo começa em casal. São Paulo, SP: Ubu Editora, 2021. ISBN 978-65-86497-46-5.

indivíduo, e é bem pouco compatível com a saúde pessoal ou com a ausência de depressão. Com exceção de alguns exemplos isolados, os adultos maduros gozam de saúde como membros de um subgrupo do grupo total; quanto mais limitado o tamanho do grupo, menos apropriado é o epíteto de maturidade. Assim, temos aqueles que gozam de saúde, mas no interior de um grupo limitado; e aqueles que, lançando-se em direção ao grupo maior, perdem a saúde.”<sup>7</sup>

A "maturidade adulta" nos encaminha basicamente à duas perguntas: o que é a "cidadania mundial" e o que é "o gozo de saúde como membros de um subgrupo do grupo total".

Sabendo que o tema é a maturidade do adulto. Escolhemos refletir primeiramente acerca da nossa saúde estando inseridos num subgrupo de um grupo total.

O desenvolvimento humano é um encaminhamento, de madurezas à madurezas anteriores, até um alcance de relacionamentos do sujeito com o subgrupo do grupo maior que ele faz parte. Podemos situar este amadurecimento de várias formas: à uma classe social, burguesa ou proletária, rural ou urbana; à uma classe cultural - a artística, por exemplo, ou apreciadora das artes, também como exemplo -, seja "erudita" ou "popular"; à uma classe esportiva, da base de uma pirâmide ou ao seu topo, dentre outros tantos subgrupos de grupos que lhes acolhem, aos sujeitos, e lhes mantêm vivos (isto em constante dialética). Em todos esses exemplos a maturidade pode ser considerada a nossa capacidade de nos reconhecermos partícipes de uma classe, mas não de todo passivos, e sim, sobremaneira, atuantes na própria classe, a reconfigurando, a expandindo, nós produzindo, criando e nos satisfazendo quase que plenamente no lócus aceito por nós mesmos.

Por outro lado encontramos a "cidadania mundial", mais rara, e, talvez, aquela que demonstre a máxima capacidade do indivíduo aceitar sua humanidade, pois, mesmo este indivíduo possuindo seus credos, suas verdades, valores, suas seleções do belo, todos esses situados no subgrupo ao qual o sujeito pertence, este reconhece a necessidade, digamos, ecumênica de conviver com o sumamente diferente, com aqueles humanos que encontram-se, muitas vezes, a milhares de quilômetros de distância do seu viver, mas este reconhece que, de inúmeras formas, belezas, crenças, valores, verdades alheias ao seu subgrupo, podem possuir, e muitas vezes possuem, ensinamentos para o sujeito, e isto faz com que ele, em inúmeros momentos, reconheça que seu subgrupo é apenas um campo com fronteiras invisíveis e este mesmo campo não existe para exclusão, mas, ao contrário, para que o próprio sujeito amadureça em um viver cada vez mais planetário culturalmente. Com isto, a facilidade em aprender e contribuir com outras culturas será imensamente maior.

\*

“[...] é bastante frequente que um bebê retorne à dependência, depois de já ter se mostrado

<sup>7</sup> WINNICOTT, Donald W. **Descrição teórica do campo da psiquiatria infantil** [1958]. In: WINNICOTT, Donald W. Família e desenvolvimento individual. São Paulo, SP: Ubu Editora; Martins Fontes, 2022. ISBN 978-85-7126-096-2.

deveras independente com um ano de idade. Essa progressão da dupla dependência à dependência, e desta à independência, não é apenas expressão da tendência inata do bebê a crescer; esse crescimento só pode ocorrer caso se processe numa outra pessoa uma adaptação muito sensível às necessidades do bebê.”<sup>8</sup>

O desenvolvimento do bebê não depende apenas do fornecimento de provisões para o seu sustento físico, assim como de orientações, desvinculadas de afeto, no intuito de que este ser em formação absorva, tal qual esponja, os parâmetros para adequadas inserções sociais, essas com seus limites, censuras. É claro que as provisões materiais suficientes e limites sociais são imperativamente necessários, mas eles isolados não têm a plena suficiência para a formação do sujeito.

Sob perspectivas mais sutis, uma dialética afetiva entre a mãe (ou outro cuidador) e o bebê, contínua – dentro dos limites humanos – observação deste ser em formação, ao qual ela, a mãe, está ligada; um acolhimento não pleno no cuidar, pois incapacitaria o bebê de experienciar um vazio necessário, uma falta que lhe impulsiona ir mais além: pensar, questionar, criar, ser. Condições ambientais que estimulem que este ser em formação seja a cada dia, pouco a pouco, mais complexo em suas relações, capaz de tornar-se si mesmo, seja este “tornar-se” só ou acompanhado, que consiga, conforme as etapas de desenvolvimento, amar além da mãe, indo ao mundo. Isto é expressão de suficiência de uma mãe ou de seu substituto.

\*

“Neste livro se acha um “ser subterrâneo” a trabalhar, um ser que perfura, que escava, que solapa. Ele é visto – pressupondo que se tenha vista para este trabalho na profundezas – lentamente avançando, cauteloso, suavemente implacável, sem muito revelar da aflição causada pela demorada privação de luz e ar; até se poderia dizer que está contente com o seu obscuro labor. Não parece que alguma fé o guia, algum consolo o compensa? Que talvez queira a sua própria demorada treva, seu elemento incompreensível, oculto, enigmático, porque sabe o que também terá: sua própria manhã, sua redenção, sua aurora?... Certamente ele retornará: não lhe perguntam o que busca lá embaixo, ele mesmo logo lhes dirá, esse aparente Trofônio e ser subterrâneos quando novamente tiver se ‘tornado homem’. Um indivíduo desaprende totalmente o silenciar, quando, como ele, foi por tão longo tempo toupeira, solitário.”<sup>9</sup>

Saber sobre aquilo que não nos pertence é tarefa relativamente fácil, apropriadamente repetitiva (mimética), condicionada à inserção nas cadeias sociais: conquista da Cultura. Já a artesania de si mesmo, o ir a fundo nas questões essenciais do existir, do que se é e de como as coisas são em nós (quiçá ambas sejam o mesmo); uma insistência quase insana, um sair dos trilhos, a profunda desconfiança de que o que se é, é um menos, bem menos do que esperaríamos que

<sup>8</sup> WINNICOTT, Donald W. **O primeiro ano de vida: concepções modernas do desenvolvimento emocional** [1958]. In: WINNICOTT, Donald W. Família e desenvolvimento individual. São Paulo, SP: Ubu Editora; Martins Fontes, 2022. ISBN 978-85-7126-096-2.

<sup>9</sup> NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora**: reflexões sobre os preconceitos morais. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. ISBN 85-359-0478-6.

fôssemos. Aceitar viver num balde – a metáfora é sempre bem-vinda –, como o desafiador Diógenes de Sínope (um cínico) o fez. Diante a questões eleáticas, lhe perguntaram se realmente existe o movimento – já que tudo é, mas sendo o tudo aparente, só haveria o ser. Mas Diógenes não lhe disse nada, apenas andou.

Noutra vez, Alexandre, o Grande, em sua conquista de Atenas, ansioso por conhecer este estranho sábio, foi até ele e, Diógenes, incomodado por Alexandre fazer sombra ao mais importante, lhe disse para se afastar, pois o Sol estava sendo barrado. Por fim, por hora, diante ao conceito de Platão acerca de homem ser um bípede sem penas, Diógenes pegou um galo, depenou vivo e o jogou na Academia, escola de Platão, dizendo: eis um homem...

Sem dúvidas, Diógenes de Sínope foi um escavador e já estava na superfície, sempre fornecendo suas palavras e silêncios desconcertantes. Suportamos isto? Suportamos ser subterrâneos?

\*

"Quem toma a sexualidade por algo vergonhoso e humilhante para a natureza humana tem inteira liberdade para usar expressões mais nobres, como "Eros" e "erotismo". Eu próprio poderia tê-lo feito desde o início, poupando-me de muita hostilidade. Mas não quis fazê-lo, porque prefiro evitar concessões à pusilanimidade. Nunca se sabe aonde conduz esse caminho; primeiro cedemos nas palavras, e depois, pouco a pouco, também na coisa."<sup>10</sup>

Aqui, prefiro evitar falar de inúmeras mazelas que historicamente foram implantadas no Espírito Ocidental – neste pelo menos – e que causaram, e ainda causam, torturas e mortes de milhões "em nome de Deus". Sinceramente, para mim, a participação do Divino nesses genocídios é zero. A pulsão sexual, pensando pelo menos nos seres orgânicos, talvez seja a maior das energias existentes. Num recorte sobre a matéria, esta que também nos constitui, perguntamos: O que nos mantém vivos? O que nos mantém seguindo adiante? O que nos mantém reproduzindo? Tudo isto, mesmo conosco diariamente reconhecendo que a vida cultural, pelo menos na maior parte dos países, ainda é sob extremada pobreza, fome, em muitos com guerras e suas consequências, manipulações políticas para que nosso, da maioria, status quo permaneça ou até mesmo reduza, mas que continuemos a nos manter "confortavelmente anestesiados".

A Cultura nos sustenta, sim, mas só em parte, pois ela é ainda um resultado muito recente – possuímos cerca de 13, 12, 10 mil anos de história conhecida – e por demais cambaleante; fruto de razões temerosas para com as adversidades da natureza; mais adiante buscamos algum apaziguamento para com as próprias forças naturais: criamos os deuses; ainda mais adiante alcançamos o exercício mental suficiente para nos determinos, muitos de nós, num único Deus<sup>11</sup>; construímos filosofias e filósofos que, a princípio, se divinizaram para que suas palavras tivessem

<sup>10</sup> FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas**. In: FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e Análise do Eu e outros textos: (1920-1923). São Paulo, BR: Schwarcz, 2011. v. 15. ISBN 978-85-8086-073-3. E-book Kindle. Não paginado.

<sup>11</sup> Isto ainda não é solução. Observemos, por exemplo, o genocídio feito ao povo palestino em Gaza pelos sionistas, estes que recebem armas, veículos militares e bombas dos EUA, que se diz cristão, fideísta para com o Divino Encarnado.

créditos; filósofos passaram a ser chamados de sábios, aqueles que sabem as verdades das coisas (uma aberração), e, com esta sabedoria bastante sistematizada, a utilizamos nas ciências. Porém, não esqueçamos das apropriações impróprias, feitas por ditos religiosos, da filosofia "pagã", ou até o repúdio "absoluto" delas, mesmo as utilizando sub-repticiamente. E passaram-se 1.500, até 1.900 anos segundo Schopenhauer, de aprisionamento mental em torno de "questões religiosas": "Deus quer isto", "Deus quer aquilo", "Ele me disse", etc.

Já a natureza, no corpo que nos constitui, tem milhões de anos. Há um entranhamento em nós mesmos que não titubeio chamar de sabedoria. Uma árvore com seus frutos, por exemplo, esses não existem para nos alimentar, mas para protegerem a semente. Qual o telos, o fim da natureza, da physis? A natureza é em função de si mesma, da vida. A potência persiste em atualizar-se. Ainda estamos com a matéria. Nada existe para que morais sejam validadas, para que felicidades nos preencham e outras tantas ocorrências do espírito. Pode até ser, mas não é este o caso. O espírito, a mente, ou o que quer que chamemos, é aquilo que depende da natureza, não o contrário. O ser só se dispõe quando há soleira. A história necessita da soleira. Se não há o tablado, também não haverá a existência humana, a história. E parece que o contrário não procede.

\*

Como no sonho e na hipnose, na atividade anímica da massa a prova da realidade recua, ante a força dos desejos investidos de afeto.<sup>12</sup>

Num parecer, vejo que o conciliar desejos e civilização/cultura requer o contínuo reconhecimento da liberdade circunstanciada e perspectivada, e, também, a partir deste reconhecimento, a percepção de que a própria liberdade não seja absoluta, mas relacional com os outros, com a natureza, com as criações civilizatórias.

Por outro lado, a nós são impostas responsabilidades para com as instituições de Estado, suas regulações, seus trâmites, suas burocracias, suas decisões.

As Democracias não estão acima das Repúblicas, nem vice-versa. Em Democracias decidimos quem irá a muitos cargos políticos, por exemplo, assim como inúmeras decisões sindicais e de outras associações, classes etc são dadas. Aqueles sujeitos que foram escolhidos pela maioria assumem um poder que, geralmente, é estabelecido em muitas democracias, poder este representativo, não comissariado. Infelizmente damos procuração aos políticos eleitos, por exemplo, a decidirem, já independentes de nossas novas decisões coletivas, até que seus prazos enquanto representantes terminem, mesmo sabendo que instituições éticas, jurídicas, muitas vezes busquem reduzir a saída do caminho civilizatório dos muitos que tentam se impor diante ao público, mesmo sendo aqueles políticos eleitos. Assim é, constitucionalmente assim foi decidido. Cumpra-se, respeite-se.

Quanto as Repúblicas, essas são os mecanismos de preservação e de superação da própria

<sup>12</sup> FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas.** In: FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e Análise do Eu e outros textos: (1920-1923). São Paulo, BR: Schwarcz, 2011. v. 15. ISBN 978-85-8086-073-3. E-book Kindle. Não paginado.

sociedade, são os instrumentos regulatórios da própria decisão da maioria: a res, coisa pública é gestada pelos três poderes, Legislativo, Executivo e Judiciário: todos esses humanos, logo...

É através das Repúblicas que preservamos as próprias decisões, a princípios democráticos e, na sequência, a depender das formas de tomadas de decisões, muitas continuam, sim, democráticas, já outras são meritocráticas, reconhecidas por indicações ou por concursos públicos.

As Repúblicas são monólitos indispensáveis, sagrados para as sociedades que maduramente reconhecem a necessidade de órgãos reguladores de fluxos de riquezas materiais e culturais de seus povos, assim se espera, sempre em prol de justiças distributivas mais justas internamente às próprias Repúblicas.

Diante a isto, parece que a "realidade", a sublimação seja aquilo que não possa ser esquecido, que a recusa à selvageria, à barbárie expresse a nossa própria capacidade em reconhecer, em continuar, em aprimorar a civilização/cultura, fundamentalmente de nossa República e, caso possamos interagir com outras Repúblicas e Democracias, que seja, a princípio, em profunda e extensa aprendizagem acerca daquela outra Cultura e, talvez, se nos for permitido, caso seja adequado, acrescentaremos algumas contribuições nossas àquela Cultura alheia à nossa própria formação, à nossa própria fundamental vivência enquanto sujeitos.

Saber distinguir, situar e relacionar o lugar do democrático, do republicano e o do mérito é uma grande sabedoria em processos civilizatórios, de cidadanias.

\*

"O parecer final de McDougall sobre a conduta psíquica de uma massa simples, "desorganizada", não é mais benévolos que o de Le Bon. Uma massa desse tipo é: totalmente excitável, impulsiva, apaixonada, instável, inconsequente, indecisa e no entanto inclinada a ações extremas, suscetível apenas às paixões mais grosseiras e sentimentos mais singelos, extraordinariamente sugestionável, ligeira nas considerações, veemente nos juízos, receptiva somente para as conclusões e os argumentos mais simples e imperfeitos, fácil de dirigir e intimidar, sem consciência de si, sem autoestima e senso de responsabilidade, mas disposta a deixar-se arrastar pela consciência de sua força e cometer malefícios que poderíamos esperar somente de um poder absoluto e irresponsável. Ela se comporta então como uma criança mal-educada, ou como um selvagem passional e desassistido numa situação que lhe é estranha; nos piores casos, ela semelha mais um bando de bichos selvagens do que seres humanos."<sup>13</sup>

Possíveis saídas, mesmo que algumas sejam contraditórias (isto por sermos humanos):

Reconhecer-se sujeito aos imperativos do inconsciente (ics); livre, pois pensante, mas desconhecedor de si mesmo; responsável, já que, para sermos, há o outro que evidencia o que nós mesmos somos ou almejamos ser; sentir (por todos os sentidos); perceber (refletir, espelhar); meditar (relacionar reflexões); cuidar do mundo por tempos; dizer (falar, escrever, posicionar-se, mesmo que se esquivando); sentir...

---

<sup>13</sup>Idem.

Autoconhecimento (também pela análise); autopoiese (também através da análise): esculpir-se.

\*

"[...] a dialética de Hegel não consegue 'demonstrar' nada, pois não consegue 'refutar' nada: ela se revela, como a dialética dos seguidores de Heráclito (à qual, não por acaso, Hegel faz referência), uma dialética impotente."<sup>14</sup>

"A verdade é o movimento dela nela mesma."

Hegel, Fenomenologia do Espírito In Enrico Berti<sup>15</sup>

Se, sob a ótica de Hegel, o princípio de identidade nos evidencia seu próprio contraditório, dialeticamente reconhecemos o surgimento do próximo contraditório, a superação de ambos, e neste, mais uma vez, encontramos identidade e diferença. O que é permanece si mesmo e outro. Nisto, cientificamente, sob a perspectiva de Hegel, a verdade não está fixa em nenhuma dessas identificações, seja o idêntico a si mesmo ou em seu oposto, mas situa-se no próprio devir. A Fenomenologia do Espírito é a ciência do vir-a-ser, deste devir, e não das coisas mesmas, já que elas transportam o ser inamovível, pois ele em tudo subjaz, sabendo que tudo é finito. É no princípio da contradição, "da próxima contradição", e não da identidade que podemos encontrar a verdade, ou a verdade a caminho: verdades. A verdade encontra-se no próprio ser, este "movimento" que chamamos de devir. Diante a isto me surge uma dúvida: será a dialética hegeliana, sua ciência do ser, um ceticismo, e, mais especificamente, com características pírrônicas, em contínuo desconsiderar dogmas e permanecer filosofando? Talvez sim, já que, para o próprio Hegel, a ciência do ser é especulativa, logo, um espelhamento do ser, não o que o ser per si é, mas este apenas nos parecendo positivo, por vezes negativo, por horas.

\*

"A perda do enraizamento provém do espírito da época, no qual todos nós nascemos. Continuamos a ser levados a reflectir e perguntarmos: sendo assim podem ainda, no futuro, o Homem ou a obra humana medrar do solo da terra natal e crescer em direcção ao Eter, ou seja, em direcção à extensão (Weite) do céu e do espírito? Ou cairá tudo nas tenazes do planeamento e do cálculo, da organização e da automatização?"<sup>16</sup> [1955]

A intersecção, que é o humano, tem sido pressionada a uma mera horizontalização. A que me refiro?

Duas linhas, uma animal (horizontalidade, só que outra), e a do pensamento (vertical), são unidas, e neste ponto interseccional situa-se nossa própria humanidade: somos pulsão entre a fera e algo eterizado, sublime. Porém, não apenas a partir da vertiginosa imposição da técnica, da

---

<sup>14</sup> BERTI, Enrico. **Contradição e dialética nos antigos e nos modernos**. São Paulo: Paulus, 2013. 464 p. ISBN 978-85-349-3592-0.

<sup>15</sup> Idem.

<sup>16</sup> HEIDEGGER, Martin. **Serenidade**. 1. ed. Lisboa, PT: Instituto Piaget, 2001. 77 p. ISBN 978-972-771-142-0.

planificação, da matematização do pensamento ocorridas no séc. XX<sup>17</sup>, sendo ela a grande sofisticação de pregar ao que vivemos no séc. XXI e, quiçá, viveremos. Aquela intersecção, o humano, vem sendo desfeita com o vergar da verticalidade; mas como nossa porção animal não nos essencializa, já que somos um salto, um entre mundos, o vergar e o consequente unir das duas linhas, tornar este vergar uma totalidade, não numa intersecção, tende a não nos animalizar, mas o que tem ocorrido com o vergar do sublime é tê-lo enquanto instrumento para, outros se apropriando da força animal, nos submeterem mais aos planos meticolosos de tornar-nos a mão de obra perfeita: carne com anima e matematizada.

Situamo-nos numa armadilha urdida há uns 300 anos.

Enquanto possível solução para este labirinto, o saber sentir, saber perceber, saber meditar, refletir, saber criar, saber compartilhar, mantendo-nos vertiginosos, sem perder o animal que nos alimenta da Terra, sem perdermos as estrelas nem os outros vertiginosos como nós mesmos somos. Henri Poincaré, grande pensador francês, que produziu entre final do séc. XIX e início do séc. XX, através da obra *O valor da ciência*<sup>18</sup> nos sinaliza: "O pensamento não é mais que um clarão em meio a uma longa noite. Mas esse clarão é tudo".

\*

"É verdade que a Psicanálise afirma que a insatisfação sexual seja a causa dos males nervosos. Mas será que ela não diz mais que isso? Será que se quer deixar de lado, por ser mais complicado, que ela ensina que os sintomas nervosos brotam de um conflito entre dois poderes, entre uma libido (que geralmente cresceu em excesso) e uma recusa sexual ou um recalque demasiadamente rígido?"<sup>19</sup>

Podemos refletir sobre esses pontos sob vários prismas: sociológico; cultural; arqueológico psicanalítico; em torno da linguagem, das imprecisões dela; teológico; teleológico, axiológico, dentre outros. No nosso caso, preferimos, neste momento, aderir à essas questões acima sobre a existência humana, aqui relacionando, no que for possível, uma antropogênese e a Psicanálise. Aqui continuamos, ensaisticamente, propostas, reflexões de Sándor Ferenczi, em sua obra Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade.

Sabemos que somos singularidades irrepetíveis, e o que até agora alcançamos enquanto sujeitos é resultado de nosso próprio acolhimento e recusa, desejos aceitos, realizados ou sublimados por nós mesmos, conscientemente ou não. Também não esqueçamos que fundamentalmente esses sujeitos, nós mesmos, se constituem prioritariamente na infância, provêm de inúmeras circunstâncias, perspectivas, esquecimentos, autoridades e autoritarismos, traumas e estímulos para que alcancemos futuros, desde "quase nada" até nobres. Somos, desde antes da cultura, compostos da falta do líquido amniótico, este que era nosso oceano mais próximo, mantenedor

<sup>17</sup> Pois a História é longa, e podemos encontrar um dos preparos para este resultado cultural do séc. XX na preparação à Revolução Industrial, tendo seu começo por volta de meados do séc. XVIII, sendo sua culminância mais impactante, perante seu passado recente, nas grandes indústrias do séc. XIX.

<sup>18</sup> POINCARÉ, Henri. **O valor da ciência**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1995. ISBN 85-85910-02-X.

<sup>19</sup> FREUD, Sigmund. **Sobre psicanálise “selvagem”** [1910]. In: FREUD, Sigmund. Observações sobre um caso de neurose obsessiva ["O homem dos ratos"], Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos: (1909-1910). São Paulo, BR: Schwarcz S.A., 2013. v. 9. ISBN 978-85-8086-649-0. E-book Kindle. Não paginado.

da totalidade expressa no silêncio, na paz, ou de nós mesmos enquanto pequenos seres que mimetizavam o estado inorgânico naquele ambiente. Após nascermos, em lembranças fugazes, mas significativas, transportamos a totalidade "oceânica", e esta nos foi lembrada pelo seio da mãe, este instrumento de unidade entre nós e o líquido, ou outra coisa que o substituísse, e migramos de perda em perda (necessárias) de objetos eróticos, sempre em busca do elo perdido, mas que não se nomina por fim.

Nem sempre essas etapas objetais de amor e suas respectivas mudanças são harmoniosamente vivenciadas pelo sujeito através da relação de sua libido e o supereu<sup>20</sup>; relação esta atribulada e, consequentemente, causa do recalque de desejos que seriam, em suas satisfações atendidas, propiciadoras de homeostase psíquica, de saúde.

\*

"As culturas podem ser consideradas como fundadas em laços fantasísticos privilegiados, e acreditamos poder postular que, se diferem entre si de forma tão acentuada, isso se deve às estruturas fantasísticas e delirantes que lhes são próprias."<sup>21</sup>

É pelo acaso, este que aqui podemos conceituar como (sendo fonte das culturas) o que estabelece plena complexidade incontrolável na formação do sujeito. O acaso, agregador de um povo, de um grupo de sujeitos que se constitui numa singularidade; acaso este que paira sobre os mesmos sujeitos enquanto ethos provindo de pedagogias e, dialeticamente, estas mesmas são surgidas daquele mesmo ethos que também se encontra nas famílias que nos formam; nos institutos educacionais que sistematicamente nos adestram à sociedade e, não esqueçamos a importância do dia a dia, seja pela pólis, a pátria, ou através dos mais diversos tipos de contatos com outras pátrias: tornamo-nos. A combinação incontrolável dessas ocorrências alcança o sujeito que se constitui e com isto estabelece – a partir de sua intencionalidade, de sua visada de mundo – seu modo de ser, sua forma de agir. Clima, história do povo, a validade relembrada desta própria história, sua nobreza ou pequenez; valores diante a tantas outras histórias de povos; nossas configurações econômico-sócio-políticas, os projetos nacionais e internacionais inerentes aos Estados e suas relações entre si, aos governos, ao próprio povo que é, também, um sujeito, imantam, neste em formação, características que são, por sua vez, motrizes às suas próprias singularidades.

Deste ponto podemos acrescentar que há o microcosmos do sujeito, o si mesmo – mas que sempre está enredado a tudo e a todos –, e também há seu pequeno macrocosmos, seu cotidiano mais próximo: sejam todos esses experiências – sensações, percepções – e ideias que, muitas vezes, através da Psicanálise, podemos analisar sobre o sujeito e interpretar etiologias de seus próprios padecimentos psíquicos.

\*

"A incoerência da filosofia da reflexão (de Kant e Fichte) se manifesta nas aporias (dificuldades, caminhos sem saída) produzidas quando ela tenta expressar a verdade, que

<sup>20</sup> Em 1910 Freud ainda não havia formulado o conceito de supereu, que veio surgir dez anos posteriores ao artigo refletido por nós, mas olhando como um todo a obra do inventor da Psicanálise, aqui nos parece vantajoso o uso deste conceito.

<sup>21</sup> JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**: a clínica da fantasia. Rio de Janeiro, BR: Jorge Zahar, 2010. v. 2. ISBN 978-85-378-0456-8. E-book. Não paginado.

para Hegel é o inteiro, isto é, o próprio Absoluto, numa proposição suprema e fundamental.”<sup>22</sup> Parênteses meus

Em concordância com Parmênides de Eleia, Hegel não considera que partes - sendo essas experienciadas, vivenciadas enquanto tais, partes - sejam a verdade, já que esta é o próprio Absoluto enquanto tal, e este, enquanto Ser, subinstancia os seres, lhes nomeia, caracteriza, historiciza; o Ser confere razões às coisas, só que essas são em constante decaimento: razões negativas, pois não infinitas. As coisas pensadas da physis são fenômenos, logo, espelhamentos do nômeno, daquilo que é, sendo que este apenas É. Por outro lado, um relógio é, uma galáxia é, a justiça é, e seguimos na infinitude posta, seguimos nos fenômenos. Mesmo que negativos em relação ao Ser enquanto Ser, esta negatividade fenomênica afirma que tudo que é pensado expressa o Ser, mesmo que fragmentariamente, é o infinito-aí. Mas como “o que é” do Absoluto é evidenciado, segundo Hegel, mais apropriadamente através da Filosofia, logo, através da dialética, a contradição é inerente à verdade, sendo que esta é o próprio Ser. Daí, num outro fundamental exemplo para nós, se há o infamiliar, o ambivalente, o sim que é não, o não que é sim, se há o ambíguo, nestas evidências, se há o contraditório, a verdade do sujeito, também para a Psicanálise, é contraditória, logo, a cabeça do Deus Janus, direcionada para dois lados, também é a própria psiché de cada sujeito.

\*

“Tendo me recomposto, tirei da experiência as conclusões corretas: que os sintomas neuróticos não se ligavam diretamente a vivências reais, e sim a fantasias envolvendo desejos, e que para a neurose a realidade psíquica significava mais que a realidade material.”<sup>23</sup>

E, acrescentando, indo mesmo além, talvez também com Hegel (já que, para este a physis, a natureza, é ideia), as ocorrências do mundo exterior situam-se em nossas apreciações, em nossos afetos, nos axios (valores), na sexualidade; tornam-se através deles. Por outro lado, há desejos inconscientes que se reconfiguram com as impressões daquilo que nos chega pelos sentidos; compomos mosaicos do que as coisas são, isto a partir de fragmentos de desejos inconsciente, ancestrais ou mais próximos em temporalidade: os desejos compõem-se com os desejos provindos do acolhimento daquilo caótico (chaos), o mundo externo anterior a nós, estruturando-se logicamente, estruturando-se enquanto linguagem. Deste cosmos que surge, até mesmo através da lógica dos sintomas psíquicos e somáticos, analistas, juntos aos seus pacientes, alcançam muitas maneiras libidinais do ics do analisando, com isto, fazem com que o ics ponha-se ao mundo exterior, daí a singularidade do sujeito, mesmo que em fragmento, torne-se visível afetivamente.

<sup>22</sup> BERTI, Enrico. **Contradição e dialética nos antigos e nos modernos**. São Paulo: Paulus, 2013. 464 p. ISBN 978-85-349-3592-0.

<sup>23</sup> FREUD, Sigmund. **“Autobiografia”**. In: FREUD, Sigmund. O eu e o id, “autobiografia” e outros textos: (1923-1925). São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2011. v. 16, p. 75-167. ISBN 978-85-359-1872-4.

\*

"7[155]

1. Quem conhece os objetivos da natureza e quem seria capaz de ir contra o natural?
2. A natureza não é algo tão inofensivo ao qual poderíamos nos entregar sem arrepios.
3. A questão é se podemos algo contra a natureza e se podemos nos entregar totalmente à ela."<sup>24</sup>

1. Há uma grandiosidade na natureza, e poucos lançam-se ao seu encalço: Nietzsche, Diógenes de Sínope, Sigmund Freud, Sexto Empírico, Kuindzhi, Pirro de Élis, Sófocles são alguns exemplos de coragem que, ao invés de pôr a humanidade em escala máxima, logo, acima do Cosmos, a reconhecem embebida deste Cosmos, mas, comprehensivelmente, repleta de Caos à ser posto em ciência, alguma ciência: um fragmento Cósmico.
2. Mais do que retorno (talvez impossível) ao animal, e sim, compreender as tensões que estão entre o animal e o além-do-homem: talvez seja a saída estratégica. Compreender a pulsão sexual é uma delas. O que é o humano, esta tensão entre natureza e utopia, o que ele deseja?
3. Parece não haver justa medida, mas uma navegação no rio, claro, sem chegarmos a afundar as intempéries. Precisamos ser contra a natureza? Ela, per si, assegura nossa humanidade, esta, que é uma seta à alguns altos, logo, "foras" da própria natureza?

\*

"Lena era incrivelmente calada e calma. Não era o silêncio penoso de um alto-falante quebrado. E nem a calma ameaçadora de uma mina antitanque. Era a calma silenciosa de uma raiz que escuta com indiferença o barulho da folhagem da árvore..."<sup>25</sup>

Ele vivia em Leningrado (São Petersburgo hoje novamente, Rússia), numa vida itinerante de si mesma. Lena surge e, pouco a pouco, assume seu lugar na vida deste homem, essencialmente mais fazendo (cuidando) do que dizendo, ocupando sua vida ao ponto de desconcertá-lo, já que nada lhe pergunta ou lhe propõe. No entanto, ele, impactado por esta imperturbabilidade, lhe faz um interrogatório, para encontrar alguma paz diante daquela calma: pergunta se ela não tem casa, Lena diz que sim, e ela lhe pergunta se ele quer que ela vá embora, ao que ele responde negativamente; e, neste momento investigativo, por fim, pedindo desculpas de antemão, ele lhe questiona se ela pertence à KGB, mas ela calmamente responde, "Não. Trabalho num salão de beleza...".

<sup>24</sup> NIETZSCHE, Friedrich. **Sabedoria para depois de amanhã**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. ISBN 85-336-2096-9.

<sup>25</sup> DOVLÁTOV, Serguei. **O coronel diz que eu amo** (1983). In: CAVALIERE, Arlete (org.). Antologia do humor russo: (1832-2014). 2. ed. São Paulo, BR: 34, 2019. 563 p. ISBN 978-85-7326-723-5.

\*

"O recalque lida com a satisfação sexual no nível do proibido, ao passo que, no caso da sublimação, o sujeito abandona a referência à satisfação sexual direta e lida com ela em sua dimensão de impossível."<sup>26</sup>

Como lidamos apropriadamente com nossos desejos inconscientes? Caso não tenhamos como elaborá-los, estando diante a eles, os teorizando (vendo), alcançando alguma compreensão, principalmente sexual, afetiva, os recalcamos – nisto, retornam ao Inconsciente ou perduram batendo nas portas anímicas, do psíquico, e na somática, na da corporeidade ou, noutro caso, "simplesmente" falando, do nosso corpo. Por outro lado, se nossa relação com outros de nossos desejos for reconhecida, em teoria, por nós enquanto sujeitos, (se conseguimos vê-los, mesmo que em vislumbres suportáveis, que não sejam vivenciados *ipsis literis*), em muitos casos os sublimamos, transferimos a outros pensamentos e ações palatáveis ao nosso gosto e do social a que nos submetemos, nisto, participamos na criação Cultural.

\*

"A existência de necessidades sexuais no ser humano e nos animais é expressa, na biologia, com a suposição de um "instinto sexual". Nisso faz-se analogia com o instinto de nutrição, a fome. A linguagem corrente não tem uma designação correspondente à palavra "fome"; a ciência emprega 'libido'."

"Estabelecemos o conceito de libido como uma força quantitativamente variável que poderia medir processos e transposições no âmbito da excitação sexual."<sup>27</sup>

A pulsão sexual destina-se às satisfações através de caminhos libidinais, de caminhos desejantes: pulsão sexual-sendo ao gozo, à satisfação: erotismo, sedução, afetação, ritos sexuais, carinhos...

\*

"Se podría decir que la idea da su objeto en cada caso sólo en una cierta iluminación aforística [...]"<sup>28</sup>

---

<sup>26</sup> JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**: as bases conceituais. Rio de Janeiro, BR: Jorge Zahar, 2011. v. 1. ISBN 978-85-378-0225-0. *E-book Kindle*. Não paginado.

<sup>27</sup> FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade**. In: FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos: (1901-1905). São Paulo, BR: Schwarcz S.A., 2016. v. 6. ISBN 978-85-438-0750-8. *E-book Kindle*. Não paginado.

<sup>28</sup> HEIDEGGER, Martin. **La idea de la filosofía y el problema de la concepción del mundo**. Barcelona, ES: Herder, 2005. 165 p. ISBN 84-254-2355-4.

Talvez, pelas autoritárias culturas que há milênios nos formam, culturas que autorizam e desautorizam, não a partir de decisões do coletivo, mas de humanos "melhores", tanto que até se consideravam, e ainda muitos se consideram, representantes de Deus na Terra, esclarecedores acerca "do que Deus quer para nós", de "como devemos ser" e outras anestesias que são distribuídas para que não sejamos nós mesmos; e, ainda mais, humanos que se consideravam Deuses, e cada um sendo a "causa das causas" - isto, uma grande contradição -; "Deus Sol" e outras soberbas. Desses desalinhos históricos, muitos de nós também passaram a crer que suas perspectivadas e circunstancializadas verdades seriam universais. Porém, as ideias que temos das coisas, muito provavelmente, se restringem às nossas singularidades: nós enquanto sujeitos, efusões de assujeitamentos e, a linguagem, logo, as ideias, são aforismos, poesias infundáveis, por quem quer que as semeiem e as colham. Como Heráclito de Éfeso nos lembrou há 2500 anos, a natureza ama esconder-se. Só o que nos resta (e que não é pouco, mas tudo que temos, que essencialmente somos) é a arte de pensar e, quiçá, nalguns momentos acertemos. Parece pouco nos sobrar, mas fragmentos podem, cuidadosamente buscando, encaixar-se a outros fragmentos: e todos eles são ideias. E aqui há grandes riquezas, não meramente por ser algo racional, lógico, preciso, e sim, pelos alicerces de nossos movimentos no mundo serem compostos de sexualidade, de afeto. Aforismos (verdades sobre o mundo): horizontes em telas de cada existência.

\*

"As investigações psicanalíticas de Freud ensinaram-nos a considerar os sintomas da conversão histérica como representações, pelo corpo, de fantasias inconscientes. Por exemplo, uma paralisia histérica do braço pode significar – de forma negativa – uma intenção de agressão; uma cãibra, a luta entre duas emoções antagônicas; uma anestesia ou uma hiperestesia localizadas, a lembrança duradoura e fixada inconscientemente de um contato de ordem sexual ou local em questão."<sup>29</sup>

A histeria, por motivos diversos – sendo aquela a que expressa censuras do Superego perante pensamentos "impensáveis", desejos proibidos de emergirem do Inconsciente ao Consciente, e outros tantos barramentos –, detêm-se no corpo e no pensamento, mesmo estes permanecendo dissociados para o Consciente, enquanto causas uns dos outros; noutras palavras, sem a corporeidade. A impossibilidade de elaboração, que desse conta do próprio desejo no ato, ganha seu momento. A hybris, o excesso, "definida" enquanto tal pelo Superego, não tem lugar no mundo cultural, nas realizações sociais daquele sujeito; mas, como o vigor da libido é tamanho, o desejo lança-se e "realiza-se" corporalmente, porém, sem que pensamentos aos sintomas correspondentes alcancem as evidentes relações naquilo com que o corpo, de forma impactante, realiza, e, por outro lado, pensamentos, por vezes, insistem, só que, digamos, sob características ambientais lhes caracterizando como pedaços de sonhos distantes, vivenciados como sombras

<sup>29</sup> FERENCZI, Sándor. **Fenômenos de materialização histérica (uma tentativa de explicação da conversão e do simbolismo histéricos)**. In: Psicanálise III: obras completas. 2. ed. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2011. 485 p. v. 3. ISBN 978-85-7827-271-5.

do desejo que não chegaram em toda sua inteireza ao anímico (ao psíquico): o que se deseja não se pode, mas ocorre, anímica e somaticamente, como dito, não relacionados, estando o Consciente refém num barco sem leme. Nesta metáfora, o sujeito vê paisagens (pensa), o barco singra o oceano (o desejo somatiza-se), mas sem leme, sem rota, sem parada.

\*

"A essência da verdade não é nenhum mero conceito, uma ideia que os homens trazem na cabeça. Ao contrário, é a verdade que se essencia: ela é, em sua respectiva configuração essencial, o poder determinante para toda verdade e não-verdade, aquilo que é buscado, aquilo pelo que se luta e se sofre. A "essência" da verdade é um acontecimento, que é mais efetivo e mais real do que todas as ocorrências e fatos historiológicos, porque ela é seu fundamento."<sup>30</sup>

Vamos às essências, digamos assim, para a Psicanálise, do dito acima por Heidegger.

"A essência da verdade não é nenhum mero conceito, uma ideia que os homens trazem na cabeça." Em Psicanálise, a arché, a fonte da clínica são um "mais além das razões", e este "além" situa-se somática e psiquicamente em sexualidade: afetos, total e parcialmente condensados, deslocados: histeria, obsessão, psicose, metamorfoseados em tiques, chistes, sonhos, obsessões, ânsias, depressões, melancolias, evitação do migrar o objeto de amor (si mesmo) a outro, e outras tantas expressões neuróticas que possamos experienciar. Assim ocorre quando o Inconsciente, por inúmeros e singulares motivos, não se concilia com aquilo que chamamos de Consciente (o próprio inconsciente-também-para-o-mundo) que, o mais diplomáticamente, negocia com a Cultura para que seus desejos sejam satisfeitos.

"Ao contrário, é a verdade que se essencia: ela é, em sua respectiva configuração essencial, o poder determinante para toda verdade e não-verdade, aquilo que é buscado, aquilo pelo que se luta e se sofre." Não é a verdade do analista aquela que precisa ter vez no setting psicanalítico, mas a do analisando, daí, não é tarefa do analista desvendar se esta verdade que aparece faz parte da realidade, e sim, por outro lado, ao analista a clínica requer análise e interpretação das verdades naquilo que é a realidade do analisando, sendo que, por vezes, as verdades lá estão se dizendo sofrimentos.

"A 'essência' da verdade é um acontecimento, que é mais efetivo e mais real do que todas as ocorrências e fatos historiológicos, porque ela é seu fundamento." A história do sujeito, do Inconsciente, é autopoiese, alguma obra de arte daí surgiu: uma escultura, mas, como somos em devir, em vir-a-ser, esta escultura permanece maleável, e é desta maleabilidade escultural de si mesmo que o analista colhe do analisante, junto a este mesmo; com o tempo de análise, vai tirando partes e mostrando ao próprio analisante, lhe questionando se essas partes verdadeiramente lhe pertencem enquanto adulto, ou se foram partes verdadeiras, numa busca de adaptação, nas forças que se tinha, ao complexo mundo da

---

<sup>30</sup> HEIDEGGER, Martin. **As questões fundamentais da filosofia**: "problemas" seletos da "lógica". 1. ed. São Paulo, BR: WMF Martins Fontes, 2017. ISBN 978-85-469-0146-3. E-book.

infância, ou de outros momentos das fases formativas do sujeito.

\*

"Pode ser que o campo de visão de toda lógica, enquanto lógica, distorça justamente a visão da essência da verdade. Pode ser que até mesmo os pressupostos de toda lógica não admitam uma questão originária sobre a verdade. Pode ser que a lógica não alcance nem mesmo a antessala da pergunta sobre a verdade."<sup>31</sup>

### Brevidades sobre lógicas

Lógica dedutiva: correspondência da linguagem ao mundo: setas. Se cor-RES-ponde, a RES, as coisas, se põem em lógicas e se assim é, ou o mundo duplica-se em sua essência, ou ele transfere (o mundo morre) sua essência à lógica e, se assim for, a lógica é ciência de nada, já que se esperava encontrar o mundo, mas o que se encontra são apenas setas, sem direção, equívocas.

Lógica formal: substituição do que se deduz por símbolos: não mais o mundo, não mais retorno ao mesmo: o mundo "transformado" em metafísica do concreto, e imanente esta própria metafísica: ela é o único concreto.

Lógica indutiva: a coisa pode haver, mas, se é, é em conjecturas. Podemos, digo, podemos acertar através da linguagem.

Lógica hipotética: apostamos verdades a partir do que colhemos no mundo e do que sintetizamos (provisoriamente) em nós mesmos. As garantias das verdades são incertas.

Do que as lógicas esperam tratar? Das coisas mesmas, logo, delas mesmas enquanto verdades, razões, já que as lógicas não transcendem em direção ao mundo, às coisas mesmas deste, mas as delas: mundos incomunicáveis e que não cedem, um ao outro, nem por procuração?

\*

"Pode-se dizer [...] que as ideias que se tornaram patogênicas (no sujeito histérico) conservam-se tão frescas e vigorosamente afetivas porque o desgaste normal pela abreação e pela reprodução em estados de desimpedida associação lhes é negado."<sup>32</sup>  
Parênteses meus

A etiologia de casos sob este prisma, o da histeria, em determinadas situações que a provocam, posiciona-se na predisposição de específicos sujeitos não suportarem os imperativos de censura cultural sobre seus desejos, não os realizando, pois, esses sujeitos não "associam" seus próprios sintomas às suas causas correspondentes, nem "ab-reagem", digo, nem se livram dos mesmos imperativos.

<sup>31</sup> HEIDEGGER, Martin. **As questões fundamentais da filosofia**: "problemas" seletos da "lógica". 1. ed. São Paulo, BR: WMF Martins Fontes, 2017. ISBN 978-85-469-0146-3. E-book.

<sup>32</sup> BREUER, Josef; FREUD, Sigmund. **Estudos sobre a histeria**: (1893-1895). São Paulo, BR: Schwarcz S.A., 2016. v. 2. ISBN 978-85-438-0517-7. E-book Kindle. Não paginado.

Indo para bem mais atrás na história, ou pré-história de nossa espécie, Freud supõe, em Totem e Tabu (vinte anos posterior a Estudos sobre a histeria), ensaia – diante a clínica que lhe aparecia, aos estudos de mitos, religiões, da Biologia, Arqueologia e tantas outras áreas que, sob seus limites, as mesmas desvendam (ou tentam) o que é, em sua dinâmica, o humano –, que houve, há muito tempo, uma horda primeva em que o pai era supremo em seus gozos, mas aquele foi assassinado pelos filhos, invejosos da plena realização de desejos deste. Do parricídio, culpa, idolatria, sacrifícios e sublimações do grande erro os filhos geraram, e ainda geram nas formas de sociedades, culturas. Aqui ainda nos detendo nas neuroses, mais diretamente na histeria, esta é o resultado da incapacidade do sujeito conciliar desejos com as normas, com as leis sociais, não de todo em seu viver, porém, muitas vezes lhe cerceando a superação, sublimação, ou a realização daquilo que poderia, sim, ser realizado, entretanto, o sentimento de culpa, em certos casos, passa a definir um viver sofrível, muito no âmbito somático do sujeito, noutras palavras, sem nem ele mesmo saber.

\*

"Devemos antes afirmar que o trauma psíquico ou, mais precisamente, a lembrança do mesmo age como um corpo estranho que ainda muito depois de sua penetração deve ser considerado um agente atuante no presente, e vemos a prova disso num fenômeno extremamente curioso, que, ao mesmo tempo, confere um notável interesse prático a nossas descobertas."<sup>33</sup>

E um pouco mais adiante, Breuer e Freud expressam que "Recordar sem afeto é quase sempre ineficaz [...]".

A Psicanálise, em setting, não se caracteriza em lembrar racionalmente acerca daquilo que provoca dolorosas somatizações em determinados casos, de histeria, por exemplo, mas percorre caminhos, através da associação livre por parte do analisando, neste gerando aproximações às causas de seu sofrimento: suas falas, seus pensamentos, suas situações afetivas, sexuais, inconfessas para si mesmo, seus desejos detidos pelas malhas ferrenhas do pré-consciente, este filtro entre as pulsões do inconsciente e o consciente, este que dá conta de relacionar o próprio inconsciente com o mundo cultural, com a sociedade, para que sobrevivamos. Por vezes acreditamos ter-nos libertado por completo dessas malhas censórias, já que nossa contemporaneidade "já avançou em demasia, para ficar detida em coisas pequenas e ultrapassadas, e de culturas com mais de um século atrás de nós", entretanto, nem todas as vanguardas do viver nos cabem, daí o incômodo, o sofrimento ao pensar, ao dizer, ao quase fazer aquilo que, em nossa existência ainda ou nunca caberá.

\*

"[...] não nos é permitido procurar o substrato fisiológico da atividade anímica [Seelentätigkeit] na função desta ou daquela parte do cérebro, mas sim concebê-la como resultante de processos que se estendem para muito além do cérebro."<sup>34</sup>

---

<sup>33</sup> Idem.

Indo para além do fisicismo do séc. XIX que, também sob o fortalecimento do Positivismo, se instalou na Psiquiatria e na Neurologia, durante muitos anos Sigmund Freud descobre inúmeras evidências de que há um anímico, um psíquico que extrapola o orgânico, o motor, fisiológico, aquilo que é físico no humano. Desde seu período no Hospital Salpêtrière, em Paris, observando as apresentações dos casos de histeria, esses expostos por Charcot - sendo que a partir daí Freud decide trabalhar com neuroses em seu consultório -; através do seu labor ao lado de Breuer; de suas correspondências com Wilhelm Fliess, pouco a pouco formula aquela que seria a Psicanálise, que, em grande monta, estabelece a clínica psicológica, pois a Psicologia, até então, era por demais detida em laboratório, nas tentativas de, por exemplo, metrificar as reações humanas aos estímulos.

\*

"[...] a psicanálise é bem mais ambiciosa do que as psicoterapias que visam curar sintomas: ela pretende obter uma transformação da posição subjetiva congruente com a máxima freudiana *Wo Es war soll Ich werden*, que implica tornar o Eu mais maleável às exigências do Isso."<sup>35</sup>

O Isso, "polo pulsional da personalidade" (Laplanche e Pontalis<sup>36</sup>), aquilo que somos enquanto natureza desejante e mescla (ainda desejante, mas agora com objetos de amor) desta com a cultura, neste caso, o que nos constitui humanos, nós, sujeitos, é sempre muito exigente, pois, em si mesmo, enquanto si mesmo, o Isso é plenamente livre, mas, com a formação familiar, com o estudo sistemático em escolas, o convívio com as crianças da vizinhança, com visitas que vêm à nossa casa, dentre outras interações sociais, de certa forma e medida domamos essas pulsões através da cultura.

A depender de como a sociedade lida com os desejos do Isso, e nós mesmos, por outro lado, como estabelecemos (muitas vezes além de nossas forças) nossa relação, já conscientes ou permanecendo inconscientes, com e no Isso (respectiva e concomitantemente) em relação aos imperativos sociais, tendemos a ser neuróticos: histéricos, obsessivos, por exemplo. Noutras palavras, os sintomas são as "pontas de lança" das neuroses; combatê-los, os sintomas, nos dará alívios momentâneos, só que essas durabilidades são um aguardar o surgimento de novos sintomas. Já que o sujeito necessita construir "maleabilidades às exigências do Isso", e, a depender das suas forças anímicas (psíquicas) em relação às circunstâncias e ao que ele próprio já fez de si mesmo, é necessária a análise para que novos ethos, novos modos de ser, novas forma de agir, novos costumes ocorram através de nós: outras culturas surjam em nós mesmos, um pouco mais percebedoras de que, apesar de existirem tradições e novas tendências, nós

<sup>34</sup> FREUD, Sigmund. **Amor, sexualidade, feminilidade**. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2023. v. 7, 380 p. Obras incompletas de Sigmund Freud. ISBN 978-85-513-0361-0.

<sup>35</sup> JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**: a prática analítica. Rio de Janeiro, BR: Jorge Zahar, 2017. v. 3. ISBN 978-85-378-1661-5. E-book Kindle. Não paginado.

<sup>36</sup> LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise**. Martins Fontes, 2022.

mesmos é que as vivificamos: sermos mínimos patológicos em nosso existir.

\*

"[...] a cultura consiste em renúncia pulsional."<sup>37</sup>

Noutras palavras, cultura é reconhecer-se ponte entre o animal e o além-do-homem (Nietzsche), e, noutros momentos, Nietzsche acrescenta outra metáfora, ser seta em direção ao além-do-homem. Isto pode querer dizer que não é para ficarmos entranhados em nossa condição animal, pois, mesmo ela nos constituindo, esta mesma não nos define isoladamente. Nós, intersecção entre a natureza e a cultura, mesmo imantados, através do pensamento, através do afeto mesclado com as necessidades em nos adaptarmos à sociedade em que estamos ou que desejemos estar, existir, nos culturamos e, com isto, mantemos e melhoramos a própria sociedade. Isto é o que se espera e se faz, em grande monta, mesmo sabendo que coisas inomináveis, do ponto de vista de degradação humana, vicejam fortemente em nossos turbados dias. Determinados sujeitos detêm muitos meios de informação e as manipulam, põem mentiras travestidas de verdades, ou, simplesmente, insistem no engano, até que a mentira se torne verdade. E, quando falo de verdade, procuro ser bastante humilde: verdade enquanto capacidade saudável de convivência, de diálogos, de construções pelas civilizações-culturas, entre homoioi, os iguais e semelhantes: nós.

\*

### Sobre o Deísmo, o Fideísmo e o Ateísmo nas Filosofias e Ciências

Antes, brevemente, gostaria de expor sobre conceitos acerca dos a) Deísmo, b) Fideísmo e c) Ateísmo: a) este refere-se a crenças, doutrinas que aceitam a existência de um ou mais deuses; b) já neste, pode-se considerar ser as crenças na existência de um ou mais deuses, só que sob alguma confissão, sob uma específica fidelização doutrinário-religiosa; c) e quanto a este último, é a (des)preocupação acerca do tema divino, já que não se aceita a existência de um ou de mais deuses.

Diante a quase infinita diversidade compreensiva, dentre as tantas culturas em nosso planeta, para estes conceitos, creio não ser preciso destacar muito acerca de que cada um dos conceitos acima pode ter diversos matizes regionais, históricos, sociológicos, antropológicos, psicológicos lhes favorecendo riquezas, em muito, a serem alcançadas, por se compreender naqueles que se dediquem às questões que estejam vinculadas a esses temas.

Diante ao exposto acima, proponho algumas perguntas, no intuito de refletirmos sobre a

<sup>37</sup> HELIODORO, Pedro; IANNINI, Gilson. **Apresentação PARA LER O MAL-ESTAR.** O mal-estar na civilização (1930). In: FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à Psicanálise e outros textos: (1930-1936). São Paulo, SP: Schwarcz, 2010. v. 18, cap. VII, ISBN 978-85-8086-048-1. E-book Kindle. Não paginado.

precisão(?) em ser ateu, deísta ou fideísta para se fazer Ciência e Filosofia: 1) O espanto diante ao místico, ao mistério da physis, requer que aquele que expresse este pathos (espanto) faça parte, necessariamente, de alguma daquelas categorias conceituadas acima para que seu pensamento tenha validade? 2) Para se aproximar, em perguntas, à coisa que gerou o espanto, é necessário que já se tenha a ideia de uma causa primeira (Deus, Primeiro Motor Imóvel ou outra, por exemplo) para que ela seja como é? 3) Neste último caminho, é necessário sair (caso seja possível) do fenômeno, do que aparece, e ir ao nômeno, à coisa em si (caso seja possível), para saber o que o fenômeno é? 4) O encontrar a verdade (caso seja possível) da coisa requer que se saia dela e se direcione ao que, em realidade, não é ela para que seja compreendida? 5) O expor a coisa, dizê-la (pensando com Heidegger, dela ser através do ente privilegiado, nós) é dizer acerca de Deus ou dos deuses, ou das formas peculiares que lhes aceitamos ou da afirmação do nada enquanto causa dessas mesmas coisas que investigamos?

Diante a estas colocações, parece que fazer Filosofias: Estética; Ética; Filosofia da Ciência; Filosofia da Linguagem; Ontologia e tantas outras investigações em busca de conhecimentos mais seguros, amplos, belos, muitas vezes necessários, assim como fazer Ciências: Física, Biologia, Matemática, Psicanálise e tantas outras formas de darmos conta das verdades ou da verdade de cada coisa de investigação, não requer que sejamos – em atos investigativos, analíticos, interpretativos – deístas, fideístas ou ateus, e sim, que transcendamos estes vieses; que talvez sejamos, meramente, aqueles que, em humildade, buscam o saber para que nos tornemos mais plenos em existências.

\*

"O real é 'o que é estritamente impensável', é o impossível de ser simbolizado; o real é, por excelência, o trauma, o que não é passível de ser assimilado pelo aparelho psíquico, o que não tem qualquer representação possível. Por isso, o real é também aquilo que retorna ao mesmo lugar, já que o simbólico não consegue deslocá-lo, e o ponto de não-senso que ele implica se repete insistentemente enquanto radical falta de sentido."<sup>38</sup>

O que si mesmo é, o humano? O que é esta unidade percebida sob dois aspectos, físico e psíquico? O que é este resultado que nasceu um mais que carne, já que depende, em seus longos primeiros anos, por completo do outro para se tornar mais que um protótipo de humano? Aqui pensando sob a perspectiva existencial, não legal, já que nesta somos humanos desde a concepção.

Inúmeras ancestralidades nos travessam: milhões de anos do evolver da matéria biológica, e nesta também o evolver da psiché, que culturasse desde a ignorantemente chamada Era Pré-Histórica, já que esta era, pelo menos, de histórias privadas, que nos são desconhecidas, mas que moldaram prévias de grandes civilizações. Desta enormidade física e cultural que somos, e ao mesmo tempo que nos acolhe, deparamo-nos com a civilização atual que nos forma, que nos

---

<sup>38</sup> JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**: a clínica da fantasia. Rio de Janeiro, BR: Jorge Zahar, 2010. v. 2. ISBN 978-85-378-0456-8. E-book. Não paginado.

educa, que nos cultura.

Mesmo que nunca seja expresso, há questionamentos: O que realmente é isto tudo, que real é este que nos pertence e ao mesmo tempo nos travessa, que faz travessia através de nós? O que é esta unidade? O que é o sujeito que é sujeitado ao mesmo tempo que é sujeitador? Permanecemos sem respostas a esta amplidão questionadora.

Caso pudéssemos equivaler a percursos filosóficos, são perguntas como: O que é o Ser enquanto Ser? Dos seres acreditamos dar conta, mas, o que é esta esfera perfeita<sup>39</sup> chamada Ser? Este não transcende si mesmo como verdade; desta não há o que ser pensado, logo, não há linguagem que seja suficientemente simples para a tarefa...

\*

"Não cabe à técnica explicitar de maneira didática um histórico das fases pré-definidas do desenvolvimento da libido, menos ainda avaliar e classificar a descoberta de todos os detalhes teóricos como se fossem princípios para a cura da neurose."<sup>40</sup>

Através da Psicanálise, não é o esclarecimento racional, linear ao analisante, que fará com que, intelectualmente, agora ele, entendedor da etiologia (de suas causas) de seu sofrimento psíquico, encontre a cura, e sim, semelhante a Teseu no labirinto do Minotauro, siga, com o auxílio do fio (que são seus afetos) de Ariadne, percebendo-o – entrecruzado nas esquinas labirínticas de escolhas, recusas, medos, desejos, tabus –, dirija-se a si mesmo enquanto Inconsciente; sendo que, "após", parta a outros assujeitamentos em cultura; mas agora não mais sob o jugo de forma que si mesmo enquanto criança tornou-se; agora, já se precavendo quanto a possíveis outros nós do fio de Ariadne: Psicanálise enquanto profilaxia.

\*

"Xenófanes B34 DK

E é que o claro nenhum homem viu, nem será conhecedor da divindade, nem de quanto digo sobre todas as questões. Pois, mesmo que ele alcançasse o maior êxito ao expressar algo perfeito, ele não pode saber. Conjectura é o instrumento de todos."<sup>41</sup>

E, neste fragmento de Xenófanes – este que é, para muitos, um dos iniciadores da filosofia ocidental –, não se fala acerca dos deuses de sua época – por volta de 500 a.C. – que, em sua grande maioria, eram antropomorfizados em cultura. Deuses esses irrascibilizados, logo, carregados de iras, ciúmes; de desmesurados amores; de imoralidades repugnadas pelas morais

<sup>39</sup> Metáfora de Parmênides acerca do Ser.

<sup>40</sup> FERENCZI, Sándor; RANK, Otto. **Metas do desenvolvimento da Psicanálise**: sobre a interação da teoria e da prática. 2. ed. São Paulo, SP: Quina Editora, 2022. 123 p. ISBN 978-65-997972-1-3.

<sup>41</sup> BERNABÉ, Alberto. **Entre religião e filosofia**: Textos significativos e problemas de tradução: leitura crítica de alguns textos filosóficos. São Paulo: Annablume, 2021. 224 p. ISBN 978-65-5684-032-1.

a nós ensinadas; deuses corporificados; vestidos; circunscritos em determinados poderes – em determinados scripts –, noutras palavras, deuses criados à nossa imagem e semelhança, daquilo que somos e daquilo que não somos, mas desejamos ser. Mais acima que esta pequenez, que em muito pode expressar transferência aos outros – neste caso, aos deuses – o que a nós mesmos pertence (ou desejamos que pertença), ao falar de divindade, Xenófanes refere-se àquilo que não tem forma; cor; limites; falas; emoções – caso as tenha, nos é impossível perceber e, caso percebamos, também nos será impossível saber definitivamente (em verdade) que o que sabemos é realmente sabedoria sobre o divino – e outras características que, do que temos ideia, a nós pertencem.

Dentre as conjecturas que pelos milênios nos enriquecem por caminhos que, quiçá, nos levem, algum dia, há algum lugar de real conhecimento da coisa divina, temos a valiosíssima história do pai da horda primeva, expressa ensaisticamente por Sigmund Freud na obra Totem e tabu.

Diante a tantos casos psicanalíticos, e até casos do período pré-psicanalítico (anterior a 1897, a 1900), que lhe "evidenciaram" causas arcaicas da humanidade às neuroses, com essas também passando a ser compreendidas como possuidoras de certos aspectos primitivos expressos em seus fenômenos, e que, com este entendimento, com este instrumento, psicanalistas pudessem manusear mais adequadamente o que surgisse em clínica.

\*

"14 [A 20] A trama escondida é mais forte que a [trama] manifesta. Hipólito, Refutação de todas as heresias 9, 9, 5; Plutarco, Sobre a geração da alma no Timeu 27"<sup>42</sup>

Trama urdida desde a cosmogonia, continuada no seu fragmento chamado antropos – a partir de seu gene e seus destinos –; através da desmesura da natureza, cega de objeto, mas através do corpo humano, e, se humano, corpo cultural, constituído de valores, afetos, desejos, sejam esses voltados à própria cultura, mas, diria aqui, mais fortemente lançados à satisfação da physis: continuar sendo em pulsão, esta ponte entre o corpo e o psíquico.

A vida não tem sentido – no máximo há nosso próprio sentido: aquilo que criamos. Quanto a natureza, seu sentido é si mesma – se assim pudermos falar –, entretanto, como a continuidade perpétua do que se é, física e culturalmente, é impossível, sobrevém o destino, que é transcendental, pois situa-se no horizonte da imanência: a inorganicidade.

\*

"Quando os aliados bombardearam impiedosamente Hamburgo ou afundaram um navio após outro no porto alemão de Danzig (atual Gdansk), minha avó assistia a tudo isso, segurando seu filho de 9 anos, futuramente meu pai, e só tinha um pensamento: 'Nós

---

<sup>42</sup> COLLI, Giorgio. **A sabedoria grega** (III): Heráclito. São Paulo, BR: Paulus, 2013. 223 p.  
ISBN 978-85-349-3749-8.

merecemos'."<sup>43</sup>

Não estranho, esta lembrança de Dunker também me faz lembrar do realismo russo nas belas artes, especificamente na pintura. Mesmo a Rússia, e posteriormente a URSS, tendo desenvolvido o notável no impressionismo, expressionismo, cubismo, suprematismo e noutras grandiosas expressões artísticas, entre os séculos XIX e XX, aquele, o realismo, para mim, é o que mais me cativa na beleza "transposta" à tela. Talvez, por esta expressão estética conter uma científicidade, mais simples o possível, acerca das coisas mesmas, acerca do mundo, que me soa mais confortavelmente, noutras palavras, que "melhor" me traz a arché do encontro fenomênico, que expressa uma estética captadora da extensão e, simplesmente, do que aí está exposto: um fenômeno. Isto não quer dizer que as outras correntes artísticas citadas, e outras mais, não evidenciem o fenômeno. Porém, o que me parece é que mais crumente as coisas mesmas se desvelam através do realismo<sup>44</sup>. Este "propõe", "requer" duas coisas: "Não tenha conteúdos prévios ou posteriores acerca desta obra de arte, apenas detenha ela mesma"; "Compare, esmiuçando a obra, a construção artística, com as coisas mesmas em seu próprio lugar, mesmo que este não exista mais, entretanto, em muitos casos, há similares válidos. Veja se coincidem, a obra de arte e as coisas mesmas em seus lugares "naturais", ou se alguma delas tem mais valor estético".

\*

"Vidas em estado permanente de 'falta de tempo' frequentemente produzem sentimento de extravio de si, esvaziamento e solidão. Contudo, vidas programadas, dietéticas e que cabem no próprio tempo vêm junto com falta de intensidade, tédio e sentimento de irrelevância."

"Freud descreveu duas atitudes opostas das exigências da vida: a fuga para a fantasia, baseada no recolhimento, no devaneio e da retirada da atenção do mundo, e a fuga para a realidade, baseada no controle, no planejamento e na exteriorização prática dos conflitos."<sup>45</sup>

"O homem é uma corda estendida entre o animal e o super-homem — uma corda sobre um abismo."<sup>46</sup>

Como ser "corda"? Não tenho como responder, mas, o que é ser "corda atada"? Cogitando, primeiro reconheço que é um "atado" entre mundos: o animal (a natureza, *physis*) e o super-homem<sup>47</sup>, este que é um além daquilo que somos, muito além...

---

<sup>43</sup> DUNKER, Christian. **Uma biografia da depressão**. São Paulo: Planeta, 2021. 240 p. ISBN 978-6555352283.

<sup>44</sup> Mesmo que filosoficamente eu não seja um realista, esta corrente artística me traz grandes estéticas.

<sup>45</sup> DUNKER, Christian. **Uma biografia da depressão**. São Paulo: Planeta, 2021. 240 p. ISBN 978-6555352283.

<sup>46</sup> NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. ISBN 85-200-0474-1.

<sup>47</sup> De minha parte, aqui, interpreto homem partindo do conceito espartano (700 a.C.) de homoioi, igual e semelhante, logo, me refiro a humano, caso a citação, ou eu mesmo, se refira ao homo sapiens sapiens (e, por esta duplicidade quanto a um saber, por sua intrínseca fragilidade, filósofo).

O animal continuamente requer, e esta requisição faz com que vibre, com que puxe a corda para si e, talvez, o animal seja o grande senhor do destino humano.

Já o futuro, que superaria o humano, o super-homem, que é utópico, também faz vibrar a corda, e a puxa para si, mesmo que, por "ser" utópico, este além-do-homem encontra-se, naquilo que somos, em supremas requisições e grandiosas transcendências, neste caso, daquilo que somos: não transcendências ao alto, mas a horizontes, ao imanente ainda não vivenciado em plenitude, que permanece enevoada em nosso pensar sobre esta Era de Ouro, relembrada por alguns e requeridas por esses mesmos, e por outros, há milênios.

Não podemos esquecer do abismo. Talvez ele dê o tom de como a "corda atada" possa manter-se o que é. A hybris (excesso) – seja de alheamento, assim como de "absoluto" vínculo à realidade de nossa época –, talvez faça com que esta "corda atada" deixe de vibrar, cedendo ao que há de pior à ideia de abismo: o medo; a perda da sua beleza; de sua enormidade; a incomensurabilidade do misterioso abismo existir.

\*

"Desconfio de todos sistematizadores e os evito. A vontade de sistema é uma falta de retidão."<sup>48</sup>

Caso a physis (natureza) fosse sistemática, todo e qualquer sistematizador seria Deus, logo...

\*

"A menos que o analista se faculte o exercício da imaginação especulativa, ele não conseguirá produzir as condições nas quais o germe de uma ideia científica possa florescer."<sup>49</sup>

Partindo de um pressuposto conceitual em que teoria é "visão inteligível ou uma contemplação racional" (Ferrater Mora), reconhecemos que a "imaginação especulativa", aqui, num destrinchamento, contém imagens apreendidas em fenômenos, e, disto, o especular, o espelhar, o dar-se vez de refletir aquilo que em setting analítico surge. Mas, observando-se mais cuidadosamente, falar em "imaginação especulativa" é duplicar a possível coisa mesma, e sua própria apreensão: imaginar é especular e especular é "algo" pôr-se em imagem. Creio que não há imagem sem o cognoscente, e este mesmo não há, enquanto conhecedor, sem a imagem: estamos diante a fenômeno, ao que aparece (e, se aparece, algo aparece, e para alguém). Aqui podemos considerar a especulação uma necessária ousadia em, da análise, interpretar o

<sup>48</sup> NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos**: como se filosofa com o martelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. ISBN 85-359-0770-X.

<sup>49</sup> BION, W. R. **Domesticando pensamentos selvagens**. São Paulo. SP: Blucher, 2016. 79 p. ISBN 978-85-212-1136-5.

que surge do inconsciente de cada analisante tratado, assim como conhecer comunicações de diversos outros analistas, e, em teoria, reconhecendo a estrutura da psique – esta que fundamenta afetivamente as existências dos sujeitos –, poder fazer ciência psicanalítica.

\*

"O analista precisa se despojar ou se desnudar de suas memórias e desejos para que possa abrir espaço para o presente – para aquilo que eu chamo de presente. A psicanálise transmite a impressão, a meu ver equivocada, que aquilo que é importante é o passado. O passado não é importante porque nada pode ser feito a seu respeito, as únicas coisas sobre as quais podemos fazer algo são os restos, ou vestígios do passado, sejam eles estados da mente ou partes arcaicas de nossa constituição física (fendas branquiais, caudas vestigiais etc., em suma, nossa ancestralidade simiesca)."<sup>50</sup>

O tempo é histórico, e este se situa no ser-aí, no dasein: passado, presente e futuro mantêm-se em mescla entre si mesmos: memórias; culpas; projetos; realizações; (in)satisfações; esquecimentos (momentâneos e perenes); metamorfoses dos próprios tempos, digo, por exemplo, o projetar realizar o já realizado; o realizar (naquilo que já foi chamado de futuro) o já realizado; o transformar o futuro, sendo este reconfigurado; transformar o passado (quanto àquilo que é lembrado, que é sentido); ser presente, mas, ao mesmo tempo, escondido pelo devir; desejos (não)realizados existencialmente, mas permanentes no inconsciente enquanto inconsciente.

Os "restos, os "vestígios", a arché física pulsam no sujeito, e, se há sofrimento, impedimentos ao transporte da pedra de Sísifo (ao trabalho) e ao desfrute da vida, a Psicanálise é, em sua clínica, um válido espelho para que os "restos", os "vestígios", a "arché" ponham-se a lume e que o analisante, conforme seu caminhar, tome de/cisões.

\*

"Em sua questionabilidade radical, que se coloca sobre si mesma, a filosofia tem de ser principalmente ateísta. Justamente por causa de sua propensão fundamental, não pode se arrogar o direito de ter e de definir a Deus. Quanto mais radical ela for, tanto mais determinadamente ela é um afastar-se (*weg von*) dele, portanto precisamente na execução radical desse "afastar-se", é um junto "a ele" próprio e difícil. No mais, não pode ficar especulando a respeito, mas tem sua própria coisa a fazer."<sup>51</sup>

Sob a hermenêutica fenomenológica do séc. XX, se a tarefa da filosofia é dar conta de conhecer as verdades, conhecer, portanto, as coisas mesmas, na humilde condição humana – de circunscrição compreensiva; fenomênica (detida ao que aparece); mergulhada em devir; finita – que necessita se predispor em epokhé, em suspensão de juízo diante ao mundo posto em

<sup>50</sup> Idem.

<sup>51</sup> HEIDEGGER, Martin. **Interpretações fenomenológicas sobre Aristóteles**: introdução à pesquisa fenomenológica. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, 235 p. ISBN 978-85-326-4232-5.

fenômenos, não nos cabe, antes mesmo de darmos conta do que nós próprios somos, definirmos Deus. Ateísmo aqui significa pormos nossas miradas àquilo que, sob algum aspecto, situa-se, o suficiente, na nossa redução fenomenológica, naquilo que podemos, "dificilmente", dar conta, alcançar: as coisas mesmas; sendo essas menores que Deus (ou maiores, já que complexas: Deus não é composto, complexo em essência, mas simples, porém, o que isto é, me é mistério. Aqui há, apenas, circunscrição lógica, não conhecimento da Essência da Essência).

Quanto mais nos distanciarmos de Deus, logo, da pretensão em conhecê-lo, outras sabedorias (essas sim), mais humanas, caberão em nossas mãos, quiçá sabedorias em, pelo menos, vivermos fartamente com as coisas mesmas que acolhamos dignamente em fenômenos, e, sem grandes pretensões de tempo e espaço, assim como de condições específicas, "juntar-nos-emos" ao divino, numa proximidade-distância que ainda me é difícil, impossível vislumbrar.

\*

#### "Frag. 5

Zeus, quando o poder de seu pai, determinado pelos deuses, tomou em suas mãos, assim como a força e a ilustre deidade..."  
"A palavra que traduz 'poder' (arché) significa também o 'princípio' [...]"<sup>52</sup>

Sob uma perspectiva, uma mirada, aqui proponho reflexão sobre o que é o humano (arquetipicamente), mantendo uma hermenêutica, o mais próxima possível, da Psicanálise.

Vicejamento perpétuo de desejo, enquanto aqui duremos; (im)pulsão de vida; mescla de natureza e pathos (espanto); deste último surgem questionamentos: "que é isto diante a mim?", "exterior", "o que é este que também desaparece?". Podemos, e pela história chamamos – muitos de nós assim fizeram e o fazem – o espantado, o questionador, de daimon; psique; anima; alma; espírito; sujeito. Como este sujeito não desvela, sob plena segurança, o que é si mesmo enquanto substância (caso seja mesmo em status de substância), ao menos temos suas ocorrências sexuais (afetivas).

Deparasse-nos, então, a natureza, que é pulsional; submetemo-nos a esta ponte desejante e, a isto acresce ser o sujeito ponte entre a pulsão e o mundo exterior.

Os fins do desejo pulsional são gozados provisoriamente, com aquela, a pulsão, permanecendo incessante, em contínua sede, em diversos canais (libido); diante a não possibilidade de gozo, até diante aos imperativos sociais, sublimamos o próprio desejo, e este sublimar são as realizações artísticas – a cultura.

Somos em esgotamento contínuo da pulsão de vida, e, com isto, chegamos, inevitavelmente, a um fim: é que o mobile fortemente deseja um término que não repita as provisóriedades de satisfação; e este desejo se submete à pulsão de morte, a soberana, a que sempre vence, a que

<sup>52</sup> BERNABÉ, Alberto. **Hieros Logos**: poesia órfica sobre os deuses, a alma e o além. São Paulo, SP: Paulus, 2012. 372 p. ISBN 978-85-349-3410-7.

sempre estava ali, levando o complexo orgânico, o múltiplo, à simplicidade do uno, ao silêncio do inorgânico. Aquelas coisas que chamamos de paz, serenidade, mansidão, são fenômenos que simulam a quietude do inorgânico à ser um dia alcançado.

\*

"Frag. 1

cantarei para os conhecedores; cerrai as portas, profanos.  
falarei a quem é lícito; cerrai as portas, profanos.

Versos introdutórios do Orfismo, em diferentes épocas"<sup>53</sup>

### Capacitar-se às

- Abertura ao ser; dispor-se ao místico (ao mistério): natureza, psique;
- Realizações da natureza através da psique;
- Investigações da psique através da natureza, através do corpo;
- Realizações, e o que essas são, do holos corpo psique;
- O haver, ou não, os dois: qual dos dois prevalece, qual dos dois possui a “vontade”, o desejo sob mote pulsional;
- O haver a intersecção, a unidade que podemos chamar de dasein histórico; aquilo que também chamamos de humano:
- Ciências psicológicas;
- Dentre essas ciências humanas há a Metapsicologia (a Psicanálise); não no intuito supremo em desvendar a substância da psique, mas como esta ocorrência situa-se, faz-se no mundo enquanto inconsciente; como este sujeito é enfeixado pelo mundo e reage à sua forma, afetivamente, a este enfeixamento;
- Singularmente, o que é o mundo em cada um que encara a imago, o espelho do momento analítico em busca do porquê de seu sofrimento psíquico. Podemos dizer que, desta busca de perguntas adequadas ao que seja o seu próprio sofrimento, a verdade do sujeito, em setting psicanalítico, será "cantada ao que comece a conhecer", será "falada a quem é lícito", ao próprio sujeito, ao inconsciente.

\*

"Zombamos do romancista ingênuo que, embarracado para encontrar uma solução, tirava-se de apuros precipitando o seu herói na loucura; hoje, temos de admitir humildemente que não era a nossa sábia superioridade que tinha razão, mas o romancista ingênuo; que era ele quem estava com a verdade, muito antes da psicologia científica, ao pretender que o homem, quando não encontra saída para seus conflitos psíquicos, pode refugiar-se na

---

<sup>53</sup> Idem.

neurose ou na psicose.”<sup>54</sup>

Para a Grécia, desde o período arcaico, sendo que aqui pensamos por volta de 800 a.C., e o clássico, considerando entre, por exemplo, 400-300 a.C., não esquecendo do período mais próximo deste efervescer do pensamento grego, séc. I ao II, III d.C., o período helênico, arte confunde-se com indústria; ofício; virtude em fazer, noutras palavras, areté: nobreza: arte de guerrear (Aquiles: supremo exemplo); arte de persuadir, em ser diplomático, educador (Ulisses, Sofística); arte em filosofar (dialética platônica); arte médica (Hipócrates); arte de esculpir (Fídias, como exemplo); arte em manter-se investigando, negando doutrinas dogmáticas enquanto transportadoras das verdades das coisas mesmas (o ceticismo pirrônico de Sexto Empírico); arte em construir tragédias (Sófocles). Eis algumas expressões artísticas que nos remetem a perguntar: qual a suprema areté da psicologia científica, aqui pensando entre os séc. XIX e o XXI, que poderia subtrair todas essas gamas artísticas do ser, da existência humana, impondo psicologismos em que a vida vivente fosse tão reduzida a especialidades, que nem o breve luzir do fenômeno pudesse, sequer, pôr-se?

Necessito ser artista, e conhecendo, aprendendo das artes, científicas ou não, por alcançar o aparelho psíquico que se presente futuramente, para mim, em setting clínico.

\*

“[...] o exame do cérebro não mostra modificação nenhuma na mania e na melancolia, nem na paranoia, histeria ou neurose obsessiva [...]”<sup>55</sup>

O reconhecimento, por parte de Freud, da existência de um campo que – ao modo do próprio campo –, distingue-se do ponto de vista etiológico (da investigação e do encontro das causas, neste caso, de psiconeuroses próprias daquilo que a Psicanálise viria a tratar, excetuando, a princípio, a paranoia) físico, corporal do humano; evidenciando-se, conforme a clínica foi reconhecendo, caso após caso – com a construção teórica e suas respectivas correções –, um aparelho psíquico chamado Inconsciente, sendo que, desde o nascimento do bebê, e suas primeiras relações com a principal cuidadora, até a puberdade, este aparelho, o Inconsciente, mantém-se o que é, mas, concomitantemente, diante aos imperativos de censuras, de tabus, de limites sociais, a adaptação ao mundo exterior “põe uma linha” de demarcação (pré-consciente) entre um campo de puro desejo e outra parte do Inconsciente, agora podendo ser chamada Consciente, que, da forma mais sociável o possível, necessita negociar os apelos desejosos do Inconsciente com a complexidade de desejos sublimados, que é o próprio mundo cultural.

<sup>54</sup> FERENCZI, Sándor. **A respeito das psiconeuroses** (1909). In: FERENCZI, Sándor. Psicanálise I: obras completas. 2. ed. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2011. 286 p. v. I. ISBN 978-85-7827-269-2.

<sup>55</sup> Idem.

\*

“[...] O helênico não é nem otimista, nem pessimista. Ele é essencialmente um homem (o humano), que contempla realmente o horrível e não o oculta a si mesmo.”<sup>56</sup>

Dentre outras considerações (também válidas, necessárias), podemos afirmar que tanto o otimismo, quanto o pessimismo são elucubrações perante o que aparece (ao fenômeno). Ser otimista é considerar que o mundo siga nossos propósitos, nossas delimitações “poderosas” de coerções ao próprio mundo, como se ele estivesse ao nosso dispor. Já ser pessimista é submeter-se à pedra de Sísifo, como se não fôssemos nós mesmos que a carrega e a deixa rolar montanha abaixo, durante nossa breve eternidade. O pessimista não aceita a própria história que faz de si mesmo; reconhece, sim, que o mundo tem planos malévolos para com ele e para com os seus.

Quanto ao helênico, mesmo que si mesmo reconheça o quão trágico é o mundo: doenças; imprecisões das verdades conquistadas; a certeza da morte; da fragilidade ética; da vida submeter-se a paradigmas, sejam esses os absolutos de uma época ou outros avessos àqueles; de que nem sempre a justiça virá de mãos dadas com a felicidade, assim como saber que a boa sorte pode lhe presentear, por breves momentos ou por toda a sua vida; noutras palavras, ele, o helênico, reconhecendo, portanto, o acaso (o devir da physis, do Universo, da Natureza: aquilo que não temos o controle), este é aceito e vencido em autopoiese, que é quando nos fazemos, nos criamos obras de arte.

\*

“[...] se alguém possui a teoria sem a experiência e conhece o universal mas não conhece o particular que nele está contido, muitas vezes errará o tratamento, porque o tratamento se dirige, justamente, ao indivíduo particular.”<sup>57</sup>

O aferrar-se ao conhecido, este, muitas vezes conquistado com extrema dificuldade, seja por si mesmo ou por outros; tratados tornarem-se clássicos; cada vez mais, críticas positivas serem lançadas a esses frutos de observações, de investigações; o sucesso, dia a dia mais brilhante, são exemplos de, não raras, estagnações em âmbito científico. Passa-se a crer possuir o todo do Ser daquelas questões, não se percebendo que o que se tem são fragmentos comprehensivos de fragmentos captados de particulares. Até mesmo podemos questionar: o quão nossa singular, particular percepção do mundo pode dar conta de universais? Seria possível este breve luzir no Universo (Poincaré), que é o humano, dar conta de alguma totalidade?

---

<sup>56</sup> NIETZSCHE, Friedrich. **Sabedoria para depois de amanhã**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. ISBN 85-336-2096-9.

<sup>57</sup> ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: Edições Loyola, 2005. ISBN 85-15-02427-6.

A Psicanálise, fundamentalmente em Freud, não se arvora em totalitarismos teóricos nem técnicos, mas submete-se, humildemente, à clínica que se renova a cada consulta de um analisando; não esquecendo que este se desvela particularidades até então, muitas vezes, impensáveis ao analista, e às mesmas serão acrescentados outros fragmentos afetivos, mutantes em transferência com o analista, que permanece na atenção flutuante por analisar e interpretar, pouco a pouco fornecendo seus achados e propondo ao analisando que se junte a ele nesta tarefa de encontrar aquilo que está sendo refletido no Inconsciente do analista, que é o Inconsciente do próprio analisando.

\*

“[...] precisamente aquilo que não é comprehensível para qualquer um, mas apenas para um singular, pode ser verdadeiro.”<sup>58</sup>

Na clínica psicanalítica, muitas vezes, o que leva o (possivelmente) futuro analisando à mesma, é sua própria condição de não conseguir compreender certos sonhos, repetições, sofrimentos psíquicos pelos quais passa; sofrimentos estes que se põem acima do que o Consciente pode compreender: si mesmo. Enquanto sujeito, busca interpretações ao que ocorre consigo mesmo, por, em um futuro, desfrutar a vida, um vincular-se ao trabalho – através de seu ethos, de seu modo de ser, de sua forma de agir – da forma mais saudável o possível.

Já há muito tempo existe o conceito de hermenêutica, que se refere, fundamentalmente, à interpretação de pensamentos. Hermenêutica, nos remete ao deus grego Hermes, deus mensageiro de outros deuses. Tudo aquilo que um deus informava a Hermes, para que este transmitisse para outro alguém, fosse esse deus ou humano, chegava à maneira do próprio Hermes; não havia a condição de se transmitir ipsi litteris a mensagem, pois a mensagem era dita por alguém, neste caso, o deus mensageiro. Portanto, seguindo esta linha, na clínica psicanalítica podemos considerar que aquilo que o analisando trouxer em linguagem, demanda interpretação, hermenêutica através da análise posta em práxis pelo analista, e, com isto, também, pouco a pouco, causa aproximações, do mesmo analisando, à condição de analista de si mesmo perante suas próprias demandas psíquicas (anímicas): suas verdades mais prementes (que mais lhe pressionam à emersão) do Inconsciente tornam-se compreendidas e, em muitos casos, alívios psíquicos instalam-se naquele(a) que antes acreditava ser o psicanalista o portador do saber, mas este, o analista, porta a mensagem provinda do próprio analisando dizendo-se enquanto Inconsciente que se expõe.

\*

“[...] a afirmação de Freud de que todo paciente novo implica a constituição da própria psicanálise: o saber que se tem sobre outros casos não vale de nada, não pode ser transposto para aquele caso. Cada caso é, portanto, um caso novo e como tal, deve ser

---

<sup>58</sup> HEIDEGGER, Martin. **Platão**: o sofista. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2012. p. 07-238.

abordado.”<sup>59</sup>

O lugar da estrutura psíquica, do aparelho psíquico (o anímico); suas duas tópicas e a que cada uma se refere; o entrelaçamento entre as mesmas; o Complexo de Édipo; a existência de tabus ancestrais; a memória da carne, esta, entranhada no evolver de toda matéria que lhe conferiu condições para existir enquanto corpo; o entendimento de que esta carne é desde o nascimento, e até mesmo durante sua gestação (Bion), entre mundos da matéria desejante e do mundo social que aos poucos se mostra; daí, o saber-se que há mesclas, quase que infinitas, e em constante mutação, entre esta carne e a sociedade a que ela se adapta, assim como tantas outras questões decisivas para que se possa fazer Psicanálise, para que uma teoria seja esta Metapsicologia, nem casos anteriormente tratados são, per si, garantias de se ter a análise; a interpretação de qualquer fenômeno psicanalítico que se desdobre no setting. É que, concordando com Quinet, a Psicanálise tem sua vitalidade renovada a cada Psicanálise. O setting psicanalítico faz com que diariamente cresça a Psicanálise enquanto clínica; enquanto técnica; enquanto teoria.

\*

“‘Verdade’ tem para os gregos o mesmo significado negativo que, em alemão, por exemplo, “Unvollkommenheit” (imperfeição). Essa expressão não é pura e simplesmente negativa, mas negativa de uma maneira específica.”<sup>60</sup>

Podemos considerar a própria especificidade no a) distanciamento da linguagem, que busca dar conta das coisas mesmas, naquilo que estas próprias são, e b) as coisas mesmas em suas quididades (suas qualidades, as essências delas mesmas).

Apesar de, muitas vezes, considerarmos esta problemática negativa (concretamente), naquilo que esperamos de verdades das coisas, estando aquelas em nossas mãos, a própria negatividade, em sua arché (na própria fonte), proporcionou e proporciona que o pensamento ocorra. O esforço, a arte de pensar as coisas mesmas, sempre, de alguma forma, ao nosso modo, através do nosso acolhimento, proporciona que inumeráveis teorias surjam enquanto o humano existir na physis, na natureza.

Quando falo de teorias (modos de ver), estas vão desde nossa cotidianidade até aos tratados filosóficos, científicos –, sendo que nestas construções científicas também estão inseridas as teologias –, os artigos filosóficos e científicos, as obras de arte e tantas outras comunicações que tentam dar conta daquilo que chamamos de coisas a serem conhecidas.

<sup>59</sup> QUINET, Antonio. **As 4+1 condições da análise.** 12. ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2009. ISBN 978-85-7110-188-3.

<sup>60</sup> HEIDEGGER, Martin. **Platão:** o sofista. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2012. p. 07-238.

\*

"Nenhuma coisa tem êxito, se nela não está presente a petulância. Apenas o excesso de força é prova de força. — Uma tresvaloração de todos os valores, [...]"<sup>61</sup>

E, numa hermenêutica, diríamos que este excesso de força não é apenas necessário em construções intelectuais, acadêmicas. O insistir, persistir; uma guinada à possíveis e necessárias soluções, por vezes, diante a estados dolorosos e/ou claramente equivocados e que são muito menores do que aquilo que somos e que desejamos ser, estar, é imperativo ao êxito, à saúde.

A construção de uma ciência; de uma filosofia; de alguma arte; de uma competência (episteme) atlética; também a construção de saídas da insistência de pensamentos que nos ancoram em sofrimentos. Nenhuma dessas artes de viver pode surgir sem a petulância, sem a arrogância em decidir – muitas vezes, com auxílios diversos de outros – por caminhos até então pouco claros, porém decisivos para que estejamos mais aptos ao trabalho, ao desfrute da vida.

\*

"[...] ensinamos o paciente a exprimir em palavras tudo o que lhe acode ao espírito, sem exercer crítica nenhuma, como se ele se observasse a si mesmo."<sup>62</sup>

### **Sem direcionamentos, sem tentativas de normatizações, ou empuxos moralistas**

Para que o setting psicanalítico se estabeleça, a associação livre é imprescindível por parte do analisante – dentre outros importantes aspectos da clínica –, por aquela reduzir, significativamente, o poder do superego ao ego, pois, para que este último possa estabelecer relação possível do inconsciente com a sociedade – e esta com suas limitações ao sujeito –, negociações são feitas desde a fase fálica, por volta dos 5, 6 anos de idade, em que o Complexo de Édipo se impõe ao sujeito em formação, expondo limites através da figura do pai (ou de seu substituto), limites estes que se referem as relações entre a criança e sua mãe (ou substituta). Estando em setting psicanalítico, já com estímulos para que afrouxamentos da censura na linguagem, concomitante a própria vontade, que levou o analisando ao divã, assim como com outras contribuições, o sujeito se dispõe, e a lógica do inconsciente, aos poucos, passa para uma penumbra, e, desta, análises, interpretações vão a lume através do par analítico, analisando e analista.

<sup>61</sup> NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos**: como se filosofa com o martelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. ISBN 85-359-0770-X.

<sup>62</sup> FERENCZI, Sándor. **As neuroses à luz do ensino de Freud e da Psicanálise** (1908). In: FERENCZI, Sándor. Psicanálise I: obras completas. 2. ed. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2011. 286 p. v. I. ISBN 978-85-7827-269-2.

\*

"[...] o psiquismo, tal como o corpo, apresenta pontos histerógenos; quando atingidos, provoca-se o estado descrito por Freud como 'dominação da consciência pelo inconsciente'."<sup>63</sup>

E quando o inconsciente, constituído de um mundo de desejos – per si não reprimidos no campo do próprio inconsciente –, põe-se na superfície (consciente) de si mesmo, superfície esta que busca intermediar os desejos com o mundo exterior, assim como satisfazer si mesma e o mundo de fora (a sociedade), aquele, o inconsciente, colidindo com a superfície – esta sendo campo de negociações para satisfações sociais, de troca –, através dos pontos histerógenos (disposições corporais à expressões histéricas), as ocorrências histéricas se fenomenizam como determinados congelamentos entre mundos, gif que só, muitas vezes, será desfeito através da análise, da interpretação, que ocorrem no setting analítico.

\*

"[...] a mí, Porfirio, me adivinó (Plotino) una vez que andaba tramando quitarme la vida; y así, presentándose de improviso cuando yo estaba en mi casa, me dijo que esas ganas no provenían de una tesis intelectual, sino de alguna afección melancólica. Y me aconsejó que viajara a otro país. Hícele caso y, oyendo que un tal Probo, un distinguido caballero, vivía en Lilibeo, me llevé a Sicilia. Y así fue como yo mismo, a la vez que me retraje de semejante deseo, me vi impedido de estar presente a Plotino hasta su muerte."<sup>64</sup>  
Parénteses meus

A grandiosidade de Plotino não se detinha apenas à mística, à filosofia, mas, dentre outros campos, a uma sensibilidade acerca da psiché humana. Tempos, ainda com ares da Antiguidade Grega – em seus últimos suspiros; vigorosos, mas últimos –, em que o humano não era fronteirado, e em si mesmo; estigmatizado; e até excluído entre bíos, faber, sapiens, ludens, politicus, simbolicum, economicus e outras quaisquer correntes de nossa contemporaneidade tão moderna. Sabemos que esta antiguidade, in toto, não retornará, porém, olhar para ela, mais uma vez (e sempre), densa e amplamente, fará com que, quiçá, resplandeçamos novamente enquanto holos.

\*

"C. Devir

a) Unidade do ser e do nada

---

<sup>63</sup> FERENCZI, Sándor. **Psicanálise I:** obras completas. 2. ed. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2011. 286 p. v. I. ISBN 978-85-7827-269-2.

<sup>64</sup> PORFÍRIO. "Vida de Plotino". In: PLOTINO. **Enéadas I-II.** Madrid, ES: Editorial Gredos, 1982. v. 57, p. 119-175. ISBN 84-249-0860-0.

O puro ser e o puro nada são (...) o mesmo. O que é a verdade não é nem o ser nem o nada, mas que o ser não passa, mas passou para o nada e o nada não passa, mas passou para o ser.<sup>65</sup>

A physis, a natureza, que é tudo, sendo que este tudo é pensar (Parmênides de Eleia), é por nós percebida em contínuo devir, vir-a-ser. Em devir, o que é deixa de ser, muda para outro fenômeno – o ser aparece noutra forma, noutro pensar –, sendo que aquilo que aparece (fenômeno) escoa de si mesmo em aparência, transmuta-se, e com isto mantém a vitalidade de toda a natureza: movimento; decaimento; putrefação; reaproveitamento; ressignificação; esquecimento; lembrança; criação; sublimação; repetição do mesmo, só que doutras formas... "tudo se faz por contraste; da luta dos contrários nasce a mais bela harmonia" (Heráclito de Éfeso).

Hegel buscou, na sua imensidão sistemático filosófica, conciliar Parmênides com Heráclito e, nisto, alcançar "o que é a verdade" na pergunta que subjaz: qual é a verdade do Ser? Tarefa: alcançar o que é e como é o Devir; segundo Hegel, o estabelecer o que é Ciência e como é o achado da mesma nos evidencia o é e o não-é no mesmo, no próprio Devir.

Se o Devir é a verdade, se ela tem esta aparência, continuamente em estado de diluição e surgimento, o cuidado, por aqueles que fazem ciência, necessita ser o de contínua 'linguagem de equilíbrio': não estando propensos a pularem para o lado do Ser, nem pularem para o lado do Nada, mas reconhecendo o bastar provisório do achado, da linguagem, que é o vir-a-ser: nesta desmesurada physis, a dança dos mundos permanece envolvendo, influenciando aquilo que – o que quer que seja – que chamamos de devir, ser-sendo.

\*

"[...] para os gregos, quanto mais antiga fosse uma ideia, tanto mais respeitável era [...]"<sup>66</sup>

A cultura ocidental – pelo menos esta – é essencializada por tudo que a Hélade, a Grécia Antiga, expressou: religião; filosofia; lógica; ciência; artes plásticas; medicina; teatro; sistema político... Entretanto, toda grandiosidade grega foi, no decorrer de séculos da Era Cristã – segundo Schopenhauer, até inícios do séc. XIX, portanto, por 2.400 anos –, ensombreada pela monotonia autoritária religiosa, que, em inúmeros aspectos, distanciou-se da fonte ética crística. Este sombreamento da Hélade, dia após dia, "apagou" o passado "pagão" em nome de um totalitarismo interpretativo de palavras, de vida. O passado passou a ser compreendido sob inúmeras (pequenas e grandes) negatividades; algo a ser desmontado, desconstruído, já que, a partir da Era Cristã (esta não definida pelo Cristo), sabedorias antigas deixariam de ser

<sup>65</sup> HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Ciência da Lógica**: 1. A doutrina do Ser. Petrópolis, BR: Vozes, 2016. 461 p. ISBN 978-85-326-5308-6.

<sup>66</sup> BERNABÉ, Alberto. **Hieros Logos**: poesia órfica sobre os deuses, a alma e o além. São Paulo, SP: Paulus, 2012. 372 p. ISBN 978-85-349-3410-7.

sabedorias, e sim, e em muitos casos, algo a ser fortemente combatido com aqueles que as proferiam, as ressignificavam. O passado deixou de ensinar, sendo substituído pela promessa de uma “vida eterna”, de um “juízo final” post mortem. É como se a história tivesse acabado e o humano objetivasse apenas uma tarefa, converter-se a uma religião e, cada vez mais profundamente, subsumisse seus próprios corpo e mente, sua corporeidade – unidade entre espírito e corpo – no único aspecto que interessaria, a salvação do espírito.

Vindo para os nossos dias, podemos considerar dois aspectos desta negativa ao passado: 1-religiosamente, ainda de maneira muito forte, permanecemos monotonais, pouco empáticos, quase nunca ecumênicos, compassivos, pois somos (vários assim se veem) “o povo escolhido”; e, por outro lado, 2- as finas tecnologias da informação, que estão nas mãos de quase todos, requerem de nós contínuos upgrades, atualizações – não apenas dos dispositivos e dos aplicativos, softwares – mas de nossos comportamentos, caminhos, definições de ser do que deve ser o humano.

Voltemos em torno de cento e vinte anos. Entre os séculos XIX e XX surge a Psicanálise, exatamente durante uma contramão a tendência de se ter, como autoridades sobre nosso viver, o passado, ou o próprio presente, mas apenas o futuro, pois neste período há uma efervescência de invenções que transformaram para sempre a vida humana: eletricidade; carros; telefone; a Primeira Guerra Mundial. Noutras palavras, alta velocidade e remapeamento europeu, melhor, de todo o mundo com neocolonialismos, seja na África, na Ásia, na América Latina, e de mais além, reconfigurando o ethos, os costumes, os modos de ser, as formas de agir. Entretanto, sob outro ritmo, num aspecto bastante cuidadoso, Freud querer do psicanalista a lentidão de escultor, de arqueólogo diante a ruínas, que são fragmentos do passado, já também transformados pelo “empoeiramento” sobre ele mesmo, do decorrer existencial do humano, de cada ser singular que se dirige à Psicanálise em busca de seu Inconsciente. Cuidadosas, lentas análises, interpretações, ordenamentos anímicos do analisando e do analista para que sofrimentos sejam amainados ou assentados na memória, sem mais provocarem dor ou tanta dor ocorrida até então.

Continua-se hoje, em Psicanálise, refazendo-se métodos helênicos – óbvio, ao modo psicanalítico –, permanecendo o analista com o desejo de saber acerca do Inconsciente do analisando que, com o desejo de sanar determinados labirintos em que ele próprio se enveredou, por motivos variados, também chega a si mesmo enquanto mais e mais profundo, enquanto Inconsciente: a sabedoria do passado, presentificada.

## **O que foi feito deverá**

## **O que foi feito de Vera**

Milton Nascimento e Fernando Brant

O que foi feito, amigo De tudo que a gente sonhou

O que foi feito da vida O que foi feito do amor (Quisera encontrar)

Aquele verso menino Que escrevi há tantos anos atrás  
Falo assim sem saudade Falo assim por saber  
Se muito vale o já feito Mais vale o que será  
Mais vale o que será E o que foi feito é preciso conhecer para melhor prosseguir  
Falo assim sem tristeza Falo por acreditar  
Que é cobrando o que fomos Que nós iremos crescer (Nós iremos crescer)  
Outros outubros virão Outras manhãs  
Plenas de sol e de luz...

\*

"Aquilo que em períodos obscurantistas projetamos para o exterior a Psicanálise descobre na vida interior e em seus mecanismos subjacentes, que podem ser explicados sem recorrer a instâncias supranaturais."<sup>67</sup>

Houve um tempo (ainda não aquele obscurantista, medieval, citado por Freud, porém, aquele da antiguidade da Grécia, de quando esta ainda era chamada de Hélade) – não de todo perdido em nossas percepções de como seja o mundo – em que acreditávamos serem as forças naturais constituídas de autorregências, identidades próprias daquelas coisas mesmas. Um riacho tinha vida psíquica; um lago; uma árvore; a natureza possuía características etéreas, entre o natural e o humano. Chamamos a isto de animismo<sup>68</sup>, e com ele um antropomorfismo se presentava na nossa tentativa de racionalizarmos, de entendermos mistérios da physis, da natureza.

Posteriormente, mais especificamente na Europa Ocidental do medievo, este animismo, mesmo que ainda, de certa forma, com características antropomórficas, é acrescido de um transcendental que hoje, para muitos, é considerado como difuso, fora de fenômenos minimamente coerentes com aquilo que já compreendemos; diríamos infantil. O maniqueísmo<sup>69</sup> aceito na necessidade, para que houvesse Deus, haveria, na mesma (ou quase) proporção, a necessidade da presença do diabo, Satã ou qualquer outro nome que o valha.

Como a vida humana, neste período medieval, carregou-se de religiosismo, e sendo a vida material, geralmente, caminhos às tentações, às perdições do "coisa ruim", muito daquilo que, possivelmente, seria uma doença psíquica (algo interior), estaria, enquanto explicação, em algo

<sup>67</sup> FREUD, Sigmund. **Uma neurose demoníaca no século XVII** (1923). In: FREUD, Sigmund. Neurose, psicose, perversão. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2016. v. 5. Obras incompletas de Sigmund Freud. ISBN 978-85-8217-985-7. E-book (374 p.).

<sup>68</sup> Diferente do conceito de animismo na Psicanálise. Neste último consideramos anímico aquilo que é psíquico do humano propriamente.

<sup>69</sup> Suposição, de determinados pensadores antigos, pelo menos, sobre a physis, suposição esta que considera o universo mantido entre o bem e o mal.

fora da pessoa, numa poderosíssima entidade malévola lhe levando ao abismo existencial, ao inferno.

Com o desenvolvimento, por séculos posteriores – passando pelo materialismo científico do séc. XIX – fomos saindo daquele exterior explicativo fantástico (por vezes) à interpretações psicanalíticas daquilo que ocorre, em muitos de nós, no profundo interior, que é o Inconsciente, sendo que este, em parte, realiza-se patologicamente através de delírios, alucinações em que nós, mesmo sem o sabermos, tentamos dar conta de questões psíquicas, anímicas, por demais complexas para nossa frágil compleição, já que, nessas situações, nos situamos diante as demandas de forma patológica, neurótica.

\*

“[...] ‘a estrutura, sim, da qual a psicanálise impõe o reconhecimento, é o inconsciente. Parece bobo lembrá-lo, mas o é muito menos quando se percebe que ninguém sabe o que isso é. Isto não deve nos deter. Nós também não sabemos nada sobre o que é a natureza, o que não nos impede de ter uma física, e de um alcance sem precedente, pois ela se chama a ciência’<sup>70</sup>. ”

Até o momento, há cerca de 4.100 exoplanetas – planetas fora do nosso sistema solar – encontrados pela Astronomia; sendo que, desses corpos celestes, a maior parte dos achados ocorreu pela modificação movimentação das suas próprias estrelas correspondentes. Noutras palavras, outros planetas têm sido encontrados graças, não a suas visualizações diretas, e sim a determinadas mudanças da regularidade do movimento das suas estrelas regentes. Os corpos desses específicos exoplanetas são tão massivos, que provocam alterações nas trajetórias da estrela que eles transladam.

Metaforicamente, mas com imensa precisão e extensão de consequências interpretativas, o Inconsciente pode ser considerado um exoplaneta, sendo que, aquilo que seria a sua estrela regente, é o próprio Consciente, muito influenciado pelo que “se esconde”, mas que, em grande monta, evidencia-se na relação entre si mesmo e o mundo exterior.

Como bem diz Heráclito, “a natureza ama esconder-se”: eis o motivo de não darmos conta de respostas ao “que é” das coisas; permanecendo as filosofias em sua grande saga. Por outro lado, enquanto isto, a Psicanálise, sendo ciência, se arvora a desvendar o “como” o Inconsciente se dispõe no mundo, alcançando, em muito, suas consequências neuróticas, existenciais. E, sobre essas consequências, podemos dizer que ele, o Inconsciente, que é o sujeito, sujeita-se enquanto animal e sujeita-se ao mundo enquanto ser de relações, humano. O Inconsciente é um encontro e, ao mesmo tempo, um afastamento destas duas esferas de vida humana – per si o Inconsciente é antagônico, contraditório, já que pulsivo, desejante –, a animal e cultural; ele é um campo de desejos que teimam (pulsão sexual) realizar-se na vida social; entretanto, como nem tudo é

<sup>70</sup> Lacan, J., “**C'est à la lecture de Freud...**”. In: JORGE, Marco Antonio Coutinho. Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan: as bases conceituais. Rio de Janeiro, BR: Jorge Zahar, 2011. v. 1. ISBN 978-85-378-0225-0. E-book Kindle. Não paginado.

permitido por este ambiente repleto de cultura, de cuidado para que não desmantelemos o que muito dificilmente construímos, barramos específicas realizações através do Superego. Sob censuras, as realizações podem tender a ocorrer através de sonhos; atos falhos; chistes; psicossomatizações; neuroses. Todas elas evidenciam o que há no abismo – este que é o campo profundo de encontro entre imperativos animais e culturais. Mas não podemos esquecer, é claro, das conquistas, dos enamoramentos, do erotismo, do amor, já aqui, bem-sucedidos.

\*

"Com o advento do simbólico, o sujeito humano desenvolveu uma linguagem que mediatizou um acesso diferente ao real, e, por meio dele, abriu portas que constituíram seus quatro mais excelentes caminhos: arte, ciência, filosofia e religião."<sup>71</sup>

A criatividade, o pensar, pode ser considerado como nossa transcendência em relação ao real, transcendência esta que nos destaca de relações extremamente diretas para com os imperativos de sobrevivência: segurança contra animais ferozes; alimentação de subsistência; satisfações plenas das pulsões sexuais, por exemplo. Termos criado – e ainda hoje permanecemos criando – artes, ciências, filosofias e religiões, que expressam compensações, sublimações da perda do pai primevo, o chefe da horda, exposto em ensaio, por Freud, na obra Totem e Tabu, sendo que este pai, assassinado pelos próprios filhos, e estes, subjugados pela inveja que tinham do seu progenitor – possuidor de plena liberdade de satisfações das suas pulsões com sua mulher e filhas – reconhecem a satisfação de vitória em relação a este opressor como algo ambivalente: a culpa também se instala nesses sujeitos e, tanto festejos totêmicos, quanto penitências, sacrifícios se impuseram. As 1) religiões, por exemplos, seriam frutos de idolatrias ao Pai primevo e, ao mesmo tempo, sacrifício do mesmo; as 2) filosofias se estabelecem na tentativa de nos distanciarmos da antinomia percebida na physis, na natureza: discursos filosóficos que dessem, que deem conta da dicotomia, da oposição entre as coisas; as 3) artes podem ser consideradas um retorno ao nosso estado mais primitivo, em que diretamente contemplávamos e contemplamos os mistérios da natureza, e, com a sofisticação que ocorre na sociedade, tendemos a perspectivar este anseio primacial de contato inocente com o mundo que nos circunda: surgem os modernismo, suprematismo, cubismo, realismo; conceitualismo e outros; e as 4) ciências se caracterizam pelo profundo desejo nosso em nos distanciarmos do próprio estado de natureza absoluta em que talvez vivíamos; um apagar da memória, através de uma transcendência imanente, digo, no concreto do viver em que estejamos tão sofisticados que já teremos aniquilado a própria natureza, enfim libertos do grande mal que tenhamos feito contra o pai primevo, este, segundo Freud, o verdadeiro além-do-homem.

\*

"Édipo tornou- se [...] como figura do não-saber, a própria representação do Inconsciente — enquanto saber não-sabido, isto é, saber inconsciente do qual o sujeito não quer

---

<sup>71</sup> JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**: as bases conceituais. Rio de Janeiro, BR: Jorge Zahar, 2011. v. 1. ISBN 978-85-378-0225-0. E-book Kindle. Não paginado.

conscientemente saber. Édipo é o Inconsciente.”<sup>72</sup>

Édipo Rei, tragédia magnificamente construída pelo dramaturgo Sófocles, nos traz a história (aqui bastante resumida) de uma criança que foi rejeitada pelo pai, por conta de um oráculo que dizia que o rei seria morto pelo próprio filho. Diante a esta profecia, o rei Laio ordena que matem seu próprio filho recém-nascido, mas, aquele que tinha em mãos esta tarefa, a rejeita, e entrega a criança a um outro casal, de outra região da Grécia. Crescido, este jovem Édipo, adotado, e que não o sabia, depara-se com seu próprio oráculo, que dizia que ele mataria seu pai e teria filhos com a própria mãe. Apavorado, afasta-se de sua família adotiva e, pela estrada, acaba matando seu verdadeiro pai; também encontra a Esfinge que lhe impõe um desafio, e ele a vence. Diante a esta vitória contra a Esfinge – esta que vinha causando muitas mortes àqueles que não conseguiam desvelar a resposta à sua pergunta –, e com o povo de Tebas, sabedor da morte de seu rei (o pai de Édipo), lhe acolhe como novo rei e, de direito, casa-se com sua própria mãe, Jocasta. Com ela tem filhos e, muitos anos depois, toda a verdade de sua real trajetória é posta à cena. Presume-se que a própria mãe de Édipo e aquele que lhe levaria para matar, mas não cumpriu a ordem, reconheceram Édipo, cada um à sua maneira, logo na chegada dele após vencer a Esfinge. Já no presente, desesperada, Jocasta, sua mãe esposa, suicida-se e Édipo foge, arrancando seus próprios olhos. Toda aquela família, antes mesmo de ser formada, já estava condenada pelo destino, desde o avô de Édipo.

Ela, a família, não floresceria por muito tempo sob condições tão adversas, ficando condenado Laio, pai de Édipo, este próprio, Jocasta e todos seus outros filhos à mortes nada serenas e não, de certa forma, esperadas: as mortes que seriam consequentes apenas do fim natural da vida, mas muito ao contrário. A árvore findou infrutífera pela poderosíssima sina familiar. Édipo evidencia o próprio Inconsciente, já que, em todo seu desejar, é sem limites no seu primitivismo. Com isto, poderíamos até dizer ser o Inconsciente, mais que imoral, ele é amoral, pois deseja aquilo que pulsionalmente lhe proporcionará prazer. Independente de qualquer barramento social; ele, o Inconsciente, situa-se na pulsão de vida, mesmo que esta seja um travestimento da pulsão de morte. A relação dessas duas pulsões nos evidencia o eterno retorno do mesmo, a vida vivente é um lançar-se ao vicejar expresso na sexualidade – num conceito muito mais amplo do que apenas o do sexo -, sendo que este vicejar do Inconsciente lança-se à exaustão, e eis aqui a pulsão de morte. E o que o Inconsciente quer com esta pulsão? A inação, a paz que só o inorgânico pode fornecer.

\*

“15- Sobre os cinco modos

(164) ‘Os célicos mais novos legaram os seguintes cinco modos da suspensão de juízo: o primeiro, derivado do desacordo; o segundo, do regresso ao infinito; o terceiro, derivado da

---

<sup>72</sup> QUINET, Antonio. **Édipo ao pé da letra:** fragmentos de tragédia e psicanálise. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2015. ISBN 978-85-378-1487-1. E-book Kindle. Não paginado.

relatividade; o quarto, da hipótese; o quinto, da reciprocidade.'

(165) 'O derivado do desacordo é aquele a partir do qual descobrimos, sobre uma coisa proposta, ter surgido uma discordia indecidível tanto na vida comum quanto entre os filósofos, pela qual não somos capazes de escolher ou rejeitar algo, e acabamos por suspender o juízo.'<sup>73</sup>

Para Sexto Empírico<sup>74</sup>, cético pirrônico, observador crítico de inúmeros achados "do que seja a verdade", diante a todo e qualquer discurso que se propunha expô-la, e caso houvesse alguma discordância acerca da teoria (visão) lançada, fosse esta discordância interna ou externa à específica pessoa ou grupo de pessoas que a anunciou, mesmo surgindo novas teses e argumentos que a defendam para solidificá-la ainda mais, e, também, no outro lado, outra pessoa ou grupo de pessoas propusesse teoria que a negasse a teoria em sua inteireza ou em sua parcialidade, sendo esta negação direcionada àquela verdade, ou simplesmente a negação ocorrendo em paralelo, o cético pirrônico situar-se-ia (e situa-se) em epokhé, em suspensão de juízo quanto a verdade anunciada e quanto a contraverdade lançada no outro campo propositivo.

\*

"Há mais ídolos do que realidades no mundo [...]"<sup>75</sup>

Quanto aos valores, sentir os monólitos em que estamos encrustados, e sentir com todos os sentidos. Qual a cor dos valores? Eles pertencem a quem? A quando? Qual sua durabilidade já validada, muita vezes? Qual nosso papel na criação, digo, manutenção dos monólitos culturais? Conseguiríamos viver sem nosso encrustamento?

Em determinadas concepções antigas gregas – e cada vez mais aquelas ficam nesta antiguidade –, eféticos seriam os que buscavam entender, mantendo-se sempre assim, sem ídolos, mas, diante da vida, na escuta, no cheirar, no provar, no sentir pela pele, no ver, no experimentar, digo, na vida vivente buscando as verdades e, continuamente, vivenciando o escoar do que se encontra na experiência, no experimento, no pensado, no dito, no silenciado. Mas os eféticos persistem, pois insiste neles o desejo pelas verdades, porém, ciosos, reconhecem a verdade silenciosa e caprichosa do devir. Eles permanecem, sim, filósofos. Talvez por, humildemente, como propõe Nietzsche para o sábio, eles saberem que os efeitos nunca serão as causas, as verdades e, ao nós mesmos, com essas verdades/efeitos, retroagirmos à causa primeira, reconheceremos, como assim chegou Platão, que a verdade, a única, a suprema, é também chamada de supremo bem, metaforizada no Sol, mas chegando-se neste alfa/ômega,

<sup>73</sup> EMPÍRICO, Sexto. **Esbozos pirrónicos**. Tradução: Antonio Galego Cao e Tereza Muñoz Diego. Editorial Gredos, Madrid, ES, 1993.

<sup>74</sup> Médico, também filósofo, que viveu entre os séc. i e o séc. II d.C.

<sup>75</sup> NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos**: como se filosofa com o martelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. ISBN 85-359-0770-X.

reconhecer-se-á que não lhe encontrou, já que o máximo que temos do Sol é sua luz, brevíssima, pois senão seríamos cegados pela nossa própria arrogância em pensar o uno, o todo, a partir de nós mesmos, fragmentos dispersos, apenas sendo, quanto a sabedoria acerca “do que é”, mais situados no Caos (campo de infinita criação) do que no Cosmos (razão fim). Talvez nada saibamos da essência da essência.

\*

“Segundo Breuer e Freud, o recalcamento da lembrança e de seu afeto, latentes no inconsciente, devia-se ao fato de que, no momento do choque psíquico, o indivíduo não estava em condições de reagir ao acontecimento, ou seja, de exprimir-se por palavras, em condições de elaborar suas emoções mediante associações e ideias. As emoções e as ideias, não podendo se resolver corretamente no nível psíquico, refluxaram para a esfera orgânica e converteram-se em sintomas histéricos. O tratamento, a que os autores chamaram catarse, permitiu ao paciente eliminar essa lacuna, ‘ab-reagir’ os afetos não liquidados, suprimindo assim o efeito patogênico da lembrança privada de seu afeto e tornada consciente.”<sup>76</sup>

O “não estar em condições de reagir ao acontecimento” provém de possíveis inúmeros fatores. As neuroses histérica e obsessiva podem surgir de a) memórias ancestrais – aqui não exemplifico a nossa infância, mas nossa ancestralidade pré-histórica (A obra Totem e tabu, de Freud pode, por exemplo, esclarecer melhor), obviamente não pensada através da consciência, não lembrada, mas vívida no inconsciente e, a depender de singulares corporeidades que, conforme “o que se é” de determinados humanos, mais facilmente fazem emergir no consciente, ou tentam emergir de forma mais corriqueira; afetam, por exemplo, hora o somático (através da histeria), hora o psíquico (com a neurose obsessiva).

\*

“Os meios de que se serve a neurose obsessiva para exprimir seus pensamentos ocultos, a linguagem da neurose obsessiva, são como que um dialeto da linguagem histérica, mas um dialeto que nos deveria ser mais inteligível, porque é mais aparentado ao nosso pensar consciente do que o histérico. Ele não envolve, sobretudo, o salto do psíquico para a inervação somática — a conversão histérica — que jamais podemos acompanhar com o nosso intelecto.”<sup>77</sup>

O trauma que transparece na histeria situa-se somaticamente, seja num “flash” ou em alguns “flashes” na corporeidade sem a fala; ele, o trauma, concentra-se, detém-se no soma (corpo); este é sua fronteira, digamos, intransponível; o consciente não o suporta, até então, antes da

<sup>76</sup> FERENCZI, Sándor. **As neuroses à luz do ensino de Freud e da Psicanálise** (1908). In FERENCZI, Sándor. Psicanálise I: obras completas. 2. ed. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2011. 286 p. v. I. ISBN 978-85-7827-269-2.

<sup>77</sup> FREUD, Sigmund. **Observações sobre um caso de neurose obsessiva ["O homem dos ratos"], Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos**: (1909-1910). São Paulo, BR: Schwarcz S.A., 2013. v. 9. ISBN 978-85-8086-649-0. E-book Kindle. Não paginado.

análise

bem-sucedida.

Por outro lado, na neurose obsessiva, aquilo não dito – que estaria na histeria, e que nesta se apresenta no soma –, aqui se presenta travestido em obsessões de “ordem”, de “livramento” – por exemplo, fazer o gesto da cruz de forma demasiada, como um sustento moral contínuo para não se cair em pecado –, desloca-se o objeto de desejo a arranjos de atitudes tão lógicos, que passam a se distanciar do humanamente esperado; tentativas de completudes, de resoluções infundáveis a pequenos e, muitas vezes, aparentes problemas que não estão na ordem do desejo primacial, este que, diante a barreiras do pré-consciente, é substituído por outros desejos que provisoriamente acalentem o que o sujeito realmente quer.

\*

“Nada, o puro nada; ele é igualdade simples consigo mesma, perfeita vacuidade, ausência de determinação e conteúdo; indiferencialidade nele mesmo. – Na medida em que intuir ou pensar podem ser aqui mencionados, então, vale como uma diferença se algo ou nada é intuído ou pensado. Intuir ou pensar nada tem, então, um significado; ambos são diferenciados, então nada é (existe) em nosso intuir ou pensar; ou, antes, ele é o próprio intuir ou pensar vazios e é o mesmo intuir e pensar vazios que o ser puro. – Nada é, com isso, a mesma determinação ou, antes, ausência de determinação e, com isso, em geral, o mesmo que o ser puro é.”<sup>78</sup>

Se nada pode ser pensado, ser dito sobre o ser enquanto ser, sob equivalência, o que é pensar, o próprio ser, é nada, e se assim é, o nada é, logo, o nada é o ser: ser e nada “são” o mesmo.

Hegel, em sua produção filosófica, pode ser considerado como o ápice da razão ocidental; ele é o apogeu de todo evolver do espírito, que é a própria razão, sendo que esta se desenvolveu por volta de 2.300 anos de filosofia, até inícios do séc. XIX, que foi a época florescente deste pensador. Entretanto, longe de mim afirmar que, por ele ser este apogeu brilhantíssimo da razão – para muitos, e eu incluso no grupo –, extremamente poderoso e abrangente, confesso não ter condições para afirmar que ele tenha expressado a verdade, já que, óbvio, sendo ele humano – e outros entraves não descritos –, sinalizados pelo Ceticismo Pirrônico, fazem com que decaia a pretensão de verdade da sua filosofia; ao mesmo tempo não se exclui toda apropriação, ocorrida desde o séc. XIX, da sua filosofia por pensadores e cientistas até nossa atualidade.

\*

“Uma psicanálise justamente não é uma investigação científica imparcial, mas uma intervenção terapêutica; em princípio, ela nada quer provar, mas apenas mudar algo. Na psicanálise, a cada vez o médico dá ao paciente, uma vez em dose mais generosa, na outra, uma mais modesta, as representações antecipatórias conscientes com a ajuda das quais ele terá condições de reconhecer e de apreender o inconsciente.”<sup>79</sup>

<sup>78</sup> HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Ciência da Lógica**: 1. A doutrina do Ser. Petrópolis, BR: Vozes, 2016. 461 p. ISBN 978-85-326-5308-6.

<sup>79</sup> FREUD, Sigmund. **Análise da fobia de um garoto de 5 anos (caso pequeno Hans)** (1909). In: FREUD, Sigmund. Histórias clínicas: Cinco casos paradigmáticos da clínica psicanalítica. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. 800 p. Obras incompletas de Sigmund Freud. ISBN 978-65-5928-085-8. E-book.

Dar-se conta do porquê de certos sofrimentos psíquicos, de determinadas repetições; desvelar o inconsciente através daquilo que, de alguma forma, põe-se no consciente – chistes, meias palavras, atos falhos, sonhos e outras formas que a corporeidade superficializa –, este que é sua própria extensão ao mundo exterior; aceitar o analista como um espelho suficiente para que o inconsciente do próprio analisante seja desvelado. A mudança citada por Freud, logo acima, refere-se à capacidade em, diante a um fragmento do passado que, até então, nos levava ao sofrimento, ao desgaste psíquico, nos surja, enfim, e como uma memória, mesmo que triste, porém, não mais dominante perante nosso próprio ser, mas uma memória suportável, já subjugada pelo nosso viver atual; memória subsumida no todo de nosso ser-sendo.

\*

"Ser, puro ser, – sem nenhuma determinação ulterior. Em sua imediatidate indeterminada, ele é igual apenas a si mesmo e também não desigual frente a outro; não tem diversidade alguma dentro de si nem para fora. Através de uma determinação ou um conteúdo qualquer que seria nele diferenciado ou por meio do qual ele seria posto como diferente de um outro, ele não seria fixado em sua pureza. Ele é a indeterminidade e o vazio puros. – Não há nada a intuir nele, caso aqui se possa falar de intuir; ou ele é apenas este mesmo intuir puro, vazio. Tampouco há algo nele que se possa pensar ou ele é, igualmente, apenas este pensar vazio. O ser, o imediato indeterminado, é, de fato, nada e nem mais e nem menos do que nada."<sup>80</sup>

### Um grandioso começo da Filosofia (Ocidental)

Para Parmênides, a deusa Alétheia – a verdade – lhe diz qual é a única verdade, o que é si mesma, o próprio e único ser: sem opositos, sem máscaras, cores, formas, extensões; sem tempo, eterno, não dúvida, não duvidoso, não encontrável, distinto de qualquer linguagem, nem mudo nem falante; se "sem máscaras", sem caráter, descaracterizável, longe de qualquer valor, perto de coisa alguma, sendo coisa alguma, a-histórico, prévio ao logos, não relacionável, pois nada mais há além dele mesmo, o ser que não-é. Mas não-é o que? Este não-é para nada remete numa comparação, pois não há o que ser comparado entre partes, entre fragmentos. Uno, pleno, só, intempestivo, pois livre, sem fronteiras. Nada há o que dizer do ser, nada há; há este nada que é silêncio e plenitude não visível; ninguém o vê, pois ele, em relação a si mesmo, permanece sem algum outro nas proximidades, nas suas cercanias, já que não há cercanias. E quanto ao ser-aí? Este é algo profundamente diferente do ser: o ser-aí é finito do infinito que é, logo, que é o ser.

\*

"¿Cómo vivo yo lo circundante? ¿Me es «dado»? No, pues lo circundante dado está ya afectado de teoría, está ya arrancado de mí, el yo histórico; el «mundear» ya no es algo

<sup>80</sup> HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Ciência da Lógica**: 1. A doutrina do Ser. Petrópolis, BR: Vozes, 2016. 461 p. ISBN 978-85-326-5308-6.

primario.”<sup>81</sup>

Somos encruzilhadas do mundo, sendo que, para que assim seja, o mundo, por sua parte, é nossa própria encruzilhada. Sabemos que alguma encruzilhada, caso não tenhamos ideia antecipada de sua existência, coloca-nos em pathos (em espanto). Na encruzilhada ficamos surpreendidos, nos rendemos ao não dizer, ao não pensar (até rimos e/ou choramos, a depender da situação), mesmo que por brevíssimos instantes. Enquanto isto, por outro lado, também na encruzilhada o mundo situa-se num “não-ser”, digo, o ser do mundo não nos é conhecido, já que o ser para ser necessita ser enquanto pensar (Parmênides).

O segundo momento – se é que na encruzilhada temos tempo suficiente para assim dizer, chegar –, que é o da nossa apreensão do mundo e dele próprio nos apreendendo em sua disposição: mesclam-se em mistério; aquilo que se encontra limitado (a linguagem em sua previdade, em sua espera de vez); os valores; as (des)razões; os três tempos em nós enquanto dasein (ser-aí), sendo que este, logo, já é histórico e que, além de constituído de valores, tem-se o acréscimo (ou o próprio fundamento dos valores citados agora) dos afetos, do amor, sentimentos, emoções (psicanaliticamente falando, a sexualidade). Não nos esqueçamos da carne, a grande carne– o corpo nosso de cada dia –, sendo que também somos dela. Esta “união” é sempre uma transcendência naquilo que a Fenomenologia (de Husserl?), apreendida por Maurice Merleau-Ponty, chama corporeidade: não é mais corpo (pedaço de mundo), não é mais ‘consciência de...’ (espírito, mente pura ou conceitos equivalentes a isto), mas uma transcendência dos dois, mesmo que seja sempre na imanência, pois não saímos do mundo e ele não sai de nós, já que, para sermos dasein, logo, seres históricos, necessitamos do mundo sempre presente.

Sob esta condição, do mundo enquanto ser, nada sabemos, – sendo que, o mundo enquanto ser nunca se importa conosco –, de nós enquanto “consciência de...” também nada sabemos, pois esta não possui conteúdo, mas “é” uma disposição. Seguindo este jogo de linguagem<sup>82</sup>, diríamos que a Psicanálise possui, claro, à sua maneira, o vigor em analisar a mescla exposta sinteticamente acima, através daquilo que transparece do Inconsciente, na sua emersão que é a linguagem.

\*

“Se desprende del paso de Elio Arístides que ‘sofista’ era un término genérico de excelencia en la esfera del espíritu, incluida la política.”<sup>83</sup>

<sup>81</sup> HEIDEGGER, Martin. **La idea de la filosofía y el problema de la concepción del mundo**. Barcelona, ES: Herder, 2005. 165 p. ISBN 84-254-2355-4.

<sup>82</sup> WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. In: WITTGENSTEIN, Ludwig. Tratado Lógico-filosófico & Investigações Filosóficas. Lisboa-Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995. ISBN: 978-9723103830.

<sup>83</sup> COLLI, Giorgio. **Gorgias y Parménides**: Lecciones 1965-1967. 1. ed. México, D.F, México: Editorial Sexto Piso, 2012. 278 p. ISBN 978-607-7781-31-8.

A cultura ocidental, desde o totalitarismo religioso que, pouco a pouco, foi inserindo-se nos espíritos da Era Cristã – em grande monta, recusando o respeito que o próprio Jesus possuía em relação aos que pensavam, que viviam diferente dele –, gerou o cerceamento, monumental e escabroso, da diversidade religiosa; filosófica e sofística: quanto a esta última, sendo educacional, formadora e que era exercida desde 500-400 a.C. na Magna Grécia e em outros ambientes (Roma, por exemplo). Excetuando, dentre outros poucos, o sofista/filósofo Sócrates, mestre de Platão, que inspirou Plotino, sendo que este fundamentou muito o pensamento de Santo Agostinho (um dos que mais forneceu teses e argumentos à fé cristã, alguns séculos após a morte de Jesus) – uma peça importantíssima da Patrística –, todos os sofistas contemporâneos e anteriores a Sócrates foram duramente recusados em seus ensinos, já que autoridades ou futuras autoridades dos primórdios da Era Cristã trabalhavam num projeto cultural monolítico. No que, por hora, podemos nos referir aos sofistas – às suas maneiras – teóricos do conhecimento, estes compreenderam que o saber acerca das "verdades" é construído; ou perspectivado; circunstanciado; ou então alguma mescla dos dois; ou mesmo detido na irracionalidade dos sentidos; nas vontades; na subjugação cognitiva, dentre outros possíveis imperativos, em que, por exemplo, as "verdades" fossem reconhecidas, enquanto tais, na própria natureza "exterior" ao humano.

No que se refere a nós, estamos vivendo inícios do séc. XXI e muitos filósofos e filósofas, reconhecem ser a sofística grandiosa antecipação, de mais de 2.400 anos, de tantas gamas de Filosofias da Linguagem; Filosofias da Ciência; Filosofias da Mente e muitas outras Filosofias ou filhas da própria Filosofia, sendo que estas surgiram entre os séculos XX e XXI de nossa era. Neste aspecto civilizatório-cultural, estamos atrasados em quase 3.000 anos de história.

\*

"[...] para os gregos, a essência e o posicionamento da essência se encontram em um espaço peculiar de lusco-fusco: a essência não é fabricada, mas também não é encontrada como uma coisa presente à vista."<sup>84</sup>

Cruzamentos...

Para Heráclito, "a natureza ama esconder-se". Natureza, verdade, essência: é desta mesma que falamos.

Sob a perspectiva psicanalítica, o Inconsciente é o que subjaz e cá mesmo está. Primeira tópica freudiana: inconsciente, pré-consciente, consciente. Todos esses são aspectos, instâncias daquilo que previamente somos, natureza, sendo que, ao nascermos, esta natureza também se constitui do convívio que, a princípio, parece ser ela mesma ainda se suprindo de todo o necessário (muito, no que refere-se aos tempos em que éramos feto): amamentação; resolução do calor; resolução do frio; silêncio necessário para que o bebê possa dormir o suficiente etc., e, também, durante a formação posterior a este estado inicial do sujeito, do inconsciente, este

<sup>84</sup> HEIDEGGER, Martin. **As questões fundamentais da filosofia**: "problemas" seletos da "lógica". 1. ed. São Paulo, BR: WMF Martins Fontes, 2017. ISBN 978-85-469-0146-3. E-book.

agora, pouco a pouco, aprendendo a relacionar-se com a família, com a escola, até a puberdade, aprendendo a ser em linguagem, a ser social, evitando os tabus; apreendendo as regras do coletivo; sublimando desejos, o próprio aparelho psíquico forma-se com suas fronteiras necessariamente estabelecidas entre o inconsciente e o consciente, através do pré-consciente e entre o consciente e o mundo exterior. Porém, essas fronteiras são móveis, dinâmicas: às vezes o inconsciente, com seus desejos “cegos para a lei” ultrapassa o “campo fronteiriço” do pré-consciente; noutros momentos é, por exemplo, o consciente (também este, instância do inconsciente), buscando satisfazer em demasia aos imperativos do social, impõe pesadas censuras, barreiras ao Inconsciente, no intuito de ter novas e mais expansivas relações com o mundo exterior: ser aceito.

Sob este “lusco-fusco”, o inconsciente, a essência que é natureza, e ao mesmo tempo torna-se na existência, sendo ser social, cultural, mostra e esconde si mesmo, isto de inúmeras formas, a depender da singularidade fenomênica de cada ser humano.

\*

“Rank<sup>85</sup> esperava eliminar toda a neurose, de forma que essa pequena porção de análise tornasse supérfluo o trabalho analítico restante. Alguns meses deveriam bastar para isso. Não se pode negar que a linha de raciocínio de Rank era audaz e engenhosa; mas não resistiu a um exame crítico. De resto, seu experimento era filho de seu tempo, concebido sob a impressão do contraste entre a miséria da Europa no pós-guerra e a “prosperity” americana, e votado a adequar o ritmo da terapia analítica ao afã da vida americana.”<sup>86</sup>

“Há muito tempo despencamos para dentro do mais desértico americanismo, de acordo com cujo princípio o verdadeiro é aquilo que dá certo e todo o resto é “especulação”, isto é, “nefelibatismo”<sup>87</sup> alienado da vida”.<sup>88</sup>

Em grande monta, nós, por exemplo, latino-americanos e europeus ocidentais, desde finais da Segunda Guerra Mundial vivemos por uma coação, a de recebermos e concordarmos com a cultura dos Estados Unidos da América. O “american way of life” nos tem sido transmitido através do cinema; dos modelos de programação da TV; da música; através do telejornalismo brasileiro que, recebedor diário das interpretações do como “esteja o mundo” e, principalmente, do como “deva ser o mundo”, nos impõe um ethos - modo de ser, uma forma de agir, costume –; nosso espírito, digo, nossa cultura é tolhida através do deixar de fazer-se por si mesma, e também através de diálogos com outros, para, ao contrário, ser construída de fora para dentro sob preconceitos que nos são, em suas origens, muito alheios ao nosso próprio ethos que até então conseguimos construir. A América Latina ainda é vista como o quintal por governos da “América”

<sup>85</sup> O psicanalista Otto Rank (1884-1939).

<sup>86</sup> FREUD, Sigmund. **Análise terminável e interminável (1937)**. In: FREUD, Sigmund. Moisés e o monoteísmo, Compêndio de Psicanálise e outros textos (1937). São Paulo, SP: Schwarcz, 2018. v. 19, ISBN 978-85-545-1099-2. E-book Kindle. Não paginado.

<sup>87</sup> O viver nas nuvens.

<sup>88</sup> HEIDEGGER, Martin. **As questões fundamentais da filosofia**: “problemas” seletos da “lógica”. 1. ed. São Paulo, BR: WMF Martins Fontes, 2017. ISBN 978-85-469-0146-3. E-book.

(sejam eles democratas ou republicanos), e esta, percebendo “desvios” de seus projetos em seu “quintal”, golpes, ditaduras, pseudo-democratas se instalaram em muitos governos da latinoamérica e já, por outro lado, a Europa Ocidental é controlada, sob vassalagem, pelas cartas ditadas por Washington, para que, pelo menos, o grande mercado bélico, principalmente o dos EUA (700bi de dólares é seu faturamento ao ano em vendas), intermediado pela OTAN, seja distribuído aos países vassalos, sob a burocracia e “política” da União Europeia. A grande Europa, esta que nos forneceu imortais filosofias e ciências, aos poucos, enquanto devedora de guerra, foi deixando-se abater, subjugar. Tanto o psicanalista Sigmund Freud, quanto o filósofo Martin Heidegger, em seus tempos coincidentes de existência, compreenderam a devastação cultural que se anunciava e se pronunciava. A “cultura desértica” prevaleceu por muito tempo, porém, mesmo que tardio, Bob Dylan ainda está certo: *the times they are a changin'*. Não esqueçamos de Gilberto Gil: se oriente rapaz...

Parece que é a Ásia agora o ponto de referência, mas, diferentemente dos EUA, não para que todo o mundo se torne asiático, mas que se reorganize sem as correntes do colonialismo europeu e norte-americano.

\*

“[...] o plano biológico realmente desempenha, em relação ao psíquico, o papel de rocha básica subjacente.”<sup>89</sup>

Crenças, saberes – mesmo que esses sejam por demais submetidos ao âmbito do privado. Por exemplo: dizer-se que se sabe que Deus existe, mas não ter desejo em compartilhar, ou, até mesmo, não possuir a condição em transmitir isto, que é por demais pessoal, em alguns casos (se não em muitos) – são, por demais, digamos, metafísicos. Por outro lado, havendo inúmeras teorias, métodos biológicos, não posso negar a existência deste, do biológico na minha constituição enquanto participante da espécie humana: minha arché, aquilo que me liga a todos os outros da minha espécie, em mim, na minha singularidade sexual, afetiva, amorosa, ao mesmo tempo me distingue de todos da própria espécie, nisto, permaneço enquanto fonte de mim mesmo. A “rocha básica subjacente” não se perde.

\*

“A análise deve produzir as condições psicológicas mais favoráveis possíveis para o funcionamento do Eu; com isso terá cumprido sua tarefa.”<sup>90</sup>

---

<sup>89</sup> FREUD, Sigmund. **Análise terminável e interminável (1937)**. In: FREUD, Sigmund. Moisés e o monoteísmo, Compêndio de Psicanálise e outros textos (1937). São Paulo, SP: Schwarcz, 2018. v. 19, ISBN 978-85-545-1099-2. E-book Kindle. Não paginado.

<sup>90</sup> Idem.

Que eu possa ser sem que imperativos traumáticos substituam minha vida vivente. Aquilo que Heidegger chama de dasein, ser-aí, pre-sença, e, até mesmo, a depender da obra e do tempo de produção deste pensador, pre-s-ença, constitui-se historicamente, logo, (também) o dasein são memórias, realizações nos e dos três tempos que fluem em mim: memória do que houve, passado; memória do tempo tão próximo, que chamamos de tempo presente, e até memória das projeções que estabeleço para minha vida, tempo futuro. Há um fluir, um intercambiar-se, metamorfosear-se experiências, desejos do inconsciente. E que eu mesmo não seja carregado por apenas um dos aspectos do tempo, mas que, enquanto dasein, estabeleça o tempo-para-mim mesmo; a cada dia, mais e mais, que se estabeleça a autopoiese, que eu me faça, que me torne obra de arte.

\*

"Os dois princípios fundamentais de Empédocles — φιλία e νεῖκος — são, pelo nome e pela função, o mesmo que nossos dois instintos primordiais, Eros e Destrução, um se esforçando por juntar o que existe em unidades cada vez maiores, e o outro, em dissolver tais uniões e destruir as formações que delas resultaram. Mas não nos admiraremos de que essa teoria esteja modificada em alguns traços, ao emergir novamente após 2500 anos. Sem considerar a restrição ao âmbito biopsíquico que nos é imposta, nossas substâncias básicas não são mais os quatro elementos de Empédocles, a vida se apartou claramente do mundo inanimado para nós, já não pensamos em mescla e separação de partículas de substância, mas em soldagem e disjunção de componentes instintuais. Além disso, fornecemos alguma base biológica para o princípio da "Luta" ao fazer nosso instinto de destruição remontar ao instinto de morte, à tendência de o ser vivo retornar à condição inanimada."<sup>91</sup>

"17 – Duas coisas quero dizer; às vezes do múltiplo cresce o uno para um único ser; outras, ao contrário, divide-se o uno na multiplicidade. Dupla é a gênese das coisas mortais, duplo também seu desaparecimento. Pois uma gera e destrói a união de todos (elementos); a outra (apenas) surgida, se dissipá, quando aqueles (os elementos) se separam. E esta constante mudança jamais cessa: às vezes todas as coisas unem-se pelo amor, outras, separam-se novamente (os elementos) na discórdia do Ódio. Como a unidade aprendeu a nascer do múltiplo e, pela sua separação, constituir-se novamente em múltiplo, assim se geram as coisas e a vida não lhes é imutável; na medida, contudo, em que a sua constante mudança não encontra termo, subsistem eternamente imóveis durante o ciclo."<sup>92</sup>

Da grandiosa atividade filosófica em fazer-se uma ontologia – compreensão do Ser – através de uma cosmogonia – compreensão da gênese do Cosmos, da Physis, logo, da Natureza –, com o evolver do pensamento, por milênios, os muito atentos à psiché, ao sujeito, tais como Freud e Ferenczi, perceberam no microcosmos humano características, com suas especificidades, equivalentes ao macrocosmos.

Do que se torna o sujeito? E quais são seus destinos? Sob circunstâncias necessárias à científicidade da Psicanálise – mesmo ela sendo uma contraposição às regularidades fisicistas, ainda sonhadas por alguns para que ciência só seja ciência sob a forma desses –, diríamos que

<sup>91</sup> Idem.

<sup>92</sup> BORNHEIM, Gerd. **Empédocles de Agrigento.** In: BORNHEIM, Gerd. Os filósofos pré-socráticos. São Paulo: Cultrix, 2000. ISBN 9788531601729.

somos amalgamas materiais e constituídos de memória ancestral, sendo que esta situa-se entre a milenar até a bilionar de anos. Mas esses amalgamas não são meras junções de massas, e sim sentidos, codependências organizadas em vidas possuidoras de complexidades. Da especificidade humano orgânica, ao nascer, tendo se distanciado do micro oceano, que era a placenta, encontra-se um sujeito: não mais algo vivente no uno, numa "simulação do inorgânico – a própria placenta enquanto oceano tardio –, mas sujeito submetido ao mundo exterior, aos cuidados; e nesta relação com seus cuidadores, também com a educação sistemática, com as regras sociais, com os tabus, o próprio sujeito torna-se, a cada dia, sempre em completudes (parciais), através de seus afetos diversos: amor enquanto filia, amizade; ou enquanto Eros, amor sensual; e ágape, amor pela comunidade, humana ou não (ou as duas ao mesmo tempo), sendo este amor constituído da sublimação de determinados desejos inconscientes. Aqui falamos da sexualidade nos seus matizes. Esta pulsão de vida é a pulsão de morte transformada sob diversas características. O grande desejo é o de retorno ao oceano: o nosso olhar, o nosso direcionar as pulsões "para frente" – pulsão de vida – expressa, sim, o desejo de retorno à placenta e, em última instância, desejo de retorno ao inorgânico do oceano original de onde partimos para a saga humana.

\*

"Obtemos (...) a impressão de que a cultura é algo imposto a uma maioria relutante por uma minoria que entendeu como se apropriar dos meios de poder e de coação. Evidentemente, é fácil supor que essas dificuldades não se atenham à natureza mesma da cultura, mas são condicionadas pelas imperfeições das formas de cultura que foram desenvolvidas até agora."<sup>93</sup>

"Para todos nós os equipamentos, aparelhos e máquinas do mundo técnico são hoje imprescindíveis, para uns em maior e para outros em menor grau. Seria insensato investir às cegas contra o mundo técnico. Seria ter vistas curtas querer condenar o mundo técnico como uma obra do diabo. Estamos dependentes dos objectos técnicos que até nos desafiam a um sempre crescente aperfeiçoamento. Contudo, sem nos darmos conta, estamos de tal modo apegados aos objectos técnicos que nos tomamos seus escravos."<sup>94</sup>

Parece-me que pontos de equilíbrio entre nosso viver – viver este mais que sobrevivente, e sim humano, pleno de abertura ao mundo – e a técnica por nós mesmos construída, são possíveis. Pontos que nos distanciem de coerções escravistas, também se encontram, mais do que na educação, e sim, sumamente na cultura sendo vivenciada; não conosco estando à distância observando seu passado meramente enquanto assistentes passivos do que já foi. Pelo mundo há exemplos, não plenos, absolutos, perfeitos, mas em muito significativos que podemos considerar "formas de culturas" que priorizam tanto a história, neste caso, estando exposta em literaturas; peças em teatros; obras em museus; nas praças, em esculturas de grandes humanos daquelas nações; também nas exposições projetivas, políticas de desenvolvimento para o daqui a 10, 30, até mesmo 50 anos para aquela civilização – Falo do dia a dia do cidadão comum (que pode ser

<sup>93</sup> FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. In: FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos: (1926-1929). São Paulo, SP: Schwarcz, 2014. v. 17, ISBN 978-85-438-0003-5. E-book.

<sup>94</sup> HEIDEGGER, Martin. **Serenidade**. 1. ed. Lisboa, PT: Instituto Piaget, 2001. 77 p. ISBN 978-972-771-142-0.

qualquer cidadão como qualquer um de nós) –, do efetivo pertencimento do sujeito neste turbilhão saudável de enraizamento em sua terra; apreciações de diversas artes e seu próprio exercício do fazer suas próprias; diálogos com outros povos; autoinserção em projetos sociais que politicamente se dispersem por toda a nação.

Tecnologias, criações artísticas, filosofias, concretudes de avanços de desenvolvimento das cidades e dos campos considerando, fundamentalmente, a participação do cidadão “comum” neste processo. Falo de políticas públicas que priorizam, que priorizem a sociedade, e não parcelas dela. A ocorrência dessas políticas requer que o Estado seja forte, que cumpra seu papel<sup>95</sup>.

Para nós, do Brasil, tanto nos falta, e tão pouco percebemos a própria falta... O modo como fomos explorados, colonizados, perdurou e ainda tanto perdura naquilo que chamam de república. Esta coisa pública ainda tem donos, e eles são da área do privado.

\*

“Os poderes que, sob a forma de quaisquer equipamentos e construções técnicos, solicitam, prendem, arrastam e afligem o Homem, em toda a parte e a toda a hora, já há muito tempo que superaram a vontade e a capacidade de decisão do Homem porque não são feitos por ele.”<sup>96</sup>

Dentre tantas metáforas, o filme Matrix, de 1999, nos traz uma: a de que o maior exemplar do desenvolvimento da técnica, formas robóticas que alcançaram a consciência, por inúmeros motivos, que podemos encontrar mais claramente em Animatrix – conjunto de curtas de animação, historicamente anterior aos eventos do filme de 1999 –, subjugaram a vida humana à mesma ser bateria, pilha para bilhões de humanos, eles mesmos e outros, que “viviam” em um mundo consciencial, mas na ignorância de que estavam em uma pseudorealidade, já que “existiam” adormecidos em placenta artificial que lhes alimentavam e, ao mesmo tempo, lhes sedavam para que permanecessem confortavelmente anestesiados, executando os rumos que a Matrix lhes lançava.

A técnica, para nós, sofisticou-se a tal ponto que destinos consumistas, propostos anteriormente pelas rádios, TVs, outdoors, logo, sendo exteriores a nós mesmos, hoje já nos utiliza diretamente por caminhos de rss, de feed, de algoritmos que, aparentemente, são lineados por nossas escolhas, mas, a partir desses algoritmos, que encontram essas linhas de desejos pessoais, sub-repticiamente esses nossos mesmos desejos são levados por caminhos imbrincados de alheamento a si mesmos, e, em muitos de nós, ocorrem submissões às trilhas de mercado, substitutas dos feeds por consumos que nem passavam pela nossa cabeça se esboçar (desejos de terceiros se instalaram).

<sup>95</sup> Vale destacar aqui a obra *Do contrato social*, de Jean-Jacques Rousseau, que é fundamento das constituições republicanas entre a modernidade e a contemporaneidade de nossa história ocidental, e até parte do Oriente.

<sup>96</sup> HEIDEGGER, Martin. **Serenidade**. 1. ed. Lisboa, PT: Instituto Piaget, 2001. 77 p. ISBN 978-972-771-142-0.

Se o inconsciente é, compreensivelmente, e em grande parte, filtrado pelo pré-consciente, lapidado em sublimações pelo superego, fazendo com que o consciente possa manter-se em sobrevivência na sua relação com o mundo exterior, há um grande temor: o de que parâmetros morais, de comportamento, que sumamente serviram de alicerce ao superego, sejam – e sabemos, já faz tempo que são – substituídos, e sumamente, por parâmetros mercadológicos (numa velocidade cada vez mais frenética, logo, não digerível, não por uma práxis). Eis o criador do niilismo que a cada dia se implanta mais e mais? E dele nos vem a ansiedade, a depressão, que são males imperativos em nosso século XXI?

\*

"14 [A 14] El sentimiento es la realidad en la que todas las cosas se relacionan entre sí.

ESTOBEO, Florilegio, 3, 1, 179

14 [A 16] No es lo mejor para el hombre que se cumplan todos sus deseos.

ESTOBEO, Florilegio, 3, 1, 176"<sup>97</sup>

A relação de todas as coisas em nós é um grande pulsar. Corpo, razões, o Outro, pululam em combinações infinitas, e, em descargas, buscam exteriorizar-se através de canais libidinais. Mas nem todos os desejos podem alcançar o gozo, a satisfação. A Cultura nos lembra – pelo menos à maior parte de nós – que, para sermos humanos, para que possamos gozar, mesmo que não em sua totalidade, se requer certos sacrifícios à sociedade que nos acolhe desde o nascimento, esta própria sociedade que nos torna, que nos mantêm humanos.

\*

"A interpretação de sonhos pretendia ser um recurso para possibilitar a análise psicológica das neuroses; desde então, a compreensão aprofundada das neuroses influiu, por sua vez, sobre a concepção dos sonhos."<sup>98</sup>

Se aqui (não somente) podemos falar em verdades da Psicanálise, reconhecemos a dialética de Freud fundamentando a técnica e a sua teoria, dia após dia na clínica; de reflexões antes, durante e depois da mesma. Debates; escritos; correções de todos, ou de muitos dos achados; de sua - na época - autoanálise e posterior análise através de outro, o estudo de várias áreas do conhecimento, o olhar atento ao dia a dia dos seus próprios filhos: o livro do mundo sempre disposto através das belas-artes, da literatura, das viagens feitas por Freud enquanto sua saúde permitia, do novo, do antigo, da ciência de sua época e de época um pouco anterior ao seu

<sup>97</sup> COLLI, Giorgio. **La sabiduría griega**: Heráclito. Madrid, ES: Editorial Trotta, 2010. p. v. iii. ISBN 978-84-9879-157-0.

<sup>98</sup> FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**: (1900). São Paulo, BR: Schwarcz S.A., 2019. v. 4. ISBN 978-85-5451-383-2. E-book Kindle. Não paginado.

tempo, de tragédias e de filosofias antiquíssimas, como as de Sófocles e a de Empédocles - respectivamente -, sendo que esta última lhe confirma, ao modo da própria filosofia, sua Metapsicologia, e esta constatação ocorreu (pelo menos bibliograficamente) já em finais da vida do próprio Freud.

Enquanto Ciência Humana, e Ciência da Saúde, a Psicanálise possui uma – espero que também para o amanhã – inesgotável insatisfação em se aceitar enquanto ciência finalizada, mas em constante aproveitamento do que a vida singular do humano pode fornecer em linguagem, em sua corporeidade. Uma dialética não em busca, não em construção de síntese final, mas de sínteses situadas na singularidade humana, nas estruturas mais bem compreendidas do inconsciente, e que daí algo possa sempre ser comunicado e melhorado à teoria psicanalítica, à sua técnica, ao que se encontre na própria clínica.

\*

"14 [A 20] La trama invisible es más consistente que la visible.  
HIPÓLITO, Refutación 9, 9, 5; PLUTARCO, Sobre la generación del alma en el Timeo 27"<sup>99</sup>

Desde o início da medievalidade ocidental, por volta de 300, 400 d.C., que a diversidade comprehensiva foi perdendo seu status livre, o vincular-se a deuses, expressá-los em palavras, atos, em confiar neles, passou a ser rechaçado e perseguido pelos homens que consideravam o diferente de suas interpretações como algo execrável, digno de punições das mais severas. No âmbito filosófico foi algo parecido: teses, argumentos, contraposições foram rechaçados, queimadas; seus autores perseguidos, exilados, torturados e até mortos. Mais de mil anos de filosofias gregas postas - ainda não tão formalmente - em Index Librorum Prohibitorum. Filosofias, sim, eram aceitas (por quais autoridades a serem autoridades sobre aquilo que não lhes pertencia?), mas apenas se fossem do campo restrito exegético (interpretativo do - dito - sagrado contido na Bíblia). O místico, que é o mistério expresso nas crenças religiosas e nas filosofias de então, tornaram-se objeto de desdém pelas cada vez mais poderosas autoridades eclesiásticas da religião que se pôs como hegemônica, a única, pelo menos por mil anos (e para o filósofo Schopenhauer, por mil e quatrocentos anos) autorizada em expor sobre o mistério, sobre o místico da vida.

Nossa ciência tem este lastro totalitário, mesmo que seja relativamente menor no âmbito das Ciências Humanas. A Ciência, herdeira do Renascimento e do destemperado distanciamento das conquistas religiosas de então, por sua vez, estabeleceu um ceticismo negativo – e não prioritariamente investigativo, como o do ceticismo pirrônico – perante toda e qualquer sutileza que não perpassasse os cinco sentidos e a lógica, de preferência matemática, descritiva, formal; e por séculos fomos avançando sob concepções cada vez mais físicas, materialistas.

Eis grandes motivos para que a Psicanálise fosse vista, principalmente em suas primeiras

<sup>99</sup> COLLI, Giorgio. **La sabiduría griega**: Heráclito. Madrid, ES: Editorial Trotta, 2010. p. v. iii. ISBN 978-84-9879-157-0.

décadas (mas ainda existem fisicistas de plantão, com parca reflexão filosófica – ou nenhuma – das estruturas que podem dar científicidade a determinadas ciências), como um engano de Sigmund Freud, pois ele nos trouxe olhares sobre o inconsciente, entretanto, este que se foi mostrando, e cada vez mais nos indica que "la trama invisible es más consistente que la visible".

\*

"A transformação da psicanálise num discurso dogmático, de cunho religioso, retira dela toda sua eficácia e alcance, transformando-a num saber inócuo e, mais do que isso, resistencial."<sup>100</sup>

E, sabemos, discurso dogmático situa-se além da vida vivente, põe-se arrogante, não a arrogância do arrogar-se no fazer análise no setting, mas no impor-se monoliticamente ao mundo; perder-se-ia a eficácia e seu alcance, da Psicanálise, já que ela mesma se situaria paralela ao sujeito, assim como muito distante de um status de cultura que contribuísse com a Cultura. Quanto a inocuidade, saber-se-ia, mas este mesmo saber permaneceria estanque num passado da sua própria história, da Psicanálise. Até mesmo este entendimento seria falho, já que a Psicanálise, em seus princípios, corrigiu-se, renovou-se continuamente, pôs-se ousadamente em vanguarda, logo, não resistiu ao devir do mundo, e sim, fez parte ativa nele; assim como hoje nos parece ser o necessário para que ela continue colaborando na redução do nosso sofrimento psíquico, propiciando, sempre que possível, que este se dilua.

\*

"Como una niebla iridiscente que sale de oscuros pantanos o de una húmeda pradera, así es el mundo de las cosas que nosotros llamamos vida —"aspectos múltiples que abandonan y mudan los senderos tormentosos de la vida"— pero a la que seguramente es más justo designar como el velo de otra vida, como el sueño de un dios. En Grecia, esta visión adopta la figura de Fanes. Algo está oculto en lo profundo."<sup>101</sup>

Comumente tem-se a ideia de que as ideias que temos das coisas já sejam as coisas mesmas; as verdades, muitas vezes, com imenso esforço, já foram encontradas. Isto se mistura com a opressão do "mundo" nos requerendo resultados aptos à adaptações aos "desejos" do fantasmagórico mercado, sem corpo, sem alma (se assim fosse possível), e, até mesmo, para nos aliviarmos de tantas tensões, dizemos: as coisas são assim, conforme minha fé, conforme minha razão, conforme a harmonia entre fé e razão, conforme meu instinto, conforme minhas intuições, meus prognósticos, minhas previsões, ou simplesmente me assento na doxa (opinião): "acho que é assim, logo, é suficiente". Mas aqui se expressa, possivelmente, o enraizado

<sup>100</sup> JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**: as bases conceituais. Rio de Janeiro, BR: Jorge Zahar, 2011. v. 1. ISBN 978-85-378-0225-0. E-book Kindle. Não paginado.

<sup>101</sup> COLLI, Giorgio. **Filosofía de la expresión**. 2. ed. Madrid, ES: Ediciones Siruelo, 2004. 279 p. ISBN 84-7844-270-7.

esquecimento de que todo o mundo catalogado, planificado, matematizado, relacionado nas meditações, transmitido, aceito, assim, sendo as coisas mesmas postas à nós, são elas sendo o mundo mesmo; alheamo-nos de que os moldes, aos quais damos nomes de verdades, subjuguam-se às nossas circunstâncias, às nossas perspectivas. Sou circuncrito ao meio ambiente, à efervescência do organismo em que me expresso, aos limites sensoriais, perceptivos, limites perante distorções existentes no próprio mundo, mesmo que por breves momentos; sou fruto e ocorrência de cultura em contato com culturas, e que são sempre em devir, em vir-a-ser.

Fanes é o primeiro deus dos gregos, digo, o primeiro de todos, e numa leva de três gerações de deuses. É dele que surge a palavra fenômeno, phai (luzir) o nômeno (aquilo que é). Fanes é a luz do mundo, nisto, ao mesmo tempo, Fanes é sendo-o-mundo. Mas, o que há por trás da luz? Qual deus há por trás de Fanes? Qual essência daquela essência...

\*

"O desejo humano é causado por um objeto que falta e que, como tal, é responsável pela estrutura faltosa que produziu o advento do simbólico enquanto fator absolutamente novo da evolução."<sup>102</sup>

O que faz sermos linguagem? A existência do outro que nos surge, que se põe diante a nós enquanto incógnita e insistimos em des-cobrir. O outro provoca o pathos, o espanto que nos impulsiona a uma ponte e, através dela, almejamos desvendar o enigma d"o que o outro deseja".

\*

"[...] a psicanálise não pode pôr a essência do psíquico na consciência, mas é obrigada a ver a consciência como uma qualidade do psíquico, que pode juntar-se a outras qualidades ou estar ausente."<sup>103</sup>

O Sujeito, o Psíquico, é pulsional. E em Psicanálise há duas pulsões que se destacam, a de vida e a de morte. A de vida refere-se a busca de prazer, e situa-se num entre corpo e cultura. Já no que se refere a de morte, encontramos imperativos do orgânico por uma maior simplicidade em ser, e aqui falamos da busca de retorno ao inorgânico, expresso em desejo de paz, de sossego. Percebe-se que o psíquico é uma combinação, um equilíbrio entre essas duas pulsões. O equilíbrio "torna-se", durante nossa infância, ao construirmos, ou, ao ser construído o psíquico que vai surgindo enquanto o próprio inconsciente - a partir do nascimento - o id, o isso. E por que inconsciente? Não controlamos este processo, e sim "faz-se", tornamo-nos o que somos, mas num certo aleamento. Nisto, há uma ocorrência do inconsciente que necessita conviver com o mundo exterior, satisfazer-se satisfazendo este mundo externo, daí se constrói o superego, e

<sup>102</sup> JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**: as bases conceituais. Rio de Janeiro, BR: Jorge Zahar, 2011. v. 1. ISBN 978-85-378-0225-0. E-book Kindle. Não paginado.

<sup>103</sup> FREUD, Sigmund. **O eu e o id**. In: FREUD, Sigmund. O eu e o id, "autobiografia" e outros textos: (1923-1925). São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2011. v. 16, p. 75-167. ISBN 978-85-359-1872-4.

este, nascido do consciente, do eu em contato com o mundo externo, condiciona, melhor dizendo, restringe a maior parte dos desejos do id que, per si, e em si, é indomável, mas, de algumas formas, necessita, através do eu, satisfazer suas pulsões.

\*

“[...] comprehende-se por que a psicanálise, à diferença da ciência, não procede por um conhecimento cumulativo. Ela não prolongará as ramificações acima em direção a uma rede cada vez mais vasta de saberes sobre seus pacientes.”<sup>104</sup>

A singularidade humana, em suas composições sexuais, logo, afetivas, amorosas, são irrepetíveis. O que levamos pela nossa vida, como levamos, transcende, em muito, a possibilidade de, sob parâmetros fisicistas – biológicos, fisiológicos, por exemplo –, que, muitas vezes, excluem nossa própria humanidade articulada, e por nós mesmos, construirmos repetibilidades laboratoriais das emoções, dos sentimentos. Se fossemos apenas animais não faríamos arte pelo próprio pensar<sup>105</sup> e, deste pensar (cultura), tudo que é cultura posta concretamente no mundo. Nossa existência é plástica, profundamente transformadora de nós mesmos, em busca de um lugar, em busca de um ser, e com isto cada vez mais humanos nos tornamos.

\*

“Ao estabelecer o psíquico como processo paralelo e concomitante ao fisiológico, submetido, portanto, a leis de funcionamento diversas, e ao criticar duramente seus mestres, defensores das doutrinas localizacionistas, Freud inicia um novo rumo em suas pesquisas e interesses. O Estudo, destarte, assinala a ruptura radical de Freud com a Neurologia ortodoxa alemã [...]”<sup>106</sup>

A Psicanálise, mesmo que em esboço, já começou a despontar no cenário científico ao Freud reconhecer, pelo menos a partir de *Sobre a concepção das afasias*, a autonomia do psíquico em relação ao físico, ao fisiológico no que se refere a determinadas patologias que, em suas causas, não se circunscreviam no corpo, mas na psiché. A Psicanálise surge de uma transcendência dos imperativos modais científicos fisicistas de sua época.

\*

“O pensamento não é nenhum meio para o conhecimento. O pensamento abre sulcos no agro do ser. Por volta do ano de 1875, Nietzsche escreve o seguinte: 'Nosso pensamento

<sup>104</sup> VIEIRA, Marcus André. **Posfácio.** In: FREUD, Sigmund. Histórias clínicas: Cinco casos paradigmáticos da clínica psicanalítica. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. 800 p. Obras incompletas de Sigmund Freud. ISBN 978-65-5928-085-8. E-book.

<sup>105</sup> HEIDEGGER, Martin. **Platão:** o sofista. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2012. p. 07-238.

<sup>106</sup> ROSSI, Emiliano de Brito. **Posfácio.** In: FREUD, Sigmund. Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico. 1. ed. Belo Horizonte, BR: Autêntica, 2013. Obras incompletas de Sigmund Freud. ISBN 978-85-8217-313-8. E-book Kindle. Não paginado.

deve ter o cheiro forte de um trigal numa noite de verão'. Quantos ainda possuem olfato para esse cheiro?"<sup>107</sup>

Em Psicanálise existem ocorrências entre o que o analisando expressa, de inúmeras formas, e a teoria psicanalítica, esta disposta no "espelhar" do analista que, também através da técnica, dedica-se a colher do campo, não muito, mas as imprescindíveis combinações de afetos que levaram o sujeito ao atendimento clínico.

\*

"Não conseguiremos escutar nada sobre a saga do dizer poético enquanto formos ao seu encontro guiados pela busca surda de um sentido unívoco."<sup>108</sup>

Aqui, Heidegger não adverte sobre empecilhos quanto ao encontrar a verdade, ou verdades das coisas, mas tão somente ele se detém na questão da escuta também poética. Escutar aquilo que se dispõe. Porém, a questão, a problemática se presenta "pela busca surda de um sentido unívoco", daí, já buscamos algo, e se assim é, previamente ao achado já o encontramos: consequentemente nada possuímos daquilo que acreditamos conhecer e todo aquele presentear do ser-à-nós fica desperdiçado, já que não é aquilo que já possuímos.

Sob essas condições, desejamos que o mundo seja conforme moldes que nos impuseram, ou que impusemos a nós mesmos, entretanto, a amplidão das singularidades humanas, logo, de seus conhecimentos e modos de ser, nos propõem que, em vez de tentarmos moralizar o mundo à nossa imagem e semelhança, talvez precisemos de uma transcendência à nós mesmos: aprender com a diversidade do ser-no-mundo e tornarmo-nos um além do que hoje somos.

\*

"O enamoramento consiste num transbordar da libido do Eu para o objeto."<sup>109</sup>

O narcisismo, fundamental para que nós, enquanto sujeitos, apareçamos para nosso próprio ser, forjemos nossa identidade, não se basta e, geralmente, nos lançamos a outro objeto de amor, sendo este não mais nossa mãe ou pai – ou substituto dos mesma durante nossa criação –, não mais a nós mesmos, mas outro ser que desejamos que acolha nosso escoamento libidinal.

\*

---

<sup>107</sup> HEIDEGGER, Martin. **A essência da linguagem.** In: HEIDEGGER, Martin. A caminho da linguagem. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. ISBN 85-326-2920-2.

<sup>108</sup> HEIDEGGER, Martin. **A linguagem na poesia.** In: HEIDEGGER, Martin. A caminho da linguagem. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. ISBN 85-326-2920-2.

<sup>109</sup> FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo.** In: FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo, ensaios de Metapsicologia e outros textos: (1914-1916). São Paulo, BR: Schwarcz, 2010. v. 12. ISBN 978-85-8086-038-2. E-book Kindle. Não paginado.

“O amor dos pais, comovente e no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo dos pais renascido, que na sua transformação em amor objetal revela inconfundivelmente a sua natureza de outrora.”<sup>110</sup>

Apesar de nosso primeiro amor ser aquele sujeito que nos ofereceu cuidados no princípio de nossa vida, na própria distinção que se estabelece de nós em relação ao outro, na descoberta do próprio corpo, lançamos nossa libido à nós mesmos. Amar os filhos é estender o amor que temos por nós mesmos, nos admirarmos do nosso próprio refletir através deles.

\*

“[...] o ceticismo leva a cabo uma aplicação radical e sistemática da descoberta protagórica da ambigüidade e indefinibilidade irredutível da argumentação e do discurso.”<sup>111</sup>

Procurando meditar acerca da episteme, da científicidade psicanalítica, tendo como pano de fundo o Ceticismo, nos vêm algumas ideias: Ceticismo refere-se – também conforme o lexicógrafo filósofo Ferrater Mora – a sképsis, ao mirar cuidadosamente; o vigiar; examinar atentamente; a aquele que mira ou examina cuidadosamente e a própria tendência a mirar cuidadosamente.

O fazer psicanalítico depende, profundamente, destes métodos; seus caminhos, que não pressupõem verdades a espera de vez, são imbrincados de atitudes dispostas a continuamente construir interpretações que, em suas medidas, evidenciem o que se presenta na clínica.

O mirar cuidadosamente o dito, mirar as lacunas onde pousam o não-dito; a recusa; o acabrunhamento; a ira do analisando; seus atos falhos; seus limites, e tantos outros aspectos pousam naquele mirar do analista. Do mirar, e com o mirar, o analista examina o exposto – exposto de alguma forma – pelo analisando, estabelece um discurso que, na medida do possível, esteja (de momento) suficiente na superfície que presenta o inconsciente; examina tendo como pontos de apoio as estruturas psíquicas tantas vezes encontradas na história da Psicanálise, e, claro, neste momento em que o setting analítico também faz história.

E o cuidado ao mirar é sempre cuidado pelo analista no intuito de que ele não se perca em discursos prévios em relação a singularidade do inconsciente. Vemos, com isto exposto brevemente, que a Psicanálise se requer céтика para avançar, sendo a mesma sempre invadida pelo novo que se encontra em sua clínica.

\*

---

<sup>110</sup>Idem.

<sup>111</sup> PEREIRA, OP. **O conflito das filosofias.** In: PEREIRA, OP. Rumo ao ceticismo [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2007. ISBN 978-85-393-0448-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

“[...] o sentido da evolução cultural já não é obscuro para nós. Ela nos apresenta a luta entre Eros e morte, instinto (pulsão) de vida e instinto (pulsão) de destruição, tal como se desenrola na espécie humana. Essa luta é o conteúdo essencial da vida, e por isso a evolução cultural pode ser designada, brevemente, como a luta vital da espécie humana.”<sup>112</sup>  
Parênteses meus

Para que sejamos, ou melhor, para que construamos a civilidade em nós mesmos, e, com isto, a cultura se estabeleça, também com ela possamos nos distinguir significativamente dos outros animais – pelo menos aparentemente –, é requerido um contínuo e demorado trabalho de sublimação, seja através da nossa formação em pessoas, propiciada enormemente, via de regra, pelos nossos pais; seja pelas microssocializações ao brincarmos com amiguinhos, nós estando em tenra idade. Em sequência e em paralelo a formação que os pais nos concedem, formação, esta até determinada etapa da vida, nos surge a educação sistematizada a partir da escola, nos vinculando a um comprometimento cada vez maior, mesmo que muitos de nós não percebam, na manutenção e melhoramento da sociedade, que sempre espera de nós mesmos, pois esperamos dela, condições para um viver mais significativo em transcendência, na comparação para com a vida animal, mesmo que em condições sempre imanentes.

\*

“Normalmente nada nos é mais seguro do que o sentimento de nós mesmos, de nosso Eu. Este Eu nos aparece como autônomo, unitário, bem demarcado de tudo o mais. Que esta aparência é enganosa, que o Eu na verdade se prolonga para dentro, sem fronteira nítida, numa entidade psíquica inconsciente a que denominamos Id, à qual ele serve como uma espécie de fachada— isto aprendemos somente com a pesquisa psicanalítica, que ainda nos deve informar muita coisa sobre a relação entre o Eu e o Id.”<sup>113</sup>

O que somos, aquilo denominado psiché, ou sujeito, o inconsciente, o Eu, pode, numa imagem psicanalítica, ser considerado contínua mescla pulsional e, numa tentativa de separação compreensiva acerca daquilo que se mescla, nossa constituição é algo entre o inorgânico; o orgânico (memórias de milhares a milhões de anos); as exigências familiares formativas e macrossociais em nós mesmos (escola nos anos iniciais de ensino, por exemplo); consequências de traumas; as sublimações; a alteridade...

\*

“[...] nós, psicanalistas, até hoje sustentamos a opinião de que as raízes de toda doença nervosa e psíquica devem ser buscadas sobretudo na vida sexual— alguns de nós apenas com base na experiência; outros, devido também a considerações teóricas.”<sup>114</sup>

<sup>112</sup> FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização.** In: FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias e outros textos: (1930-1936). São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010. v. 18, cap. Novas conferências introdutórias à Psicanálise (1933), p. 192-223. ISBN 978-85-359-1743-7.

<sup>113</sup> Idem.

<sup>114</sup> FREUD, Sigmund. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em**

Em muito, somos resultados da macro-história e da história privada, logo, essas nos sujeitando, obviamente participando de forma bastante ativa na formação daquilo que somos enquanto sujeitos. Algo que seria muito errôneo é o esquecermos que somos frutos de cultura dita religiosa – e religiosa – milenar opressiva sobre nossos corpos, sobre nossa corporeidade constituída de desejos; de ânsias; de gozos, pois, sobre nosso viver se estabeleceram inúmeras fronteiras entre nossos desejos e os objetos desejados, os objetos de amor. A sublimação da pura liberdade do inconsciente, sublimação esta necessária para que a própria cultura florescesse e tornássemos sobreviventes de nós mesmos, tornando-nos seres sociais, também criou, dentre as filosofias, ciências, religiões e dentre as artes, barramentos autoritários, vingativos, reativos, rancorosos diante ao que a própria sublimação plasticizada singularmente na vida de tantos detentores de poderes sociais fez com eles mesmos. Ao invés desses sujeitos priorizarem grandes harmonias entre os humanos que deles dependiam, de alguma forma, sendo esta forma coletivizada, muitos desses detentores daquele poder transferiram à sociedade toda sua raiva da pequenez que lhes impuseram e da incapacidade em sair de armadilhas (ditas culturais de grande relevância). Para sujeitos incapazes de amar, também através da carne, aqueles a negando enquanto algo bom, sendo esta negação sob várias formas, e por muito tempo (ainda até nossos dias), hipocrisias pseudomoralistas tentam negar a fonte da vida orgânica e fonte, ao mesmo tempo, nos humanos, de transcendência nossa do equívoco de que a carnalidade seja algum fim: falamos da vida sexual, que, essencialmente, é a vida amorosa.

\*

"A liberdade, com todas as suas contradições morais e seus males físicos, é um espetáculo infinitamente mais interessante, para ânimos nobres, do que o bem-estar e a ordem sem liberdade, quando as ovelhas seguem pacientemente o pastor, e a vontade autodominante se rebaixa a uma peça servil no mecanismo de um relógio. Essas coisas fazem do homem um mero produto espirituoso e um habitante afortunado da natureza, enquanto a liberdade faz dele um habitante e um codominante de um sistema mais elevado, no qual é infinitamente mais honroso ocupar o último lugar do que liderar as fileiras do ordenamento físico."<sup>115</sup>

Em um refletir, meditar acerca deste fragmento de Schiller, a partir de uma perspectiva psicanalítica, podemos conceber o detentor daquela suprema liberdade – transcendente a todo ordenamento de peças de um grande maquinário social – como sendo o inconsciente, vivamente pulsional em suas querências: é o inorgânico, sob a pulsão de morte, desejoso em retornar ao oceano (Ferenczi); ou então é o orgânico corpo, em lançamentos – através da pulsão de vida – a outros corpos para satisfazer ainda o inorgânico que há em nós (daí, a pulsão de vida também é pulsão de morte, só que aparentemente indo em outra direção, mas sendo amor); ou então a

**autobiografia ("O caso Schreber")**. In: FREUD, Sigmund. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos: (1911-1913). 9. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010. 373 p. v. 10. ISBN 978-85-359-1614-0.

<sup>115</sup> SCHILLER, Friedrich. **Do sublime ao trágico**. Belo Horizonte, BR: Autêntica, 2011. ISBN 978-85-7526-546-8. E-book.

corporeidade, este além-de-corpo, pois o sujeito, que é sendo a corporeidade, já possui espírito, noutras palavras, já possui a cultura; tornou-se um ser social, imaginário, simbólico: aquele que cria. Diante a este ser cultural, que é holos, com nossa ancestralidade material, com Freud reconhecemos a impossibilidade da prevalência absoluta de um desses aspectos, o liberto e o socialmente submisso. O (des)equilíbrio entre esses dois aspectos nos constitui, nos singulariza, nós enquanto sujeitos; e da singularidade, que é cada um de nós, é que somos psicanalizados, conosco nos encontrando através da interpretação de nós mesmos acerca das nossas próprias existências.

\*

"Nos hallamos ante un abismo en el que, o bien nos precipitamos en la nada—es decir, en la nada de la objetividad absoluta— o bien logramos saltar a otro mundo o, siendo más exactos, estamos por primera vez en condiciones de dar el salto al mundo en cuanto tal."<sup>116</sup>

Nós, ocidentais, somos herdeiros – pelo menos desde o Orfismo – de uma concepção dual daquilo que somos constituídos, melhor, daquilo que somos enquanto essências: muitas vezes nos consideramos consciências etéreas deslocadas do mundo material ou, mesmo que em minoria, nós nos definimos enquanto corpos, matérias reagentes a outras matérias e a consequências energéticas, magnéticas, por exemplo, da própria matéria<sup>117</sup>: a luz, a gravidade, temperatura...

Em paralelo, a Fenomenologia, que se desenvolveu no séc. XX, tendo seu (localizado) início através do pensamento de Edmund Husserl, concomitantemente surge e tem seus primeiros avanços a Psicanálise de Sigmund Freud, que se distancia do anatomismo, do fisiologismo do séc. XIX, ousando reconhecer a existência do "aparelho psíquico" que, ao seu modo, é fusão entre o corpo, com suas tantas exigências à nós, e nosso próprio existir enquanto seres afetivos, seja em relação aos próprios corpos e a tantas outras formas que há no mundo, ou seja, na nossa condição antropológico-sócio-cultural, em que se estabelece a linguagem.

\*

"La verdad en sí misma es validez y, como tal, algo que tiene valor."<sup>118</sup>

Em análise há, dentre outras coisas, algo também importante, e este algo não é saber se realmente é verdade o que o analisando diz, expressa corporalmente, afirma, confirma, e também nega (pois negar é afirmar algo); e sim, para o analista, é importante reconhecer a validez, para o sujeito em análise, daquilo que este pensa, diz, gesticula, enfim, reconhecer que aquilo que ele

<sup>116</sup> HEIDEGGER, Martin. **La idea de la filosofía y el problema de la concepción del mundo**. Barcelona, ES: Herder, 2005. 165 p. ISBN 84-254-2355-4.

<sup>117</sup> Que podemos considerar luz plasmada.

<sup>118</sup> Idem.

expressa é sua verdade, mesmo que esta seja uma verdade encobridora de algo; e isto já é sintomático, indicador, sendo que, neste contexto, no decorrer do percurso psicanalítico, as verdades farão com que emerja o inconsciente.

\*

"Para a psicanálise, o sujeito já está hipnotizado pelo desejo do Outro e seu objetivo é desipnotizá-lo, o que Lacan chamou de despertar. A psicanálise opera de modo pontual e se furtá às generalizações próprias ao saber psicológico, que servem para adormecer o sujeito ainda mais e fazê-lo caminhar sonambúlico nas redes da aliança contemporânea entre ciência e capitalismo."<sup>119</sup>

Tornar-se si mesmo. Tarefa proposta e empreendida, aqui enquanto exemplos, por inúmeros filósofos e por teorias filosóficas; isto durante milênios até nosso presente. Qual meu quinhão de vida vivente? Sou autêntico? Meu desejo em saber qual o desejo do "Outro" em relação a mim fragmentou em demasia meu próprio desejo? Meu desejo se perdeu na reatividade, na performance, na tentativa de convencimento? O inconsciente cede demais ao superego? A singularidade do sujeito tem sido alcançada, preservada, sublimada o suficiente? O que de mim, enquanto inconsciente, cá está? Decidir se observar pela Psicanálise evidencia cisões, assujeitamentos da espécie, da cultura, do estabelecimento de si mesmo. Mais do que aguardar, pela análise, chegar a algo, de certa forma monolítico, que seria o si mesmo total, e sim, entender processos que são o próprio construir-se continuamente sujeito.

\*

"O que nos impede de sermos poetas? Para responder a essa pergunta, Heidegger dá o exemplo do cego que é cego por falta, ou por excesso. O filósofo diz: 'É possível que a habitação sem poesia— sua impotência em tomar a poesia como a medida— prova de um estranho excesso, de um furor de medida e de cálculo.'"<sup>120</sup>

Hoje a poesia tanto nos incomoda a ponto de, ou termos repulsa perante sua "ilógicidade", ou ela mesma nos mantém em transe de inação e recusa do mundo a ser vivido. Mas o pensar é essencialmente poemático, falo quanto ao pensar mesmo, aquele que provém da ebulação constante do inconsciente. O que realmente ainda não pensamos? O que realmente ainda não dissemos? O quanto ainda não somos?

\*

---

<sup>119</sup> JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**: a prática analítica. Rio de Janeiro, BR: Jorge Zahar, 2017. v. 3. ISBN 978-85-378-1661-5. E-book. E-book Kindle. Não paginado.

<sup>120</sup> QUINET, Antonio. **Édipo ao pé da letra**: fragmentos de tragédia e psicanálise. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2015. ISBN 978-85-378-1487-1. E-book Kindle. Não paginado.

“[...] os escritores são aliados valiosos e seu testemunho deve ser altamente considerado, pois sabem numerosas coisas do céu e da terra, com as quais nem sonha a nossa filosofia.”<sup>121</sup>

Nossa compreensão moderna, de nós enquanto ocidentais, pelo menos, que vem desde o decaimento do poder religioso totalitário, ainda persiste em se acreditar que verdades, aproximações às mesmas ou convenções que as substituam, no âmbito científico, possam anular as contribuições das artes acerca de respostas ao que seja humano, como se o "laboratório" científico tivesse todo o método e instrumental suficientes ao esclarecimento. Aqui falamos de dogmas científicos que a Psicanálise conseguiu, naquilo que lhe compete, superar, com ela reconhecendo o extremado valor, seja das artes dramáticas, da mitologia, das belas artes, poesias, literatura, e tantos outros campos, ao nos instigar à compreensões mais livres, profundas, extensas e belas do que seja o humano, daquilo que originariamente nos move.

\*

“A apreensão da essência é uma espécie de “trazer- à- tona” a essência. Esse trazer-à-tona (pro- duzir) não é nenhum fabricar e fazer– portanto, ele é, de qualquer modo, um encontrar previamente.”<sup>122</sup>

O Inconsciente, aquilo que emerge...

\*

“Se tentarmos determinar metafisicamente – ou seja, não historiologicamente, nem tampouco em termos de visões de mundo– o lugar do homem sobre a Terra, então será preciso dizer que o homem começa a entrar na era da total ausência de questionamento de todas as coisas e de todas as maquináções – um acontecimento descomunal, cujo sentido direcional ninguém consegue fixar e cuja amplitude ninguém consegue avaliar.”<sup>123</sup>

O niilismo, a “cultura” do nada enquanto “referência” do viver, se impõe cada vez mais. Com a contínua eterização do capital, de seus produtos e serviços efemerizados, pois submetidos a velocidades muito maiores do que ocorreu há poucas décadas, consequentemente precarização, esvanecimento dos produtos e insuficiência (démodé) dos serviços passa a instalar-se. Não podemos esquecer o principal: o trabalhador vai se diluindo em sua voz, em seus direitos, em

<sup>121</sup> FREUD, Sigmund. **O Delírio e os Sonhos na Gradiva**. In: FREUD, Sigmund. O Delírio e os Sonhos na Gradiva, Análise da Fobia de um Garoto de Cinco Anos e Outros Textos: (1906-1909). São Paulo, BR: Schwarcz S.A., 2015. v. 8. ISBN 978-85-438-0337-1. E-book Kindle. Não paginado.

<sup>122</sup> HEIDEGGER, Martin. **As questões fundamentais da filosofia**: “problemas” seletos da “lógica”. 1. ed. São Paulo, BR: WMF Martins Fontes, 2017. ISBN 978-85-469-0146-3. E-book.

<sup>123</sup> Idem.

seus gozos, na sua própria utilidade e reutilização enquanto mão de obra: automações, não somente de indústrias, mas de serviços (“Inteligências” Articiais); carros autônomos; simplificação na propulsão dos próprios carros (agora mais e mais elétricos), consequentemente menos refinarias, menos trabalhos nessas áreas a longo prazo (pelo menos politicamente assim tem se imposto pelo Ocidente do norte do planeta); navios mercantes autônomos, dentre tantos outros esquecimentos do trabalhador. Aos sobreviventes poderíamos questionar: não está sobrando tempo para que o humano se descubra? Infelizmente não, já que trabalhamos dando conta daquilo que tantos outros colegas, que poderiam necessariamente fazer, para que não continuássemos a nos transformar em dois, em três ou quatro trabalhadores; a possibilidade infinita em conectar-se, possibilidades ao agire, delimitou-se ao reagire, e não valoramos, o quanto precisaríamos, a intersubjetividade para que a rede humana se fortaleça.

O autoconhecimento socrático não ocorreu em solitário, mas em comunidade, em diálogo; o autoconhecimento através da análise não ocorre em solitário, mas em linguagem que aceita que há o outro, e, através da alteridade, o psicanalista nos auxilia a silenciar e a refletir sobre nós mesmos enquanto sujeitos, para daí agirmos. Na cultura temos, também, este instrumento para desvelarmos a humanidade que transparece no nosso devir.

\*

“Pode ser que o campo de visão de toda lógica, enquanto lógica, distorça justamente a visão da essência da verdade. Pode ser que até mesmo os pressupostos de toda lógica não admitam uma questão originária sobre a verdade. Pode ser que a lógica não alcance nem mesmo a antessala da pergunta sobre a verdade.”<sup>124</sup>

O Ser, aquilo que É, e cada seu possível fenômeno, aquilo que aparece de si mesmo, talvez estejam incomensuravelmente pouco detidos na linguagem, na lógica. A quase totalitária visão – totalitária culturalmente, pelo menos no Ocidente europeu e que migrou para suas expansões globalistas – é apenas um dos sentidos; nossos raciocínios são mecanismos de ordenamentos pessoais (fundados no coletivo) e nossos acordos acerca dos fenômenos são convenções coletivas. A lógica é humana, demasiado humana. Deixar o fenômeno se dizer requer uma transformação da linguagem: não mais domínio, mas campo que se dispõe ao que chega. Num diálogo com aquele fragmento heideggeriano, o analista necessita ser este campo diante ao fenômeno clínico. Esta é uma proposta freudiana.

\*

“[...] por trás da maioria, senão de todos os fenômenos da histeria, há uma vivência marcada de afeto [...]”<sup>125</sup>

---

<sup>124</sup> Idem.

<sup>125</sup> BREUER, Josef; FREUD, Sigmund. **Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos** histéricos. In: BREUER, Josef; FREUD, Sigmund. Estudos sobre a histeria: (1893-1895). São Paulo, BR: Schwarcz S.A., 2016. v. 2. ISBN 978-85-438-0517-7. E-book Kindle. Não paginado.

A histeria, esta neurose, em quase totalidade, têm sua causa no afeto, que é erotismo, o amor, o desejo, em seus tantos e diversos modos de ser na nossa existência, seja na fase jovem, adulta, mas, em grande parte, desejo este que ocorre durante a construção de nós mesmos enquanto sujeitos, na infância; experiências que, para nós, ficaram sem nomes, sem compreensão, ou mal compreendidas, hipercensuradas, neste caso, muitas vezes por nós mesmos.

\*

“[...] é o acesso a essa estrutura simbólica inconsciente, rica e complexa, que a psicanálise pretende dar ao sujeito.”<sup>126</sup>

“A nossa linguagem pode ser vista como uma cidade antiga: um labirinto de travessas e largos, casas antigas e modernas e casas com reconstruções de diversas épocas; tudo isso rodeado de uma multiplicidade de novos bairros periféricos com ruas regulares e as casas todas uniformizadas.” § 18<sup>127</sup>

“A essência manifesta-se na Gramática.” § 371<sup>128</sup>

Parafraseando Ludwig Wittgenstein, e seguindo, pelo menos em parte, em seu sentido - noutro fragmento seu - o psíquico não é constituído de uma pavimentação com gelo liso, uniforme em que o Eu plenamente sendo consciente impera, realiza-se solitária e autonomamente no seu ser-no-mundo. Somos mais complexos que isto. A pulsão de vida nos anima em sua totalidade de força, de poder realizar-se, e o que a vida deseja é permanecer o que se é. Em substratos mais primevos, mais basais daquilo que somos, que é a matéria corporal, vitalizada psiquicamente pelo próprio desejo em caminhos, em toda sua composição, toda sua organização constituída em milhões de anos de adaptação nos contatos com outras vidas e formas inanimadas, se direciona àquele objetivo, o de permanecer viva, daí, organicamente, através de canais de despejos ao exterior a nós, de forma libidinal, a pulsão busca satisfazer-se: distribuir-se a partir da realização de desejos (o desejo encaminha-se em circuitos pelas pulsões).

Não há uma uniformidade nesses caminhos da sexualidade, mas uma complexidade de camadas, de envelhecimentos e permanências de lembranças, em transformações contínuas dessas mesmas lembranças, mesmo que já sejam lembranças transformadas em sonhos, em chistes, atos falhos, repetições, em sintomas psíquicos, somáticos ou psicossomáticos. Apesar de a pulsão ser indizível, suas pulsões em libido, mesmo que, a princípio, de difícil entendimento, a partir de esboços, de composições, de evidências dos afetos que elas são, e afetos a quem ou a que, é que esta grande cidade antiga, que é o inconsciente, poderá ser compreendida pelo

<sup>126</sup> JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**: a prática analítica. Rio de Janeiro, BR: Jorge Zahar, 2017. v. 3. ISBN 978-85-378-1661-5. E-book. E-book Kindle. Não paginado.

<sup>127</sup> WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. In: WITTGENSTEIN, Ludwig. Tratado Lógico-filosófico & Investigações Filosóficas. Lisboa-Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995. ISBN: 978-9723103830.

<sup>128</sup>Idem.

analisando. Nem sempre é possível em solitário se conhecer na completude necessária para que estejamos mais aptos a criar e desfrutar na vida. Necessitamos do arqueólogo, do paleontólogo psicanalista (do escultor) – somos aqueles que necessitam – para que escavações insistentes, demoradas, consigam retirar as camadas, muitas vezes de defesa do consciente, estimuladas e impostas pelo superego. Mas sempre há caminhos, já que nos manifestamos, nós, inconscientes, na gramática, na linguagem e através do não dito sob determinadas circunstâncias e perspectivas.

\*

"Pode- se entender que a parte científica da psicanálise, denominada por Freud de metapsicológica, é transmissível, ao passo que a parte dita "técnica" exige constante arte e reinvenção."<sup>129</sup>

A Psicanálise, enquanto ciência humana e ciência da saúde existencial, digamos assim, possui uma grande maturidade ao reconhecer a singularidade do sujeito/analisando, e a partir desta singularidade, ela fomenta a renovação, a inovação de sua própria técnica na clínica.

Durante as primeiras décadas do séc. XX, a Psicanálise, superando o fisiologismo e o anatomoismo que imperaram entre os sécs. XIX e XX, para se compreender as neuroses, foi surgindo como uma ciência que se faz em devir. A dinâmica reflexiva por compreender a estrutura do inconsciente faz (ou espera-se que faça) com que tudo que seja Psicanálise avance sem receio de dogmatismos teóricos, de personalismos para com os iniciadores (e para com outros não tão antigos, assim como com atuais) desta práxis. Claro que a teoria precisa ser compreendida a fundo, entretanto, paralelamente, a técnica precisa ocorrer na própria singularidade criativa e articuladora do psicanalista. E por quê? Porque o analista também é sujeito, e, em muito, sujeito perante o sujeito que lhe chega em consulta. O analista, ao saber que não sabe acerca da Singularidade que lhe vem, escuta, busca compreender aquela(e) que, muitas vezes, em sofrimento, em resposta, busca a pergunta que a ela está vinculada, no intuito de, compreendendo-se, viver ao máximo possível o presente. Queremos dizer que o psicanalista, além de técnico, é cientista no seu próprio consultório; é também artista, equivalente ao escultor, pois retira partes que encobrem o inconsciente, e daí desvela aquilo que se mantinha reprimido na psiché do analisando. Com isto, a teoria psicanalítica é mais esclarecida através do sujeito que surge; a técnica muda diante a mudança perceptiva do analista e esta percepção é comunicada, ao desvelar novas singularidades do inconsciente, em artigos, livros, palestras, grupos de estudo, cartéis: a transmissão da Psicanálise.

\*

"Com o advento do simbólico, o sujeito humano desenvolveu uma linguagem que mediatizou um acesso diferente ao real, e, por meio dele, abriu portas que constituíram

---

<sup>129</sup> JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**: o laboratório do analista. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2022. v. 4. ISBN 978-5782725-3. E-book Kindle. Não paginado.

seus quatro mais excelentes caminhos: arte, ciência, filosofia e religião.”<sup>130</sup>

Aqui, abaixo, também um ensaio:

E podemos encontrar, enquanto o princípio do simbólico, na construção de lembranças, ambíguas, do parricídio na horda primeva, na inveja do gozo desmesurado do pai com as fêmeas, a recusa posterior ao incesto, recusa ao próprio parricídio. O totem e o tabu surgem no primeiro ordenamento social - mesmo que em determinadas sociedades, até mesmo bem posteriores ao assassinato do pai, exceções tenham ocorrido -, e camada após camada, camada sobre camada, e fusão de tantas camadas de tempo cultural, longínquos ordenamentos sociais mais próximo dos nossos foram - e são - se instituindo: a arte que nos traz nossa tentativa de replicar o mundo, espelhá-lo imageticamente, e a posteriori nos tornamos cada vez mais independentes em relação a natureza, fazendo mundos artísticos conforme nossa própria natureza em formação; também construímos instrumentos de defesa; de agricultura; de construção de barcos; tendas; a roda e tantas outras peças para serem úteis diante as nossas necessidades mais prementes. Por demais ultrapassamos nossas próprias necessidades, e no afã de acumularmos mais do abstrato (do dinheiro) das coisas que necessitamos, tendemos ao acúmulo e conquistas sobre outros povos, fazendo com que mais e mais a ciência multiplicasse nossas necessidades, nos trazendo mais conforto e, ao mesmo tempo, guerras sem fim - de várias formas -, até do sujeito para consigo mesmo; já, por outro lado, na tentativa de se entender de onde se vem, para onde se vai e qual o sentido para o “agora” de nossa existência, criamos a filosofia, aquela buscadora da verdade ou das verdades, das vitalidades conceituais de praticamente tudo que conseguimos pensar.

Nos acumulamos, nos sofisticamos, sublimamos não apenas os desejos, mas nossas próprias ignorâncias diante ao místico, ao mistério, e em todos os tempos da filosofia cremos nos tornar menos ignorantes, mais sábios, ou ignorantes mais conscientes de nossa contínua ignorância, nos impulsionando mais fortemente em busca da sabedoria. Por fim, e não nesta ordem, temos a religião, redentora do nosso parricídio guardado na memória da carne humana; nós, amaldiçoados ou portadores de pecado original, necessitados da ascese, do sacrifício, para que o pai morto, em nossa memória bem viva, nos perdoe e nos receba na vida eterna do Real do inorgânico.

\*

Hoje, 9 de maio, dia da Grande Vitória Pela Pátria, comemorado pela Rússia e todas outras Repúblicas que fizeram parte da URSS, vencendo o nazismo daquela época, tendo morrido, se sacrificado pela defesa da Pátria mais de 27 milhões de soviéticos, também nos faz lembrar do grande espanto de Sigmund Freud pelas ocorrências e consequências traumáticas da primeira guerra mundial. Filhos seus participaram, buscaram defender os valores que sua pátria, Áustria,

---

<sup>130</sup> JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**: as bases conceituais. Rio de Janeiro, BR: Jorge Zahar, 2011. v. 1. ISBN 978-85-378-0225-0. E-book Kindle. Não paginado.

acreditava. O posterior desmantelamento da monarquia austríaca; grande empobrecimento do povo; surgimento e crescimento, do nazismo; perseguição aos judeus. Terrorismo tão grande que fez, já em 1938, com que Freud e sua família constituída fugissem para a Inglaterra, com o grande auxílio de amigos, especialmente o de Marie Bonaparte. Podemos considerar que, para o criador da Psicanálise, a gota d'água para que a fuga ocorresse, foi o interrogatório, feito pela Gestapo, com dois de seus filhos, dentre eles, Anna Freud, que naquela época já era psicanalista. E não podemos esquecer de outra terrível consequência, que foi a morte, segundo obras, de duas irmãs do próprio Sigmund Freud, em campos de concentração nazista, já após a morte do criador da Psicanálise.

Hoje, refletindo, percebo ser a guerra um entre mundos: entre o mundo pulsional, voraz na busca de saciedade dos desejos do orgânico e da psiché, estes sendo uno; e o mundo da sublimação, o do afastamento da voracidade pulsional, mundo redentor e criativo; fomentador do surgir e sempre se aperfeiçoar das religiões; ciências; artes; filosofias, e, ainda acrescento, dos esportes, que, quando vividos de formas saudáveis, detém a agressividade nos hinos; nas ondas das torcidas em arquibancadas; surgem êxtases quando se vence; também na disputa dialógica de qual time é melhor, a energia é despejada através da palavra, dentre outros mecanismos de controle do que o animal social tem a satisfazer.

Também percebo, ao estudar Freud se articulando sobre as guerras, um grande espanto, como se este entre mundos não coubesse nos “cálculos” pulsionais e sublimadores desenvolvidos pela Psicanálise no intuito de se entender o Sujeito. Mas, talvez em parte com Freud, se nos dirigimos ao que prepara as guerras, encontraremos, no mínimo em fragmentos, respostas, como, por exemplo: quanto a nações e, mais especificamente, quanto a governos que desejam, a todo custo, continuar sendo impérios sobre outros, muitas vezes sobre todo o mundo, chegando a se dizer que outros países não estando com eles, estão contra a justiça; não estando sob sua jurisdição de “regras” internacionais, construídas por poucos, estes sendo os mais bilionários do planeta, aqueles não estarão no caminho correto da globalização. Daí temos a concepção e realização de guerras eternas, geridas por determinada ou determinadas nações para que seus status quo sempre prevaleçam. Os jardins devem ser preservados das florestas, dos selvagens. Como já disseram, precisamos cuidar do jardim. Eles, acham, precisam disto.

\*

A relação do Id (Isso) - este que é a maior porção daquilo que somos enquanto Psique – com o Ego – já este sendo a nossa relação com o mundo exterior – é intermediada no pré-consciente. Consideremos este como janelas, de inúmeros formatos, tendo os olhos do Id voltados para fora das mesmas enquanto desejante de pleno gozo, e, por outro lado, censurando inúmeros desejos, por motivos preconceituosos ou de tabus, ou de impedimentos moralistas, ou da própria regulação da sociedade sobre si mesma, para que esta permaneça existindo através dos seus mecanismos de sublimação: artes; ética; religiões; ciências; esportes; lazeres, encontramos o superego (supereu), o supervisor "do que pode" o Ego ter em consciência e extensão do desejo que parte do Id enquanto inconsciência. O superego "olha os olhos" do Id, percebe seus desejos e, muitas vezes, impõe barras ao seu fluxo libidinal, seja no próprio campo do pré-

consciente, ou fortemente o rechaça, forçando que ele retorne ao grande campo do inconsciente. Estes fenômenos censores ocorrem através de disfarces dos desejos primitivos, seja em sonhos; atos falhos; chistes; sintomas psíquicos; somáticos, psicossomáticos ou através da plena falta de linguagem perante o desejo que foi empurrado de volta à zona indizível do inconsciente, neste caso, ainda não estruturado na linguagem, permanecendo nômeno, ou, diríamos, "nada a ser, apenas ser".

\*

"Quem estimar o valor do autoconhecimento e da elevação do autocontrole, adquiridos por meio dela (da análise), prosseguirá no exame analítico da própria pessoa em forma de autoanálise, e se contentará com o fato de que, tanto dentro de si como fora, sempre deve esperar encontrar algo novo."<sup>131</sup> Parênteses meus

Já há milhares de anos que inúmeras doutrinas, inúmeros sábios e filósofos recorrem ao autoconhecimento para que o sofrimento seja reduzido na existência humana. Aqui, refletindo acerca da cultura grega, enquanto um exemplo, sendo que no nosso breve comentário, bem anterior à própria filosofia do período clássico – este que é por volta de 400 anos antes de Cristo -, séculos antes de Sócrates, podemos citar que através do Orfismo já havia a proposta em se ritualizar o afastamento da vida mundana à uma vida iniciática em que, reconhecendo-se a reencarnação enquanto trajeto humano, o sujeito fosse vegetariano e seguisse determinados andarilhos do Orfismo, e a partir dos seus preceitos divulgados pelas ruas, conseguisse não mais retornar à carne e que, após a morte de seus corpos, os sujeitos pudessem viver ao lado dos Deuses.

Posteriormente chega Platão, discípulo de Sócrates, e, seguindo seu mestre, que era iniciado no Orfismo, aquele propõe que, não através de rituais vãos, mas pelo filosofar em busca das verdades do Mundo das Ideias as pessoas pudessem colher cada vez mais, daquele Mundo, inspiração no seu trajeto ao Supremo Bem, Deus.

O Cristianismo institucionalizado, não o Cristo, absorveu a filosofia platônica, através dos ensinamentos de Plotino, discípulo tardio do próprio Platão e, retirando a metempsicose, digo, a reencarnação, retomando o ritualismo, passou também a propor uma reforma íntima do sujeito para que este pudesse, após o juízo final, viver eternamente adorando o Senhor seu Deus.

Já em finais do século XIX um neurologista, por demais mundano e ateu, mesmo sendo judeu, propõe que, através da Psicanálise – e a partir dela – houvesse um fortalecimento na recepção psíquica para com o devir, para com o vir-a-ser, que vivifica o próprio mundo. Que os abalos psíquicos fossem os menores possíveis ao humano diante as agruras, diante as decepções na sua existência.

---

<sup>131</sup> FREUD, Sigmund. **Recomendações ao médico que pratica a Psicanálise** (1912). In: FREUD, Sigmund. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos: (1911-1913). São Paulo, BR: Schwarcz, 2010. v. 10. ISBN 978-85-8086-037-5. E-book Kindle. Não paginado.

\*

Segundo Freud, a técnica psicanalítica requer do próprio analista que seu caminho ocorra “per via di levare”, ao invés da prática “per via di porre”. Estas duas citações referem-se ao olhar de Leonardo Da Vinci perante a atitude do artista. Per via di porre seria característico ao pintor, que segue o caminho técnico de pôr, de acrescentar às pinturas tintas que lhe pareçam convenientes nas suas criações, assim como as próprias misturas entre as cores; o peso do pincel sobre a tela; a velocidade das mãos; as falhas que identificam as intenções, na maioria das vezes nem percebidas pelo artista, às suas obras em construção, dentre outros fatores identitários mais do artista, do que de sua obra enquanto outra coisa no mundo. Por outro lado, a chamada per via di levare é referida ao escultor, que, ao contrário do pintor, segue o caminho oposto, que é o de retirar da argila, da pedra, do ferro, do bronze, do ouro, etc., camadas excessivas para que a obra de arte seja desvelada, descoberta. Sob este olhar de Da Vinci, sendo utilizado na Psicanálise, per via di levare refere-se a retirada de constructos do superego - que têm como intuito barrar, censurar pulsões vindas do inconsciente - do analisando e com ele mesmo ativamente fazendo suas livres associações, de suas ideias, de seus afetos. Conforme a sociedade que necessitaria acolhê-los, os desejos - pelo menos muitos deles - surgiriam como perniciosas, execráveis, irrealizáveis perante as possibilidades de execução inseridas nas, ilustremos com outro teórico, “formas de vida”<sup>132</sup>, através dos seus respectivos “jogos de linguagem”. Portanto, a tarefa do psicanalista “escultor” é a de, cuidadosamente, retirar montantes de repulsas moralistas; do não dizer; de deslocamentos e condensações em sonhos, em chistes; dentre outras variantes de desvio do desejo e que, através da linguagem, mais se desvele o próprio inconsciente através de suas pulsões sexuais, antes barradas; maiores surgimentos do próprio sujeito à si mesmo, este que passa a responder à sua própria pergunta: “O que desejo?”.

\*

O feminino tem papel fundamental para a formação da Metapsicologia. Não à toa Sigmund Freud perguntou “O que quer o feminino na mulher?” - e não “O que a mulher quer?” -. O que temos é uma grande pergunta impulsionadora da Psicanálise (isto se pensarmos apenas nesta). Este impulso iniciou-se com as tentativas de se compreender as histéricas – e aqui não negamos a existência dos homens histéricos, confirmada pela experiência psicanalítica, especificamente também no seu pré-início, em finais do séc. XIX – que, em seus sintomas silenciosos para as compreensões delas mesmas, desvelava toda a grandiosidade do feminino, retida pelo patriarcalismo; pelo machismo tolhedor das pulsões canalizadas pela libido, mas retidas no controle social, familiar, sobre a feminilidade que, na fase da puberdade, o objeto de amor mais pontual e figurativamente passa a existir, mesmo que ainda de forma imberbe. Por outro lado, claro, ainda sob a perspectiva da Metapsicologia, o feminino, amado primeiramente através da vivência com a mãe, ou de outra pessoa que a realize enquanto continente à criança, é o polo de atração ao inorgânico, ao oceano, sendo aquela, a mãe, a mais proximal realidade (através do seu ventre buscado pelo sujeito) à este oceano primevo, de quando éramos pacíficos, serenos, despreocupados, pois não existíamos enquanto conscientes; mas éramos plena inconsciência em

<sup>132</sup> WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. In: WITTGENSTEIN, Ludwig. Tratado Lógico-filosófico & Investigações Filosóficas. Lisboa-Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995. ISBN: 978-9723103830.

contínua satisfação: nossa Era de Ouro. Portanto, a mãe é um fim-meio. E nossa existência, de mulheres e de homens (sob as plasticidades que a cada um for inerente) segue amando em busca do Real, este, que talvez seja o oceano incomensurável, indizível?

\*

“não existe o ser, isto é, nada existe; mesmo que existisse o ser, ele não seria  
compreensível; e mesmo admitindo que fosse compreensível, ele não seria comunicável  
nem explicável aos outros.”<sup>133</sup>

A verdade nos é vedada, caso tenhamos seu conceito enquanto “aquilo que é”, seja pensando sobre a verdade ou sobre as verdades (e o que acabei de dizer também não é uma verdade, mas apreensão de um fenômeno, do que aparece). A vedação, o velamento em nós quanto a verdade, situa-se na impossibilidade do compartilhamento do mundo a nós mesmos, daquilo que ele seja – estranha ideia, já que o mundo não é linguagem, e sim apenas “o mundo em nós é”. Caso ele pudesse se compartilhar a nós, sujeitos, transformando-se em pensamento – isto por milagre –, o próprio pensamento não poderia ser dito, já que o pensamento, apesar de ocorrer através da gramática em nós mesmos enquanto pensantes; antes dele se tornar linguagem, o próprio pensamento é o mundo imagético, o mundo imagetizado, digo, posto, neste caso, em imagens, vivido em imagens, e só depois, com a repetição das instruções de nossos primeiros cuidadores, adestramento mesmo de nossa adaptação funcional, moral, ética, utilitária, gráfica, enfim, estética ao mundo, cultural, o letramento passa a constituir palavras à verdade, porém, esta já é outra coisa diante a nossa adaptação ao viver humano, linguagem.

A linguagem está imensamente distante do mundo. Mas como conseguimos construir a cultura, esta grande sublimação do inconsciente? Acordamos, enquanto fazemos acordos, a partir dos fenômenos, que são “aquilo que aparece”. Realizamos nosso viver, enquanto sujeitos, mergulhados nos fenômenos. Mas o que eles são? São aquilo que são para nós; eles nos afetam na singularidade que nos afetamos diante a nossas vivências embebidos deles, dos fenômenos. Em ambivalência, e singularmente, a “verdade” nos invade e nos alimentamos “dela mesma” através do nosso partido amor ao mundo. O tememos e o desejamos.

\*

“[...] de acordo com a nossa suposição, as pulsões do Eu provêm da animação da matéria inanimada e querem restabelecer o estado inanimado.”<sup>134</sup>

Perseverando na especulação, com a Psicanálise, consideramos a existência de um destino, o

<sup>133</sup> GÓRGIAS. In: REALE, Giovanni. **História da Filosofia Antiga**. São Paulo: Edições Loyola, 1993. v. i. ISBN 85-1500846-7.

<sup>134</sup> FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer** = Jenseits des Lustprinzips. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2020. 506 p. Obras incompletas de Sigmund Freud. ISBN 978-65-88239-00-1.

retorno ao silêncio do inorgânico. As pulsões, tanto de vida, como a de morte, tensionam entre si nas realizações do sujeito e da política (esta última, a ação dos sujeitos em função de si mesmos enquanto sociedades). Essas realizações, sejam elas sexuais, logo, afetivas; quanto em estados de sublimações na criação da cultura, da sociedade através das artes; ciências; religiões (que são outras formas de afeto), levam, per si, a esgotamentos da própria pulsão de vida, retornando a estados já realizados, revalorando aquilo que ficou perdido há décadas, séculos e até mesmo há milênios. Parece ser um respiro em busca de novas sublimações; reconfigurações daquelas que alcançamos, até que, aos poucos, os sentidos construídos, encontrados, não perdendo seus próprios “para que”. Viktor Frankl, criador da Logoterapia, ao observar prisioneiros, como ele, em campos de concentração nazista, constatou algo: aqueles prisioneiros que mantinham sentido às suas próprias vidas, permaneciam vivos por mais tempo, apesar de os horrores por eles vivenciados. Este exemplo, creio, riquíssimo para todos nós, nos ilustra bem o antagonismo, teorizado pela Psicanálise, entre a pulsão de vida e a pulsão de morte. O fim é a inércia, mas perduramos durante toda a vida num escape que, apesar de nos levar a realizações性uais, logo, afetivas, são intrinsecamente um esgotamento da própria pulsão de vida, e a pulsão de morte, sempre estando na espreita, realiza-se sempre vencedora.

Já pensamos se a vida humana apenas possuísse a pulsão de vida? Estaríamos acumulados no tanto que seríamos, sem o vazio que precisa se opor ao preenchimento para que a humanidade se mova. Talvez nem tivéssemos cultura. Animais sempre sorridentes?...

\*

Uma grande característica do sujeito é o seu antagonismo. Muitas vezes, quando se diz que “não é algo que se quer”, em realidade “é algo que se quer”, que “não pensava em algo”, “pensava em algo”; quando se sonha com uma pessoa, esta representa outra pessoa (o que em Psicanálise é chamado de deslocamento); escreve algo em substituição do seu oposto, dentre outras situações que se assemelham a essas. Em grande parte, esta dicotomia desvela o próprio inconsciente que, diante ao superego que delimita a realização de desejos, aquele camuflasse, deslocasse (como dito acima), condensasse no intuito de realizar desejos inconfessos, impensáveis, chegando a ser os sintomas psicossomáticos realizações de desejos do inconsciente, vias de escape, vias de fuga: a liberdade do inconsciente além das delimitações da censura.

Segundo Freud, línguas antigas - também as modernas possuindo, aos seus modos -, como a egípcia, tinham esta característica, a de serem, além de duais, muitas vezes contraditórias em suas linguagens. Diante a isto, podemos dizer que, numa alusão a um dito de Jacques Lacan - o inconsciente estruturasse enquanto linguagem - o inconsciente camuflasse em linguagem. Me vem a lembrança do símbolo chinês chamado tei-gi, que expressa o uno enquanto uno-outro, e nesta perspectiva identitária o outro-sendo-o-uno. Logo, o que é expressa o que não é ele mesmo, e vice-versa, e, ao girarmos bem rapidamente o círculo do tei-gi (lembrança que há décadas um colega, praticante de kung-fu e grande sábio do Tao Te King me falou), encontraremos não a dualidade, mas a integralidade do uno/outro, pois uno. Parece que aqui também encontramos aquilo que em Talassa, de Sándor Ferenczi, é expresso: a inorganicidade desejada pelo sujeito, por um retorno à ela, e nela estando sem identidade, mas, sim, num pleno

silêncio.

\*

O psicanalista, ao contrário de determinadas compreensões correntes, não possui o saber antecipatório à clínica. A Metapsicologia, logo, a Psicanálise, constrói-se diante ao que se desdobra do sujeito no setting clínico. No máximo – e isto já é muito – antecipadamente em relação à clínica que virá, ela, a Metapsicologia, teoriza acerca das estruturas da psiché. Mas não esqueçamos que esta antecipação ao porvir, que é o momento clínico, só é possível por esta corrente psicológica ter aprendido sobre o sujeito na própria clínica que já ocorreu, com este mesmo paciente ou com milhares de outros no decorrer de décadas catalogadas em inúmeros livros, artigos, palestras. O fenômeno, neste caso, a estrutura de cada sujeito, este sendo dito por si mesmo enquanto linguagem, é irrepetível, exclusivo em suas formas de canalizar a pulsão sexual, seus afetos; daí a Psicanálise não caber na científicidade que tenta dar conta do uno pelo múltiplo repetível. Ela, a Psicanálise, não é um saber prévio àquele que se dispõe enquanto inconsciente, digo, o analisando na clínica. Na compreensão deste, pode até existir um pretenso saber por parte do psicanalista, e isto mesmo desencadeia o dispor-se, por parte do analisando, à pergunta necessária que o levará ao “porquê” de seu sintoma, com o auxílio do psicanalista, intérprete do inconsciente.

\*

“A iniciação e os rituais, assim como a leitura dos seus textos, lhes ofereciam urna bagagem de conhecimentos dos mistérios que lhes permitia saber como obter um destino especial no outro mundo, a fim de liberá-los da culpa originária que acreditavam carregar.”<sup>135</sup>

Em diversos povos e em várias épocas encontramos nas religiosidades; nas doutrinas religiosas e nas religiões similitudes quanto a uma profunda “culpa” que a humanidade carregue. Culpa esta que podemos considerar desvio da retidão; afastamento de Deus ou dos Deuses, aquilo que nós ocidentais chamamos de pecado; um desvio da Natureza, desvio do caminho eticamente a ser seguido e outras interpretações semelhantes ao que seja esta culpa.

Para a Psicanálise, reconhecendo a soberania do discurso do analisando na clínica psicanalítica, que antecede a sua própria teoria, vislumbra-se que existe uma percepção coletiva de sua – da humanidade – “culpa originária” que é, segundo o mito da horda primitiva, uma herança do parricídio executado pelos filhos do pai soberano em sua liberdade. Aqueles, invejosos, enciumados da relação plenamente livre do pai primevo com suas filhas e esposas, se associam para que a limitação de gozo, que lhes era imposta (agressivamente diferente do poder absoluto do pai), acabasse. Porém, diante a culpa, culpa agora envergonhada, o pai assassinado passa a ser periodicamente lembrado; louvado; cultuado; assim como imolado e comido através do uso de

<sup>135</sup> BERNABÉ, Alberto. **Sobre os praticantes do orfismo na Grécia antiga.** In: BERNABÉ, Alberto. Platão e o orfismo: diálogos entre religião e filosofia. 1. ed. Brasília, DF: Annablume Editora, 2022. 572 p. ISBN 978-8539102396.

um animal que, para os filhos, simbolize ser o pai, em lembrança do mal coletivo familiar lançado sobre ele também são feitos totens. Através de mecanismos de sublimação, dentre outras superações das sociedades que fomos construindo, por milênios, as religiões são aquelas conquistas culturais que, talvez, mais explicitamente denotam, em seus discursos, a presença do pai enquanto o Pai Deus; seu Filho-Pai sacrificado; e noutra cultura citada, como Orfeu que foi esquartejado; Orfeu que, em muitos aspectos, tem características divinas, ou até é confundido com Dioniso, que também foi esquartejado pelos Titãs. Por outro lado, os Titãs talvez fossem guardas de um rei e que ele estando distante, tendo colocado seu filho em seu lugar, filho ainda criança, a rainha, em profunda inveja, articula com os guardas do palácio a morte da própria criança. O que temos? Desdobramentos culturais do mito da horda primeva, e isto ocorre até nossos dias.

\*

O setting psicanalítico, o momento de análise, compõe-se do encontro da pessoa com o inconsciente, com seu próprio inconsciente, logo, consigo mesma. O sintoma, seja o de uma neurose mais intensa, ostensiva, ou do campo patológico do cotidiano, já é uma resposta corporal e/ou psíquica para com o desejo indizível, impensável por vias comprehensivelmente conscientes. Entretanto, ao analisando, diante ao psicanalista, falta a pergunta que ativará a compreensão sobre o que se deseja. Sua disposição, a do analisando, durante sua análise, põe-se através da chamada associação livre. É como se, estando deitado no divã ou sentado numa cadeira em frente ao analista, em consulta online, por exemplo, o sujeito deixasse sonhar, deixasse... Com isto ele desfaz inúmeras amarras do superego, o ludibriar, dispondo um ordenamento de imagens para si mesmo, a princípio caótico (um sonho) - muitas vezes -, e que, tendo o analista como a imago, o espelhamento de si mesmo do analisando enquanto inconsciente, a interpretação daquele, neste caso, disposto numa atenção flutuante, desvela seus mais recônditos desejos ancestrais da espécie e pessoais da atualidade chamada de sua própria existência, de si mesmo enquanto analisando, sujeito que se descobre, se encontra. A memória sofrivelmente vivida retorna ao seu lugar, e nisto aqui lembramos Maurice Merleau-Ponty:

“[...] minha posse do longínquo e do passado. Assim como a do futuro, é apenas de princípio, minha vida me escapa por todos os lados, ela é circunscrita por zonas impessoais”<sup>136</sup>

E assim precisará ser, pois nossa vida necessita ser vivida aqui e agora, e em novas direções; e só às vezes que precisamos recorrer à memória, e nesta união entre passado reconfigurado e presente firmado, o futuro é construído.

\*

Há pouco tempo, em 2022, o então Alto Representante da União para os Negócios Estrangeiros e

<sup>136</sup> MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. 2. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999. ISBN 85-336-1033-5.

a Política de Segurança da União Europeia, Josef Borrell, afirmou, em público, que "se não queremos que a selva coma nosso jardim, temos que acordar". Alguns meses após, o mesmo Representante continua esclarecendo, digamos: "O resto do mundo [...] não é exatamente um jardim. A maior parte do resto do mundo é uma selva, e a selva pode invadir o jardim. Os jardineiros devem cuidar disso, mas eles não vão proteger o jardim construindo muros", além de falar que os "jardineiros" precisam se aproveitar do seu "privilegio". Certamente, não era acerca de trepadeiras que ele estava se referindo, mas de outros povos.

Evidente, esta visão racista, que não surgiu de hoje, mas de há muito tempo, vem corroendo as parcias oportunidades do evolver da humanidade, desde os pontos de diferenças étnicas, através de diálogos válidos ao amadurecimento de que o reconhecimento das nossas diferenças culturais evidencia, justamente, a nossa igualdade enquanto espécie humana. Nossas diferenças, reconhecidas por todos nós, são exatamente aquilo que nos une em linguagem, solidariedade, compaixão, fraternidade; para me utilizar de sinônimos.

O pai da Psicanálise, Sigmund Freud, judeu, diante ao que se vivia sua etnia, há milênios – perseguições, exílios, mortes, preconceitos diversos –, e cada vez mais encravado desde início do séc. XX, se contrapõe veementemente à ideia, propagada pelo nazismo – este, que já tinha corpo formado em inícios da década de 30 daquele século, em alguns países da Europa Ocidental –, de que o conceito de civilização esteja acima do conceito de cultura. Observando as falas do sr. Borrell acima, em contraposição àquele, reafirmamos, com Freud, a fundamental unidade entre cultura/civilização, logo, civilização/cultura.

Os motivos da postura política freudiana – e, aqui lembro ideia equivalente noutro grande judeu, Edmund Husserl, criador da Fenomenologia do século XX – são simples: caso consideremos a civilização acima da cultura, referiremos à nossa civilização – ou a de outros – enquanto aquela acima de toda e qualquer outra “tentativa” de civilização, logo, quaisquer outras “pseudocivilizações”, “quase-civilizações”, essas estariam instaladas no máximo em etnias – como se isto fosse pouco –, e essas mesmas seriam culturas pequenas, bolhas de ocorrências humanas menores. Por outro lado, se considerássemos uma cultura acima de outras, a nossa própria cultura, por exemplo, seria ela a propiciadora da Civilização; deteríamos a validade cultural e os outros, da selva, não seriam reconhecidos civilizados, culturados, só se fossem por nós, caso eles conseguissem se adaptar, se quiséssemos adaptá-los, se fossem úteis, ou...

\*

Em determinada medida, há uma crença, a de que a Psicanálise é voltada sumamente aos neuróticos mais ostensivos, digamos assim, aos histéricos, aos neuróticos obsessivos e aos psicóticos – sendo que esses últimos, caso sejam tratados com a Psicanálise, paralelamente são, muitas vezes (se não em todos os casos), tratados com psicofármacos por profissionais adequados, psiquiatras autorizados a ministrarem esses remédios, caso necessário. Porém, a neurose nos constitui, e, como o próprio Freud assinala, se estamos aptos ao trabalho e ao amor, aí já há razoabilidade afetiva em nosso próprio viver, e a neurose de cada um fica subsumida.

O inconsciente nos constitui, e tanto a animalidade, em suas pulsões sexuais, quanto – agora no

que podemos nos referir enquanto sujeitos sociais –, a civilidade, que é a cultura, se nos impõe tantos imperativos, na forma do supereu, limites às nossas relações, vez ou outra a tensão entre o sujeito, que é o Inconsciente, e a cultura provoca isto que é dito em carta logo abaixo, por exemplo. Eis momentos sintomáticos que nos indicam a provável necessidade em buscarmos auxílio na Psicanálise, óbvio, nós mesmos reconhecendo esta oportunidade como salutar, diante a psicopatologia da vida cotidiana.

"Se ele é infeliz, neurótico, acossado por conflitos, tem sua vida social inibida, a análise pode aportar-lhe harmonia, paz de espírito, eficiência total, quer ele siga sendo um homossexual ou tenha mudado."<sup>137</sup>

\*

Os mitos têm papel decisivo na construção da Metapsicologia, digo, da Psicanálise. Para que o sujeito possa ser compreendido em suas pulsões sexuais – pelo menos em certas condições delas –, conforme sua hipótese, a do pai da horda primitiva, Freud também recorre à milenaridade mítica que transportaria memórias longevas da espécie humana, ainda mais anteriores às próprias construções míticas dos povos da antiguidade. Heroísmos; sacrifícios; semidivindades; humanos que teriam em seus futuros, após a morte física, a condição de infinitos, de deuses; assim como os próprios deuses e outras figuras e situações. Muitos desses aspectos seriam desdobramentos do mito freudiano do pai primevo, dos filhos impedidos em gozarem do mesmo que o pai; este, conforme o próprio Freud, o além-do-homem nietzschiano, só que não pertencente ao porvir, mas ao que já veio, ao passado há tanto perdido enquanto história, mas permanecido em vestígios arqueológicos, digamos, da carnalidade do humano.

\*

Na obra *Totem e Tabu*, Freud ensaia o mito do pai da horda primeva, aquele homem que seria o detentor da absoluta liberdade em usufruir das mulheres de sua tribo, sem parâmetros incestuosos, sem tabus. Já, por outro lado, seus filhos permaneciam barrados quanto a este gozo pleno. Até que os filhos decidem juntar-se em prol de um objetivo meio para que o fim fosse alcançado: mataram o pai e puderam possuir as mulheres. Porém, um sentimento de culpa pairou nesta tribo e, para expurgar, em ambivalência, o assassinato do chefe da horda, de seu próprio pai, decidiram criminalizar o incesto, sendo que podiam conquistar, muitas vezes em batalhas, mulheres apenas fora de sua tribo; assim como puseram a lembrança do pai assassinado em forma de totem, mesmo que em variâncias de figuras animais representativas do próprio pai primevo no totem. Adorado, lembrado, amado, assim como, ritualisticamente o devoravam periodicamente, em rituais, através do mesmo animal que o representava em totem. Esta lembrança perdura até hoje, sendo que as instituições várias que fomos construindo, no decorrer das eras – e que ainda constituímos –, igrejas, museus, bibliotecas, institutos científicos, centros culturais, tornaram-se nossa penitência pelo assassinato de outrora, na lembrança de que a liberdade absoluta das pulsões tem características fundamentalmente destrutivas para com aquilo

<sup>137</sup> FREUD, Sigmund. **Carta a uma mãe preocupada com a homossexualidade de seu filho** (1935). In: FREUD, Sigmund. Amor, sexualidade, feminilidade. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2023. v. 7, 380 p. Obras incompletas de Sigmund Freud. ISBN 978-85-513-0361-0.

que mais amamos. Sublimamos o desejo na civilização.

\*

A questão da verdade tem suscitado diversas compreensões - pelo menos desde que a Filosofia Ocidental (se aqui pensarmos apenas nela) dispôs-se a tentar desvendá-la. Dentre correntes filosóficas, o Ceticismo Pirrônico pôs-se como um árbitro acerca das validades dogmáticas de algumas das principais correntes do período chamado de Helenismo (os dois primeiros séculos da Era Cristã). Aquele ceticismo não nega, em absoluto, a possibilidade em se encontrar as verdades das coisas, apenas, em sua crítica, põe em suspensão o juízo de que determinado caminho filosófica detenha a linguagem acerca das verdades das coisas. Agora, evitando irmos a muitos detalhes, podemos dizer que sképsis, ceticismo, pode ser compreendido não como negação, mas investigação, busca, pesquisa: insistência. O cétilo, portanto, mantém-se filósofo insatisfeito quanto aos seus próprios limites diante ao que seja o mundo.

Sigmund Freud, declaradamente um cétilo, buscou combinar o que se encontrava na clínica psicanalítica que se iniciava, que se desenvolvia no decorrer das primeiras décadas do séc. XX, com achados fragmentários da Biologia, da jovem Psicologia, da Dramaturgia, muitas vezes clássica, moderna e contemporânea, da Escultura, Literatura, Filosofia, Arqueologia e tantos outros discursos e silêncios que buscavam compreender o que fosse, o que seja o ser humano. Ensaísta, Freud, sem perder as riquezas que a ele chegavam da clínica, elaborou ceticamente um discurso coerente, possível, ao que fossem as psicopatologias, inserindo nessas as também da cotidianidade. O criador da Psicanálise não tentou impôr verdades psicanalíticas aos seus pacientes, mas, ao contrário, fez crescer a Psicanálise com as verdades dos próprios pacientes.

\*

A interpretação psicanalítica não tem característica historial, de, numa tentativa de equivalência, através dos achados de textos completos, livros antigos, narrações, diversas e confluentes, precisas em torno de algo, se achar as verdades que há tempos estavam guardadas pelo analisando. A tarefa da Psicanálise – isto para falar apenas quanto a sua clínica – é muito mais complexa.

Diante ao inconsciente, este que é o próprio sujeito, que é indizível na sua plenitude, esquecido e censurado em seus desejos mais íntimos e poderosos, e que só fragmentariamente, por atalhos, se expõe através de sonhos, dos atos falhos, dos chistes, dentre outras ocorrências não lineares da vida, a Psicanálise tem sua tarefa fundamental: através do psicanalista e, em certos momentos, também através do analisando, aquela se circunscrever numa arqueologia. E de onde parte este termo? Temos arché, que pode ser entendida enquanto fonte; princípio; principiador; originante; originário, e logos, clareira; investigação; linguagem. Diante a vestígios, fragmentos do passado da vida do analisando, que se psicossintomatizam, o trabalho do analista é o de compor das réstias que ficaram do trauma, do impedimento ao sujeito que buscava se realizar, o analista refaz a imagem do quebra-cabeças, sempre dentro do possível interpretativo. Aquele, o analista, vai cavando fundo, através da interpretação diante aos restos deixados pelo caminho da história do sujeito.

\*

Os sonhos ocorrem para que continuemos dormindo, entretanto, por que o seu conteúdo é tão misterioso, sobreposto, surreal, condensado, deslocante, ilógico para os nossos estados de vigília, nós estando acordados?

Somos, enquanto Sujeitos, Psiché, somatória de desejos, de pulsões animais mescladas com aquilo que, para nossa cultura - já desde a ancestral (bastante ancestral), e a atual - é proibido, barrado para que se preserve a própria sociedade em que vivemos, em que aprendemos viver. Entretanto, o que é na condição de inconsciente é plenamente livre, logo, desejante, e pulsões eróticas, amorosas - que é a própria sexualidade -, além do sexo, logo, também com ele ou sem ele, através de canais libidinais (jorros pulsionais) sempre batem na porta da fronteira de uma outra parte do próprio Sujeito. À esta parte chamamos de Consciente, nosso elo com o mundo exterior; elo este adestrado; educado; contido, restringido pela cultura que nos acolhe e, ao mesmo tempo, nos repele na nossa própria construção de nós mesmo, de nós enquanto sujeitos cada vez mais inseridos nas inúmeras relações humanas, em seus diversos matizes.

O momento do sono faz com que - estando a condição consciente bastante entorpecida, fragilizada, digamos - possamos, mesmo que virtualmente (já que é em sonho), atuar com a liberdade característica do estado inconsciente, mesmo que isto, esta liberdade, não esteja em sua plenitude. E por que nossa liberdade não é plena? O motivo é porque um decisivo instrumento de guarda, preservador das censuras da vida cultural situa-se na própria fronteira pré-consciente, fronteira esta que mais adiante, no decorrer da Metapsicologia, digo, da Psicanálise, passa a explicitar-se como o guardião chamado supereu. Começamos a ter, na teoria psicanalítica, além de um nome fronteiriço entre o Sujeito, que é o inconsciente, e o seu consciente (continuação do próprio Inconsciente, sendo que nesta condição este situa-se bastante restrito), as forças desta fronteira passam a ser efetivamente nomeadas de supereu: educação, proibições, necessárias sublimações, tabus, por exemplo.

Estando o Supereu enfraquecido durante o sono, realizamos desejos indizíveis, inconfessos, animalescos, raivosos, sensuais além da conta; realizamos quase sem limites. Logo, não esqueçamos, escamoteamos o desejo, o compactamos – sobreponos informações escondendo coisas –, o deslocamos – um personagem que seria o do desejo, aparece como outro, por exemplo –. e, com essas composições, sonhos são formados.

Mas, e os pesadelos? Coisas que tanto escondemos de nós mesmos são para serem sonhadas? Isto é um masoquismo? Sim, também pode ser; mas fiquemos por aqui, por hora.

\*

A arte, um dos sacrifícios necessários para o nascimento da cultura/civilização – e talvez seu maior expoente –, tem também como objetivo, talvez o fundamental, o nosso próprio ultrapassamento da animalidade que nos constitui. Porém, mesmo distantes da crua natureza, esta mesma se recoloca em nossas criações artísticas: o bucólico; a "Idade de Ouro" da humanidade; representações de mares bravios ou mansos, campos verdejantes ou repletos de neve; tantas intempéries da própria natureza surgem e, muitas vezes, no próprio desejo de nosso

retorno ao elementar da vida.

\*

Uma grande distinção epistemológica (digo, das bases científicas) da Psicanálise em relação a outras ciências, é que ela, mesmo tendo como sua pré-história o fisicismo da anatomia; assim como descobertas neurológicas de finais do séc. XIX, e que ele, Freud, participou diretamente; dentre outras contribuições biológicas, o darwinismo; e mesmo a própria Psicologia de Wilhelm Wundt e Gustav Theodor Fechner (assim como de outros desta área); não esquecendo de Filosofias e da Literatura – se apenas ficarmos nestas grandes áreas –, a dramaturgia tem papel fundamental. Sófocles, com suas tragédias, é um grande exemplo ilustrativo para que se compreenda, sob o viés psicanalítico, a própria existência dos pacientes, sua psicologia da vida cotidiana, logo, nesta extensão, se compreenda a psiché humanidade (naquilo que é possível para a Psicanálise desvendar) em sua diversidade cultural, perceptiva, de escolhas, de desejos, de delimitações pessoais, de censuras, de utopias. fantasias pessoais e coletivas; de seus traumas, bloqueios, de suas neuroses. O que podemos fazer de nossas vidas? Esta pergunta não nos traz respostas diretas, mas, com certeza, deixa sob a luz do dia possibilidades infinitas que despontam quanto a multiplicidade que se situa nas próprias lacunas do nosso existir; naquilo que ainda não foi feito; não foi afetado, ou não tanto. As tragédias de Sófocles, especialmente Édipo Rei – este, contínuo fugitivo de seu destino e, exatamente por isto, mergulhador no próprio trágico desenlace de sua vida – nos expressam que o fazer ciência sobre o sujeito, sobre a psiché, depende de um olhar cada vez mais amplo ao que surge no atendimento clínico.

\*

Sob a perspectiva psicanalítica, e num recorte pessoal nosso (da teoria psicanalítica até agora estudada), podemos dizer que o inconsciente é constituído de memórias ancestrais da nossa espécie, assim como da herança de outros animais não humanos e de toda cadeia da natureza em que nossa corporeidade necessita para ser o que é fisicamente. Quanto a memória, a herança da nossa espécie não se restringe a aspectos materiais, mas também a ocorrências psíquicas de épocas que denominamos pré-históricas, de relações interpessoais, e nessas pode-se ter traumas; conquistas pessoais e tribais; vitórias; perdas; enfim, afetos. Além desta arché, desta fonte, nosso período intrauterino vincula-se às heranças a pouco citadas e ao estágio de gestação, este, agradável e/ou perturbador. Enfim nascemos e nos deparamos com um exterior exigente e que não supre de imediato nossas necessidades, assim como ocorria na placenta. O outro surge, tenta e tentamos nos decifrar; nos vinculamos à ele pela necessidade, suprida ou não; nós ficando na ambivalência afetiva desejando saber qual é o seu desejo em relação a nós. Este evolver do sujeito, da psiché, logo, do inconsciente, o “cinde”, o fronteiriza, em mobilidade constante, entre si mesmo, inconsciente, seus picos, o consciente, este que é a própria extremidade do inconsciente, em contato com o mundo exterior. Este outro mundo, o exterior ao inconsciente, socialmente lhe barra; barra suas pulsões. Quanto ao ponto fronteiriço entre o inconsciente e o consciente, que se relaciona com o mundo exterior, este chama-se pré-consciente, fronteira entre o sujeito, livre em desejo, e o fora, normatizador, condicionante, legalista, necessariamente limítrofe para que possamos viver uns com os outros. Quais são as

medidas de força e de fraqueza para sermos?

\*

Em nossa história já prevaleceram inúmeras concepções para o que pode ser hoje visto como psiconeuroses; sobre histeria e a neurose obsessiva, por exemplo. Excetuando ocorrências que possam transcender as científicidades de todas as épocas (as místicas, por exemplo). Na antiguidade, pessoas ostensivamente neuróticas poderiam ser vistas como sábias, arautos dos deuses; na medievalidade o corpo estranho da pessoa poderia ser compreendido como uma "casa do diabo"; na modernidade, sujeitos psiconeuróticos equivaliam a criminosos e eram trancafiadas ao lado de órfãos e de reais criminosos; enquanto que na contemporaneidade os psiconeuróticos, sob a batuta diagnóstica materialista, tinham suas existências objetualizadas no intuito de se encontrar neuro anatomicamente, e através da fisiologia, as causas daqueles sintomas tão peculiares. Entretanto, em finais do século XIX, um anátomo-neurologista, Sigmund Freud, a princípio com seu colega Josef Breuer, aos poucos vai desvelando a inconsistência da chamada relação causal entre o sintoma e a anatomia da pessoa. Eis que nasce uma concepção científica contemporânea de psiché que se destaca da supremacia da matéria anatômica enquanto causa dos sintomas.

\*

Para o psicanalista Donald Winnicott, a mãe suficientemente boa – que esta seja a própria mãe ou outra pessoa – é fundamental para a formação do sujeito, ainda bebê, pequena criança. Aqui não nos referimos a uma mãe perfeita, mas que, na condição mais afetiva o possível e necessária, proteja; estimule; fortaleça; provoque; sinalize. Em síntese, que seu cuidado sempre "proponha" à criança que se torne si mesma. Para aquele pediatra e psicanalista, a mãe necessita ser, digamos, um continente (Bion), logo, acolhimento à criança em sua condição de dependência, de fragilidade, e que a mãe suficientemente boa estimule para que a criança cresça; se fortaleça; que a ela sejam mostrados e deixados – sempre em observância à integralidade daquele ser – desafios a serem alcançados e ultrapassados. Que o amor parental seja o começo do amor a toda a vida.

\*

### **Algumas reflexões sobre a obra Thalassa, de Sándor Ferenczi**

O que será que origina o amor? Temos desejo profundo, inconsciente, de retorno, mas não para algum lugar que nos é próximo; e que também temporalmente seja de poucas horas atrás, até alguns anos; e mesmo décadas que já se foram de nossa vida. O desejo de retorno nos remete a uma ancestralidade da matéria infinitamente simples que já fomos – aqui falamos de uma memória da própria matéria. Desejamos retornar ao inorgânico. O amor provém e nos remete à inconsciência, cada vez mais primeva: nostalgia, consciente e inconsciente, da infância; da nossa fase de bebê, em que éramos onipotentes, do útero no microoceano da placenta; do silêncio, enfim(?), temos nostalgia do oceano. O amor nos leva ao mar.

\*

A arte pode ser compreendida como nossa superação da natureza (não a única forma desta superação). A beleza do que fazemos pode alcançar o sublime – daí a impactante desarmonia, diferença, distância entre a arte e a natureza. Nós, enquanto sujeitos, somos entre esses dois mundos.

\*

"A principal crítica à versão por "instinto" foi encampada e elaborada por teóricos franceses da psicanálise. As primeiras traduções francesas, feitas enquanto Freud vivia (e acompanhadas por ele) recorriam ao vocabulário tradicional, sem maior discussão. A partir de Jacques Lacan, e principalmente com o Vocabulário da psicanálise, difundiu-se a alternativa pulsion, que aos poucos foi sendo adotada em outras línguas neolatinas: na edição italiana de Musatti e Boringhieri, na nova edição castelhana de J. L. Etcheverry, nas traduções catalãs (pulsió) e entre psicanalistas brasileiros."

"[...] o Trieb, inequivocamente humano, é um 'conceito-limite entre o somático e o psíquico, [...] o representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo e que atingem a alma', nas palavras do próprio Freud."

"Segundo o Dicionário etimológico da língua portuguesa, de Antenor Nascentes, 'instinto' descende do latim *instinctu*, 'instigação', e o verbo *instigare* significa 'aguijar, estimular'. Outro dicionário etimológico, o do português José Pedro Machado, dá 'instigação, excitação, impulso' para *instinctu*, exemplificando com uma frase do século XVI: '[...] se não houvera instinto do céu, que movera espíritos, fora impossível haver nenhum sisudo que se sujeitara a tamanha carga'. Portanto, o sentido original é concreto: 'picada, aguihoada'."<sup>138</sup>

Seja qual for a palavra que traduza trieb para nós (pelo menos) da Psicanálise, espero que sempre nos instigue ao "conceito-limite entre o somático e o psíquico", à uma polissemia que é esta própria ponte.

---

<sup>138</sup> SOUZA, Paulo César de. **As palavras de Freud:** o vocabulário freudiano e suas versões. São Paulo, BR: Schwarcz, 2010. ISBN 978-85-8086-159-4. E-book Kindle. Não paginado.

\*

## Sobre o autor

Kleber Lopes de Oliveira é psicanalista, especialista em Filosofia Contemporânea e Mestre em Educação. Possui vasta experiência acadêmica, tendo ensinado para diversos cursos, em uma dezena de faculdades. Em sua experiência acadêmica há maior enfoque na Fenomenologia Husseriana, sob a perspectiva de Martin Heidegger; Filosofia nietzscheana; Metafísica; Cinismo; Ceticismo Pirrônico; Metodologia de Ensino e Metodologia da Pesquisa Científica. Nos seus estudos acadêmicos há ênfase na Sabedoria e Filosofia Antigas, dentre estas, o Ceticismo Pirrônico, principalmente através da Filosofia de Sexto Empírico; no Cinismo de Diógenes de Sínope; no Atomismo de Demócrito, assim como no Ateísmo exposto na filosofia de Michel Onfray, em grande parte através da sua contra-história da Filosofia; na Filosofia Metafísica de Baruch de Spinoza; na Fenomenologia de Edmund Husserl e Martin Heidegger e na Psicanálise.

